

Pe. DIOGO MONTEIRO

# MEDITAÇÕES DOS ATRIBUTOS DIVINOS



VOZES



*F. Schubert*  
*Augusto G. F. de*

MEDITAÇÕES DOS ATRIBUTOS DIVINOS



# Meditações dos Atributos Divinos

pele

Pe. DIOGO MONTEIRO

(Obra Póstuma)

III Edição



1951

EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.  
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

## APROVAÇÃO

do Exmo. e Revmo. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro.

D. Pedro Maria de Lacerda, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, Capelão-Mor de S. M. I.

O homem foi feito, diz S. Agostinho, para conhecer o sumo Bem; conhecendo-o, amá-lo; amando-o, possuí-lo; possuindo-o, gozá-lo. Ora, poucos livrinhos há que tanto contribuam para que conheçamos a Deus, e nos sintamos excitados a amá-lo, como este que escreveu o Padre Diogo Monteiro. Nele andam a par e abraçados em apertado amplexo a Teologia e a Filosofia, a Fé e a Razão, e tudo realçado por um delicioso estilo, puríssima linguagem portuguesa, castíssimo sentimentalismo, e belíssima poesia. Com razão foi esta obra aprovada em Roma quando pela vez primeira apareceu à luz na Cidade Eterna em 1671; e com razão tem sido até hoje estimada de todos os amadores da lingua Portuguesa, e de todas as almas Cristãs.

Graças a Deus, houve quem no Rio de Ja-



neiro a quisesse reimprimir, e como todos podem lucrar muito com sua leitura, principalmente os jovens dos Seminários e dos Colégios, mormente os que estudam Teologia ou Filosofia, Nós não só aprovamos a reimpressão deste exímio opúsculo, mas muito o recomendamos, pedindo a Deus que todos o procurem ler e seriamente meditar. Oh! que grandes proveitos resultariam para bem de todos; quanto contribuiria sua leitura para ser santificado o nome do nosso Grande Deus, para vir a nós seu reino e para ser com amor feita na terra sua vontade como é nos céus, onde ele habita, e onde desejamos passar eternamente nossa vida de além túmulo!

A bordo do vapor *Navarre*, já perto da Baía, em caminho para o Concílio Ecumênico do Vaticano, aos 27 de Outubro de 1869.

† *Pedro*

Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

## BREVE NOTICIA SOBRE O P. DIOGO MONTEIRO

O Padre Diogo Monteiro, da Companhia de Jesus, autor das *Meditações dos atributos divinos*, de que a "Editora Vozes" apresenta hoje aos católicos brasileiros a terceira edição, figura com particular realce na vasta galeria de mestres abalizados que, no século XVII, ensinaram com grande esplendor letras humanas nos colégios de sua Ordem — galeria constituída por nomes ilustres de que a história guarda admirativa lembrança e dentre os quais sobressaem, para citarmos apenas os mais ilustres: o castiço historiador de S. Francisco Xavier, João de Lucena; Baltasar Teles, de quem escreveu Camilo Castelo Branco ter sido o "mestre de tantos homens primaciais em seu tempo"; Jorge Cãbral, um dos letrados de nome que a Companhia teve em Portugal; André Gomes, orador insigne; Francisco Machado, que mereceu a primazia entre os maiores professores da oratória como da poesia; André Fernandes, confessor do príncipe D. Teodósio e de D. João IV; Francisco de Mendoça, Francisco Soares Lusitano, afamados por suas obras magistrais;



Bento Pereira, mestre laborioso, incansável, de vastíssima erudição, escritor aprimorado e fecundo, Antônio de Vasconcelos, Manuel Fernandes, Manuel Godinho, o cronista do Brasil Simão de Vasconcelos, e inúmeros outros.

Nascido na freguesia de Nossa Senhora da Graça, perto de Évora, em 1561, entrou no noviciado em Janeiro de 1577; ensinou retórica em Coimbra; filosofia, Escritura Sagrada e Teologia em Évora, onde exerceu as funções de prefeito dos estudos; foi, depois, duas vezes mestre de noviços, passando, em seguida, a reitor de Braga e Lisboa, prepósito da casa professa daquela cidade e provincial de 1629 a 1633. Faleceu em Coimbra a 27 de Maio de 1634.

E' autor das seguintes obras:

*A arte de orar.* Em casa de Domingos Gomes Loureiro, impressor da Universidade de Coimbra, 1630, 4º de XIX+604 fl., a que vem apenso o *Método de fazer confissão dos peccados*, em 85 páginas.

*Devoto exercício da paixão de Cristo, repartido por horas, que a alma devota deve fazer entre dia.* Lisboa, por Manuel Carvalho, 1632, 8º

*Meditações dos atributos divinos, compostas pelo venerável e devoto padre Diogo Monteiro, da Companhia de Jesus, mestre de noviços muitos anos e provincial da provincia de Portugal. Obra póstuma. Dá-se, no principio, noticia do autor, com um compêndio de sua santa vida e morte, composto pelo P. Nuno da Cunha, que foi seu noviço e companheiro, sendo*

provincial, e depois assistente da *Companhia*. Em Roma, na oficina de Ângelo Barnabò, ano de 1671, 8º de XII+68+344 páginas, com retrato, que falta em alguns exemplares. — *Segunda edição*. Rio de Janeiro, Garnier, 1869, 8º

*Carta sobre a morte do Irmão Antônio da Cruz*, falecido em 1632, citada e utilizada por Antônio Franço, na *Imagem da virtude em o noviciado de Lisboa*, 1717, p. 476-484.

### *Cartas espirituais.*

Diogo Monteiro elaborou com pena maviosa seus escritos ascéticos e com tanto esmero os aperfeiçoou que foram justamente considerados merecedores de figurarem entre as obras clássicas da língua portuguesa.

“A *arte de orar*, que é fruto de trinta anos de experiência no exercício da espiritualidade inaciana, expõe largamente, em mais de 1.200 páginas, a teoria e a prática da oração, num estilo encantador, singelo e tantas vezes florido, de surpreendente naturalidade, mimoso e suavemente comovido, em formosa e riquíssima linguagem portuguesa, sem laivos de gongorismo”.<sup>1</sup> “As *Meditações* são tesouro de pura linguagem, de suave poesia e de consoladora e sólida doutrina”.<sup>2</sup>

<sup>1</sup>) *A Companhia de Jesus e a literatura portuguesa no século XVII*, em a revista *Brotéria*, XXXI, p. 446.

<sup>2</sup>) Francisco Rodrigues, S. J., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, t. III, vol. I, Porto, 1944, p. 88.



Quem desejar adquirir mais exaustivas informações no tocante à vida e à atividade literária do P. Diogo Monteiro poderá consultar:

Carlos Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus. Bibliographie*, tome V. Bruxelles, Oscar Schepens. Paris, Alphonse Picard, 1894, col. 1241-1242. Inocêncio J. da Silva, *Dicionário bibliográfico português*, t. II, 1859, p. 167. Antônio Franco, *Imagem da Virtude no Colégio de Évora*, 1714, p. 554-586.

Rio de Janeiro, 5 de Maio de 1951.

P. AUGUSTO MAGNE, S. J.

## MEDITAÇÃO I

### PERFEIÇÃO DE DEUS

#### PONTO I

Caminhando Moisés do Egito pelo deserto à terra de promessa, chegou a tanta familiaridade com Deus, que falavam entre si, Deus com Moisés e Moisés com Deus, como se fossem dois íntimos amigos. Com esta confiança, pede Moisés a Deus que lhe mostre seu divino rosto. Promete o Senhor que lhe mostrará todos os bens, porque todos estão na vista de Deus.

Por benefício vosso, ó grande Deus, sai do Egito do mundo, vou caminhando à verdadeira terra de promessa, que é vossa glória. Entre muitos favores que de vós recebo, o principal é ser admitido à vossa conversação e prática familiar por meio da Oração mental, e chegar a ver vosso rosto da maneira que pode ser, na contemplação a que me levantai. Aqui me mostrais todos os bens, aqui vos acho um ramalhete de perfeições, antes, a mesma Perfeição, Essência uma, Espírito puro e eterno. Em vós, com olhos contemplativos, vejo toda



a Sabedoria, Verdade, Fidelidade, Bondade, Formosura, Santidade, Caridade, Paz, Misericórdia, Paciência, Longanimidade, Justiça, Piedade, Bem-aventurança, Gozo, Fortaleza, Liberalidade, Magnificência; sois Benigno, Clemente, Manso, Suave, Doce, antes a mesma Suavidade e Doçura. Sois Senhor, Criador, Próvido, Grande, Amável, antes o mesmo Amor e Grandeza; Salvador onipotente, antes a mesma Onipotência e Perfeição.

Sendo vós este, Senhor, em vós quero empregar os afetos de meu amor; a vós quero amar de todo o meu coração, entendimento, vontade e potências, alma e corpo. Farei o que fez o negociador evangélico, que tudo vendeu, a tudo deu de mão, só para assegurar o tesouro escondido e possuir a pedra preciosa que achou. O' tesouro imenso de perfeições! O' pérola divina em que está cifrado o preço de toda a pedraria dos bens que se podem imaginar! Em ti quero daqui por diante fazer emprego: a tudo mais darei de mão, só por alcançar e possuir tuas riquezas, que são só as que se podem desejar e pretender.

#### PONTO II

Não é só Deus perfeito porque tem toda a perfeição, mas porque entre tantas não tem falta de alguma perfeição. E' assim, Senhor Deus, que não sois resplandecente como o sol, fértil como a terra, rico como o ouro, fresco como o bosque, pintado como a fênix. Não se acha em vós a harmonia dos rouxinóis, a con-

sonância dos instrumentos músicos, a formosura do rosto humano, a ciência dos filósofos, o ardente amor dos serafins, mas nem por isso sois menos perfeito, nem por isso vos falta alguma perfeição: antes fora imperfeição haver em vós formalmente estas criadas e limitadas perfeições.

Vossa perfeição é sobre toda a perfeição, por eminência, vantajadamente encerra em si todas as perfeições; sois resplendor sobre resplendores, que se não acha nos planetas; abundância sobre todas as abundâncias, que não brota na terra; riqueza sobre todas as riquezas, que não luz no ouro; frescura sobre todas as frescuras, que não floresce nos bosques; harmonia sobre todas as harmonias, que não descanta em instrumentos músicos; formosura sobre todas as formosuras, que não há nos filhos dos homens; amor sobre todos os amores, que não arde nos serafins. Pois assim é, Senhor, que busco na terra, que quero no céu sem vós? Sois meu resplendor, minha abundância, minha riqueza, minha frescura, minha ciência, meu amor, formosura, e todo o meu bem.

Mal se pode assim falar de criaturas, pois não há nenhuma, por mais perfeita que seja, a que não faltem infinitas perfeições; ao rei perfeito em mando e nobreza, falta prudência; ao julgador consumado em ciência, falta inteireza; o que é santo com Deus, não tem graça com os homens; o que é valido com o rei, é malquisto com o povo; têm planetas resplendor, padecem eclipses; há terra formosura, falta-lhe luz; o fogo atividade, não tem fertilidade; o mar é



cristalino, mas não é doce; são os céus transparentes, mas carecem de vida. Sendo esta pobreza e imperfeição das perfeições das criaturas, mal podem em toda ocasião ser boas umas às outras; mal me podem valer a mim, nem eu a elas. De vós, ó grande Deus, andarão dependentes minhas esperanças, em vós fundarei a confiança de minha alma, a firmeza de meu coração; de criaturas me não fiarei; em criaturas não confiarei.

PONTO III

Não sois, Senhor, só perfeito por terdes toda a perfeição, sem falta de perfeição, mas por não terdes mistura de imperfeição; sois puro espírito sem mistura de corpo; simplicíssimo, sem liga de composição; sois imortal sem risco de saúde, nem vida; incorruptível, sem perigo de diminuição de vosso ser; imutável, sem mudança de parecer; imóvel, sem variedade de sítio; imenso, sem limite de lugar; eterno, sem princípio nem fim de tempo; um, sem divisão de essência; verdadeiro, sem falsidade nem mentira; formoso, sem nota de fealdade; sábio, sem erro nem ignorância; pacífico, sem guerras nem discórdias; justo, sem desigualdade; poderoso, sem fraqueza; estais em juventude perpétua sem velhice, em vida perpétua sem morte.

Por estas e infinitas outras perfeições, que tendes de vossa natureza, mereceis, Senhor, todo o louvor, adoração, culto e glória; mas eu, comparando o que sois de vós, com o que vós fizestes por nós, ousa dizer com o vosso Bernar-

do: "Mais amável vos fazem as baixeiras de vossa Paixão, que as grandezas de vossa divina Essência. Os olhos e coração me levais, quando vos vejo independente de criaturas, muito mais quando vos vejo pendente dos braços de uma Virgem no princípio da vida, dos braços de uma cruz no fim da vida. Imenso, sem limites, moveis minha devoção; limitado nas entranhas de uma mãe, na estreiteza de um presépio, me arrebatáis em altíssima contemplação. Formoso, rico, bem-aventurado, suspendeis em admiração os Serafins do Céu; afeado, pobre, nu, desamparado no Calvário, inflamáis os corações dos homens na terra. Criando rios caudalosos, fontes cristalinas, vos reconheço poderoso; morrendo à pura sede na cruz, vos reconheço amoroso. Eterno sem princípio nem fim de tempo, me admiráis; nascido à meia-noite e morto ao meio-dia, me enleváis".

Bendito sejais, Senhor, por serdes grande, bendito por vos fazerdes pequeno. Se, com David, posso dizer: *Magnus Dominus, et laudabilis nimis*: grande Deus e admirável; também com S. Bernardo posso dizer: "Pequeno Deus, e muito amável. Pequeno, grande, sábio, infante, poderoso, fraco, imortal, mortal, imenso, limitado, alegre, triste, vivo, morto, vos quero, vos amo, e eternamente em vida e morte vos amarei".

#### PONTO IV

E' Deus perfeito em grau infinito de perfeição, porque não pode ser mais perfeito, nem crescer em perfeição. Com sua imensidade, abar-



ca de tal maneira os espaços infinitos ainda imaginários, que não se pode estender mais sua substância, nem pode adquirir lugar de novo, que já dantes por ele mesmo não esteja ocupado. Com sua eternidade assim abrange passado, presente e futuro, que não se pode alargar mais sua vida, não pode seu ser dilatar mais sua duração. Com sua sabedoria compreende tão perfeitamente o que foi, o que é, o que será, o que podia ser, e a infinidade de sua essência, que não pode ser mais sábio, nem pode crescer mais sua sabedoria.

E' tal a jurisdição de seu poder, que não se limita a certas criaturas em número e perfeição; pode criar infinitas, de modo que nenhuma criatura, por mais multiplicada que seja em número e avantajada em perfeição, que não possa criar infinitas outras mais nobres e mais perfeitas, e assim nada se pode acrescentar à sua onipotente perfeição, e nada pode crescer sua perfeita onipotência.

E' infinita a bondade que nele floresce, infinita a caridade que em seu peito arde, nem têm termo as virtudes que em sua essência se acham; assim nem pode ser maior sua bondade, nem crescer mais sua santidade, nem resplandecer mais sua caridade, nem ser maior o número de suas virtudes; enfim, não pode ser mais perfeito do que é. À vista de tantas grandezas, prostrado, Senhor, vos adoro, glorifico, louvo e honro; juntamente me admiro do que me mandais: *Estote perfecti sicut Pater vester caelestis perfectus est.* Como pode criatura fi-

nita, imperfeita, antes a mesma imperfeição, imitar a seu Criador infinito, perfeito, antes a mesma perfeição? Salvo se quereis, Senhor, que, contemplando a infinita distância que há de vós a mim, nunca me dê por satisfeito com qualquer grau de perfeição, sempre me dê por obrigado de ir adiante, e entendendo que sempre me falta infinito para chegar a vós, que sois bem infinito, nunca cesse de obrar bem e de crescer, quanto puder, em perfeição. Assim o farei, Senhor, e estimara ter vida infinita para que indo a par com ela o exercício da virtude e perfeição, de alguma maneira pudesse imitar vossa perfeição.

PONTO V

E' Deus perfeito porque sempre está em ato, nunca em potência; sempre interiormente, com seu entendimento e vontade, está obrando sem cessar e sem ter necessidade de descansar. Deus não dorme, diz David, nem pode dormir, nem por um breve momento tosquenejar, sempre com os olhos abertos e vigilantes de seu entendimento, e penetrando sua mesma essência a variedade e a infinidade de criaturas que nela resplandecem; sempre com o fogo de sua divina vontade, se está abrasando em caridade de si mesmo, sem interromper nem um instante o amor com que a si e a suas criaturas está amando; entre elas tenho eu também um lugar, e assim sou objeto em que sempre cuida, objeto que sempre ama.

Ai de mim, Deus de toda a perfeição! que,



sendo criado à vossa imagem e semelhança, não vos sei imitar, nem ser semelhante a vós! grande parte da vida me leva o sono, em que, ficando semelhança da morte, estou sem obrar, e quando esperto e em vigia, ou minhas potências estão ociosas sem se ocupar de vós, ou se obram é em pecados contra vós. Os pensamentos de meu entendimento, afetos de minha vontade, são de riquezas, honras e sensualidades da vida contrárias a vós; de sorte que sendo eu sempre objeto de vosso conhecimento e amor, vós não somente não sois objeto de meu conhecimento, mas ainda de desconhecimento, ódio e desamor. Perdoai, Pai amantíssimo, e pois sois perfeitíssimo em sempre obrar sem cessar, não sejam parte meus pecados para interromperdes o amor, com que uma vez me começastes a amar, antes me dai graça para corresponder, de maneira que também continue sem cessar na contrição que merecem minhas culpas, e no amor que me merece vosso amor.

PONTO VI

E' enfim Deus perfeito, porque suas perfeições não são entre si diversas ou contrárias, antes, são unidas de sorte que qualquer delas inclui e compreende as demais; como a Onipotência, a Eternidade, Sabedoria, Imensidade, Providência, Caridade, Justiça, Imortalidade, etc. E em obrar são tão uniformes, que com serem os afetos diferentes, não se impedem nem encontram umas às outras. No tempo em que a Onipotência está criando aves no ar, peixes no

mar, animais na terra, a Providência, com mantimento de bênção, os está sustentando. Estando a Misericórdia bem-aventurando os Santos na Glória, está a Justiça castigando danados no inferno. Enquanto Deus com sua caridade se está a si amando, a nós também com caridade nos está amando. Entendendo com sua sabedoria infinita no governo e conservação das criaturas, não se diverte, antes, juntamente se ocupa com infinita sabedoria no conhecimento de si mesmo. A advertência que põem em criar um elefante, não faz impedimento nem esquecimento na fábrica perfeita de uma formiga. A paciência com que está sofrendo o pecador, anda juntamente com a justiça e vingança com que o está açoitando com o flagelo e o remorso da consciência.

Não sou este, ó Deus perfeíffissimo, nem por ter uma perfeição natural ou sobrenatural, tenho as mais naturais ou sobrenaturais, antes quando começo adquirir a segunda, desfaleço na primeira; assim sempre sou principiante sem rematar união de perfeições, com que de algum modo imite vossas perfeições; já nos efeitos sou tão pouco uniforme, que, ocupando-me com fraterna caridade em amar e socorrer o próximo, já me esqueço de vos amar e de me lembrar de vós; se castigo meu súdito com justiça, não a sei temperar com o amor que devo ao próximo; se entro em oração, nela se me oferecem traças de como farei o ofício de obediência; se faço o que manda a obediência, já interrompo o exercício da oração; quando falo de Deus,



muitas vezes excedo os limites da prudência; se quero ser muito prudente, deixo de falar de Deus; por onde, Senhor, só com razão sois perfeito, porque vossas perfeições sempre concordam no obrar; razão tenho de me conhecer por imperfecto, porque minhas perfeições sempre discordam no obrar. Concordai, ó Autor da paz, minha alma, para que obre em tudo com tanta uniformidade, que dando-se as mãos as virtudes que em mim infundis, fique eu imitando na terra o que os Santos à vossa imitação fazem no Céu.

## MEDITAÇÃO II

### DA INDEPENDÊNCIA DE DEUS

#### PONTO I

A primeira independência que em vós reconheço, ó grande Deus, é de vosso próprio ser. Este tendes de vós mesmo sem depender de outrem, que, se de outrem dependêreis, não fôreis Deus. Isto quisestes ensinar a vosso amado Moisés, quando dissestes: *Ego sum qui sum*. Como se dissêsseis: todas as criaturas dependem de mim em seu ser; se por um momento as deixar, de si irão ao não ser; só eu sou de necessidade e essencialmente o que sou sem outra causa nem princípio do meu ser.

Oh! essência independente, oh! Deus isento e sobranceiro a toda a criatura: como, sendo vós este da eternidade, vos não conservastes na soberana independência, e independente soberania de vosso ser? Como vos constrangeu o infinito amor vosso a tomar natureza dependente de mãe, em cujas entranhas fostes gerado, a cujos peitos vos criastes, em cujos braços repousastes? A tomar corpo tão dependente da alma que apartado da alma ficou sem vida, e teve



necessidade de mortalha e sepultura, dadas de esmola e mendigadas de varões ricos e justos? Oh, bondade infinita! Oh, caridade imensa! Desse infinito amor, Deus meu, que de independente vos fez dependente, comunicai-me alguma parte, que ao contrário de dependente me faça independente, me aparte e isente de criaturas, de que dependia, e me chegue e abrigue a vós, Criador, de maneira que só de vós queira e tenha dependência.

#### PONTO II

A segunda independência que em vós acho, Senhor, é de vossa própria vida, para sustentação da qual não tendes necessidade de respiração de ar, de manjares saborosos, pescados e carnes preciosas. Dizeis por vosso Profeta que não depende vossa vida de sustentação de vitelas e cordeiros: como sois puro Espírito nem estais sujeito à fome e à sede que se matam com iguarias e licores preciosos.

Não vos obrigam injúrias do tempo, calmas e frios a fabricar paços e aposentos abrigados e salas reais em que vos recolhais; ou mandar tecer roupas e vestidos preciosos com que vos cubrais e ampareis. Nem este mundo que criastes vos recolheu a vós, antes vós o recolhestes a ele, tendo ele de vós toda a dependência, e vós nenhuma dele.

O' Deus independente, quem posto à porta da lapa de Belém, e vendo-vos tremer de frio e ter necessidade de pobres panos para deles vos amparar; quem entrando pelo deserto, e

achando-vos fraco do jejum de quarenta dias, e necessitado de mantimento aparelhado por mãos de Anjos; quem subindo ao Calvário, e olhando para vós nu, falto até de um púcaro de água, e morrendo à pura sede, vos não estranhará e desconhecerá por aquele Deus, cuja vida é infinita e independente de criaturas?

E contudo sois o mesmo, independente, isento e sujeito, rico e pobre, a quem a misericórdia e bondade imensa constrangeu a tomar vida finita, sujeita a necessidades e misérias, para pagar os excessos da minha vida. Graças vos sejam dadas infinitas, Senhor meu, por chegardes a tais extremos de amor; este mesmo me constranja com arrependimento do passado a emendar de tal maneira o futuro, que, dependendo minha vida só de vossa vida, sofra a vosso exemplo e aceite com paciência todas as faltas e necessidades da vida.

### PONTO III

Terceira independência que em vós, Senhor, resplandece é de vossa Onipotência. Não tivestes necessidade de arquitetos para traçar e armar a máquina deste mundo; nem de colunas torneadas e lavradas por oficiais destros, para sustentar o globo da terra; nem de batifolhas de ouro para dourar planetas e estrelas; nem de tintas transmarinhas para azular céus, e pintar rosas e floridos campos; sem artifício de máquinas e alcatruzes levantais águas cristalinas e líquidas ao alto do monte, donde se despenham nos profundos vales; sem ajuda de ar-



meiros destros em tecer malhas, por vossas mãos estais continuamente tecendo uma por uma as escamas dos peixes que nadam no mar; sem composição de grude empenais as aves que voam pelo ar; sem artificios de engenhos torneados meneais os pés e mãos dos animais da terra. Nem tendes necessidade de soldados e capitães para dar batalhas; sem arte de engenheiros e de pólvora, disparais com estrondo e raio vossa artilharia assestada nas nuvens do ar. Sem tempero de conserveiras dais sabor às frutas, adoçais os favos de mel, e a cada um dos animais, por pequeno e vil que seja, pondez mesa saborosa e gostosa.

O' grande Rei, quão diferente é vosso poder do poder dos reis da terra! O vosso de tudo independente, o seu em tudo dependente: se querem dar batalha têm necessidade de armas, soldados e capitães; se pôr armadas no mar, nem podem sem pilotos e oficiais.

Não sabem, nem podem fabricar paços reais sem traçadores e trabalhadores. Para seus vestidos e guarda-roupas dependem de pêlo de animais, e fios de bichos brosladores. Para sua mesa, de searas de lavradores, de pescadores e caçadores, enfim para tudo dependem de todos. Sem ajuda e forças alheias nada podem.

Pois assim é, direi: dependam cortesões da terra de reis, que de tudo dependem, busquem mundanos em suas necessidades senhores que padeçam semelhantes necessidades, que eu só quero depender de vós, Deus independente; só quero buscar em minhas necessidades a vós, Deus

isento, que não sois sujeito a necessidades. Em vossas liberais mãos me ponho; nelas cantarei seguro: *Dominus regit me, et nihil mihi deerit.*

PONTO IV

Quarta independência é, Senhor, de vossa divina sabedoria. Não tendes necessidade de crônicas, como o rei Assuero, para saber o passado; nem de profecias, como Nabucodonosor, para saber o futuro; nem de correios e manantes como os reis da terra, para saber o presente; nem de conselheiros de estado para governar. Vossa divina filosofia com que conheceis as naturezas, propriedades, causas, e efeitos das coisas naturais, não depende da doutrina e escola de Aristóteles, nem a teologia com que compreendeis a vós mesmo, de S. Tomás. Sem preceitos e princípios de Euclides apontastes o centro, medistes a circunferência, lançastes direitas, sem errar ponto, as linhas esféricas deste grande mundo: tudo o que sabeis, que é infinito, é independente de criaturas; tudo o que sabem as criaturas é uma gota que destila de vosso imenso oceano de sabedoria. Pois assim é, Senhor, a vós quero por mestre meu, a vós recorrerei em minhas dúvidas, de vós tomaram princípio minhas ciências, principalmente a divina, que alumia o entendimento, inflama a vontade e mostra o caminho da salvação; e porque nisto, quanto mais consulto a homens, mais ignorante me acho, a vós só de vossos preceitos e princípios me fiarei, com a esperança de que, guiando-me por eles, acertarei e me salvarei.



PONTO V

Quinta independência, Senhor, é de vossa divina recreação; não tendes necessidade de casa de prazer, fontes artificiais, pomares, bosques e jardins para recrear a vista; nem de bálsamos e âmbares para confortar o olfato; nem de flautas, órgãos, violas, cítaras, harmonia de vozes, para recreação dos ouvidos; e ainda que no princípio do mundo viestes a Adão no Paraíso terreal: *Ad auram post meridiem*; nem tendes necessidade no estio de viração para vos refrescardes, nem dos raios tépidos do sol para vos aquentardes. Para vossos passatempos não tendes necessidade de comédias, serões reais, caças ou montarias dos reis da terra. Nenhuma destas coisas mendigais de fora, tudo tendes das portas adentro.

*Quare tristis es, anima mea, et quare conturbas me?* O' alma minha, por que passas a vida em tristeza, por que não logras verdadeira consolação? E' sem dúvida porque a andas mendigando por criaturas que não a têm de seu, e não a buscas no Criador, que a tem de seu, e independente de toda criatura. *Spera in Deo*: abraça-te com teu Deus, e trabalha por unir com Ele teus desejos, que n'Ele acharás toda a recreação e alegria junta, bosques, prados e jardins, como de si o confessa por seu profeta: *Pulchritudo agri mecum est*. Nele tens as mirras cheirosas, as espécies aromáticas, as músicas, sabores, gostos, passatempos, vida que sem outra dependência lograrás nesta, e na outra vida por toda a Eternidade.

### MEDITAÇÃO III

## DA IMORTALIDADE DE DEUS

#### PONTO I

*Rex regum, et Dominus dominantium, qui solus habet immortalitatem.* Em tudo, ó grande Deus, sois Rei dos reis e Senhor dos senhores, mas particularmente em terdes de vosso e de vós mesmo a imortalidade. Os reis têm vida emprestada, vós de juro; eles sujeitos à morte, vós isento da morte; a eles por muitas partes, sem respeito de cetro e coroa, entra a morte, vós todo estais cercado de vida; nem há parte por onde vos entre a morte. Com o bronze de vossa divina e essencial vida, não entra a ferrugem da doença, ou velhice; metido no profundo do mar, não vos afogais; estendido pelo vácuo, espaços imaginários, onde não há ar vital, não vos falta o fôlego; entre as chamas ardentes do fogo abrasador, não vos queimais; nem lanças arremessadas, nem artilharia assentada e disparada no aço de vosso peito, o penetram ou amolgam. Invencível, impenetrável sois de toda a força criada; nem a vós mesmo podeis tirar a vida: essencialmente passais a vida; essencialmente sois imortal; nem com a morte violenta nem natural podeis acabar.



Sois este, Senhor? é esta a firmeza de vossa vida? Pois quem deu força a açoites, espinhos e cravos para vos ferirem e rasgarem todo, e esgotado de sangue, vos tirarem a vida e darem a morte? Ai de mim! que meus males causaram este mal! Os pecados de minha torpe vida vos tiraram a vida, e de imortal vos tornaram mortal! Mas é vossa misericórdia tal, que com a própria morte que vos dei, me destes a vida, e de mortal me fazeis imortal. Eu vos adoro, Senhor, por Rei dos reis e Senhor dos senhores; confesso que só vós possuís imortalidade; a vós quero mais servir que a reis da terra, pois estes com morte dos seus conservam a vida, vós aos vossos com vossa própria morte dais a vida.

#### PONTO II

Há em Deus uma só vida natural: esta consiste em um ato vital do entendimento, com que a si mesmo se entende, e no afeto vital da vontade com que a si mesmo se ama; e porque nunca deixa de se amar e entender, nunca deixa de viver; sempre da Eternidade se conheceu e amou, sempre da Eternidade viveu, sempre por toda a Eternidade se amará e entenderá, sempre por toda a Eternidade viverá. Como não é possível cessar um momento de se amar e conhecer, assim não é possível um momento deixar de viver; como em se amar e conhecer tem eterna perenidade, assim em viver tem eterna imortalidade.

Com toda a humildade me prostro, Senhor, diante da vossa imortalidade; reconheço a infinita distância que vai da minha vida à vossa; a minha corporal, a vossa espiritual; a minha de sentidos exteriores, a vossa de entendimento e vontade interior; a minha temporal, a vossa eterna; a minha mortal, a vossa imortal. Creio que de imortal vos fizestes mortal para me fazerdes a mim de mortal imortal. O meio que escolhestes para vos fazerdes mortal, foi tomar vida de corpo e sentidos humanos: o meio que eu devo escolher para me fazer imortal, é tomar, da maneira que posso, vida de vosso entendimento e vontade divina. Viveis vida natural, entendendo e amando a vós mesmo, vivereis vida sobrenatural, entendendo e amando a vós mesmo. Assim, quanto mais vos conhecer e amar, tanto mais terei de vida; se sempre sem interrupção vos conhecera e amara, eternamente vivera; mas porque cuidados da vida me interrompem lembranças e amor vosso, por isso muitas vezes perco a vida, farei por amar e por me lembrar frequentemente de vós; assim será ao menos frequente, não podendo ser contínua a minha vida, pois segundo vosso amado João: *Haec est vita aeterna, ut cognoscant te Deum verum, et quem misisti Jesum Christum*; a vossa lembrança e amor é vida eterna.



MEDITAÇÃO IV

DA IMUTABILIDADE DE DEUS

PONTO I

Além da imortalidade, que defende a eternidade da vida de Deus, há no mesmo Deus total imutabilidade, assim da sua essência como das operações da sua vida imortal, de que diz S. Tiago: *Apud quem non est transmutatio nec vicissitudinis obumbratio*; que não cabe em Deus transformação nem variedade, nem mudança accidental nem acidente mudável.

A primeira imutabilidade que acho, é de vossa divina natureza, ó Deus imutável; alheia é vossa natureza de tempo passado em que não fostes, tempo presente em que sois, tempo futuro em que não sereis, como há nos homens; possuís eternidade permanente que sempre é. Não passaram nem passam por vós anos de infância, mocidade, idade viril e velhice, estais sempre em perpétua e robusta juventude. Sempre na flor da idade que nunca se murcha; o tempo que tudo muda nada em vós muda; constante estais e sempre o mesmo nos estios, verões, invernos e outonos; eles vão passando e vós estais: *Tu autem idem ipse es, et anni tui non deficient*. No mesmo vigor hoje do que

quando criastes o mundo: nada mudaram em vós os cinco mil anos passados; nada mudarão os que se seguem por toda a eternidade.

Imutável é vossa natureza, quanto ao tempo; imutável ou imóvel, quanto ao lugar, pois nunca vos mudais de uma parte à outra; não navegais de poente a oriente; não subis do baixo ao alto nem desceis dos altos aos baixos, dos outeiros aos vales; não passais as campinas rasas, nem saís por recreação de vossos paços a quintas de campo e jardins; fixo e imóvel em todo o espaço infinito, e como tudo com vossa substância ocupais, para onde e como vos podeis mudar? Nem é em vós imperfeição se não vos podeis mudar; fora grande imperfeição se podéreis andar de lugar em lugar, achando-vos presente a terras e mundos, que dantes não habitáveis. Nem estando primeiro limitado a lugar estreito, fostes pouco a pouco estendendo vossa substância a espaços maiores, até possuídes os infinitos espaços que agora possuís: se não que da eternidade sois imenso sem mudança. Que é isto, alma minha? estás atônita, e como imóvel tens admiração à vista da imutabilidade de teu Deus; abaixa um pouco desse alto onde te subiu a êxtase contemplativa, à terra baixa onde vives, entrarás em maior motivo de admiração.

Vendo o imutável e imóvel sujeito à mudança de tempos e lugares, no presépio nascido daquela hora, em Nazaré crescendo em idade, no templo perdido de 12 anos; nas ribeiras do Jordão começando a pregar quase de trinta; no



Calvário lutando três horas com a morte e ex-  
pirando em um momento. Na infância fugindo  
de Palestina a Egito; na maior idade correndo  
cidades, vilas e lugares, passando mares, subin-  
do montes; na Ressurreição aparecendo no mon-  
te Sião e Tabor, e subindo do monte Olivete  
ao céu. O' Deus, admirável exemplar de nossas  
vidas! por imutável, mudável, por imóvel e su-  
jeito a movimento, vos quero não sòmente ado-  
rar e reverenciar, mas também imitar da ma-  
neira que puder; serei imóvel na vida contem-  
plativa, mas na vida ativa me mudarei. Tomarei  
tempos em que persevere fixo na oração sem  
sair dela, tomarei tempos em que corra montes  
e vales, vilas e lugares, por bem das almas e  
serviço seu como vós fizestes por amor e pro-  
veito meu.

PONTO II

Segunda imutabilidade vossa, ó grande  
Deus, é de vossas operações nas criaturas. Não  
mancastes dedos, quando nos céus engastastes  
a pedraria rica das estrelas; não moveis mãos,  
quando pintais os prados de violetas e rosas;  
não moveis pés, quando ides guiando os rios  
ao mar, por mais pressa e ligeireza que levem;  
não moveis beiços, quando assoprais os ventos,  
borrifais campos com orvalhos miúdos e acen-  
deis labaredas de fogo. Não meneais braços,  
quando meneais a máquina do céu; imutável,  
tudo mudais; imóvel, tudo moveis; assim me  
dai graça, Senhor, para que a vossa imitação  
em todas as obras exteriores em que me ocupar  
e mover, esteja sempre em vossa consideração

e amor imóvel e imutável, meneando as mãos em ocupações da Religião; movendo pés em matérias de obediência, e a língua em instrução do próximo; meu entendimento com devota cogitação, minha vontade com abrasado amor esteja sempre fixo e permanente em vós.

PONTO III

Terceira imutabilidade que em vós venero, Senhor Deus, é de vossas operações interiores. Não aprendeis ciências de novo que dantes ignorásseis; não entra em vosso divino entendimento pensamento que da Eternidade não tivésseis; nem a experiência vos ensina, nem se vos descobrem verdades novas, nem as que uma vez soubestes vos esquecem; nem se acham nos olhos de vosso entendimento variedades de sono e vigia: sempre o olho está aberto sem pestanejar nem tosquenejar. Nos conselhos e pareceres sois imutável; o que uma vez da Eternidade quisestes e determinastes, sempre guardais e guarda-reis. Não passam em vós afetos diversos, já de amor, já de desamor, já de tristeza, já de alegria: fixos estão e perseverantes estão em vós os afetos que uma vez da eternidade tivestes. Quando o pecador se muda da obstinação à penitência, não vos mudais da vingança ao perdão; se perdoais, já da eternidade estáveis determinado a usar de misericórdia à vista da penitência que estáveis vendo; não há variedades em vosso entendimento, não há mudança em vossa vontade.

Oh, que confusão esta, Senhor, para mim,



que em meus pensamentos e afetos sou a mesma variedade e mudança: já cuido, já me descuido, já quero, já não quero, já salto de um pensamento em outro, tudo em mim são vagueações; já o que soube e aprendi, me esquece; já mudo o parecer que pouco há tive, já minha alma sai com afetos de alegria, já de tristeza, já rompe em iras e vinganças, já se acha trocada em afeições e amor! Ah, sossegai, ó Deus imutável, as inconstantes ondas de minhas variedades, de mudável me farei imutável, e seja a imutabilidade em pensamentos vossos e amor vosso.

## MEDITAÇÃO V

### DA IMENSIDADE DE DEUS

POR MODO DE DIALOGO ENTRE DEUS E UM  
CONTEMPLATIVO

CONTEMPLATIVO

Com toda a humildade e reverência me apresento, Senhor, diante de vós; desejo de saber como sois imenso, em que consiste vossa imensidade infinita?

DEUS

*An cogitas quod Deus excelsior caelo sit, et super stellarum verticem sublimetur?* Entende que sou imenso, porque minha essência está estendida não só por este mundo visível, mas por espaços imaginários infinitos sem termo, nem fim. Tudo enche minha substância, a tudo se estende e dilata mais perfeitamente, do que criaturas finitas se terminam e fecham na esfera de seu lugar.

CONTEMPLATIVO

Imensas graças vos dou, Senhor, por este imenso benefício que me fazeis em me declarar tão altos mistérios da vossa imensidade. Tudo creio, a tudo sujeito a fé e entendimento. Mas dai, Senhor meu, luz à minha alma, instruí mi-



nha rudeza com semelhanças e figuras, para que possa penetrar com mor claridade o que creio com firmeza.

DEUS

Põe os olhos no globo deste universo, se todo em peso correrá para a banda do oriente, ou do poente, por mais eternidades que durará seu curso, sempre me encontraria, sempre eu sem termo nenhum ficaria infinitamente aquém, infinitamente além de ambas as partes, assim da que fora deixando, como da que fora correndo. Dilata teu pensamento, e põe a imaginação onde quiseres, e sempre me acharás.

CONTEMPLATIVO

O' Deus admirável, agora entendo o que diz vosso real Profeta de vós: *Quo ibo a spiritu tuo, et quo a facie tua fugiam? Si ascendero in caelum, tu illic es; si descendero in infernum, ades; si sumpsero pennas meas diluculo, et habitavero in extremis maris, etenim illuc manus tua deducet me.* Para onde me poderei apartar da vossa presença, para onde fugirei que vos não ache? Se subir ao céu lá vos tenho, se descer ao profundo aí estais, se, tomando as ligeiras asas da apressada aurora, passar em um momento as ondas ao último fim do oceano, sempre cairei em vossas mãos. Mas eu para que quero passar mundos, navegar mares, subir ao céu, descer ao baixo, pois em qualquer parte vos tenho comigo? Ide avante, Senhor, alumiai este cego, ensinaí este ignorante.

DEUS

Sou semelhante a um mar infinito sem praias, sem fundo, sem ilhas que o limitem. O que é uma esponja no meio do profundo mar passada de suas águas, é este mundo em minha comparação penetrado de minha essência.

CONTEMPLATIVO

O' mar imenso que tudo abarcais! se este grande mundo é uma pequena esponja comparado convosco, que serei eu tão pequena parte dele? Oh, como desapareço à vista de tanta grandeza! Mas isto me consola, que, penetrado de vós, fico grande, como peixe pequeno nadarei em vós à volta dos grandes, ó Oceano infinito, e encontrando sempre convosco, como o peixe com a água, viverei em vós como peixe na água. Mas ensinai-me, Senhor, o modo com que estais em todo lugar.

DEUS

Estou primeiramente por presença, porque tudo vejo e entendo, nada se me esconde: nem trevas, nem distâncias impedem a vista de meu olho. Estou também por potência, porque tudo com meu poder estou criando, tudo com minha providência conservando. Estou enfim por essência, porque minha divina substância e natureza toda está penetrada a todas as coisas, mais verdadeira e intimamente que elas a si mesmas. Por teu corpo, e qualquer parte dele, por tua alma, e potências, estou mais intrinsecado do que a alma ao corpo, e ela a si mesma.



CONTEMPLATIVO

Confunde-te, alma minha, considerando os modos que Deus tem de estar presente a ti, e os que tu usas para estar ausente dele. Estando dormindo, comendo, em recreação, sempre Deus tem os olhos em ti: em caminhos, navegações, trabalhos, sempre te vão seguindo os olhos de Deus, sempre suas mãos se ocupam em te criar e conservar, sempre sua essência se dá por obrigada a estar unida contigo. Tu, entretanto, alma desagradecida e descortês, virando as costas a teu Deus, empregas os olhos nas criaturas, não sabes obrar acerca de Deus como ele sempre está obrando em ti: enfim desunida dele, vives unida com teu amor próprio. Assim em tudo ficas ausente de quem sempre e em toda parte a ti está presente. Este fui até agora, Deus presentíssimo, para vós; já daqui em diante, pois vejo com mais luz o que sois para mim, serei outro para vós. Farei por imitar a vossa assistência de presença com vos trazer diante dos olhos: a de potência com obrar tudo em vós e para vós: a de essência, com andar sempre com amor unido convosco. Mas disse-me, Senhor, se se pode de vós dizer ou cuidar que estais em lugar, onde quer que estais?

DEUS

Não se pode dizer de minha divina essência e grandeza, que está limitada a lugar, mas que todos os lugares e criaturas estão em mim, assim o mundo, quando o criei, não me agasalhou; para casa e aposento teu o fiz, que

como eu era antes de o criar, assim o não houve mister para nele me aposentar, pois antes que nada fosse, eu era em mim mesmo lugar, e mundo, e tudo. Assim tão impossível é estreitar-me a lugar, como alargar-me em lugar; nem estou menos fora que dentro do mundo, nem mais inferior a tudo. Por onde tão mal te podes chegar para mim, quão mal te podes apartar de mim.

#### CONTEMPLATIVO

O' Ser imenso! O' Ser infinito! quem não ficará atônito diante de tanta grandeza! Em nova admiração e êxtase me põem mistérios tão escondidos, mas ainda me fica alento para pedir a vossa imitação isenção de lugar. Não me obrigue, Senhor, mais Europa que Ásia e África, ou a América; pois tudo encheis com vossa imensidade, e nada vos abarca, seja eu imenso em vos amar e contemplar, e a nenhum lugar fique obrigado, nem limitado. A todos se estenda minha obediência. Em qualquer parte folgue de estar onde for mais serviço vosso e glória vossa. Mas de qualquer maneira que seja, digei-me, Senhor, se parte de vós está em um lugar, parte em outro; ou de que modo estais todo neste mundo, e fora dele.

#### DEUS

Cairás em profundos erros, filho meu, se quiseres medir minha divindade por tua materialidade. Eu como sou um sem divisão de partes, assim estou todo em todo o mundo, e todo



em cada uma das partes do mesmo mundo, tão inteiramente todo nos infinitos espaços que ao redor do mundo imaginas, como em qualquer ponto que teu pensamento neles fingir. De modo que minha essência não está nem pode estar repartida por sítios, não responde parte a parte, mas toda a tudo, e toda a qualquer parte.

#### CONTEMPLATIVO

Oh, que consolação esta, Senhor, para mim tão grande! que motivo tão eficaz para sempre vos amar!

Basta, Senhor, que no campo, no povoado, no mar, na terra, nos montes, nos vales, nas terras habitáveis, nas desertas, no céu, além do céu, vos tenho todo, todo me ouvis, e vedes, e não posso estar em parte nem lugar onde vos não tenha todo! Pois assim é, em toda parte viverei como quem está diante de vós, sem cometer falta que ofenda a olhos que sempre me vêem; viverei obrando com grande fervor por amor de vós, como faz o soldado diante de seu capitão, o vassalo diante de seu rei, o discípulo diante do mestre. Viverei isento de amizades humanas, e afeição de criaturas, que nem estão todas em todo o mundo, nem todas em qualquer parte dele, mas em lugar limitado, de que necessariamente ou elas me hão de deixar a mim, ou eu a elas.

Serei contudo mais consolado, se por comparações e semelhanças alumiardes mais nesta matéria meu entendimento.

DEUS

Revolve livros ainda de filósofos alumiados só com lume natural, acharás que um deles disse de mim: *Deus est circulus, cujus centrum ubique, circumferentia nusquam*: que sou semelhante ao círculo que tem o centro em toda a parte, e a circunferência em nenhuma. Porque, como estou todo em todo o lugar, onde quer que apontar como o dedo do entendimento, é o meu centro e o meu meio. E como sou imenso em espaço, não há esfera que me limite, não há roda circular que me abarque e feche.

CONTEMPLATIVO

O' Deus meu, e Senhor meu, pois sois centro em toda a parte, e de toda a parte, da minha alma o sereis particularmente; a vós, como a centro meu, correrei com a pressa com que as coisas naturais correm ao seu; nem serão necessários compridos movimentos como eles fazem, pois vos tenho tão perto de mim, que em toda parte vos tenho.

DEUS

Em tua alma também tens semelhança do modo por que estou nas criaturas. Como tua alma está toda em todo o corpo, e toda em qualquer membro dele, assim eu em todo o mundo, e em qualquer parte do mundo. Não está parte de tua alma no braço, parte na cabeça, parte nos pés, senão que toda está na cabeça, toda nos pés, toda nos braços, e toda em todo o corpo: assim não está parte de minha substância nos



céus, parte na terra, parte no mar, e ar, senão que toda está no céu, toda na terra, toda nos ares, toda nos mares e mais criaturas, e toda em todo o mundo.

#### CONTEMPLATIVO

Este modo tão divino de estardes, Senhor, no mundo, semelhante à alma no corpo, me dá licença para vos chamar em certo modo, *alma do mundo*; e porque da mesma maneira estais em minha própria alma, parte tão principal do mundo, em razão vos chamarei, *alma de minha alma*; alma que estais inteiramente em meu entendimento, com minha vontade, em toda a substância de minha alma. Se amo minha alma, porque está dando vida a meu corpo, vos amarei a vós que estais dando vida à minha alma. Para que assim o faça, assisti também, Senhor, a minha alma, infundindo graça em sua substância, luz de fé no entendimento; fervor de caridade na vontade, adornando-a com a riqueza de todas as virtudes e dons sobrenaturais por toda a Eternidade.

MEDITAÇÃO VI  
DA ETERNIDADE DE DEUS

PONTO I

E' eternidade duração permanente sem sucessão nem variedade de tempo, sem princípio, nem fim. Isto não há, nem pode haver em criaturas, que como não têm imensidade, por serem limitadas a certo lugar, assim não têm eternidade por serem limitadas a certo tempo: *A saeculo, et usque in saeculum tu es Deus*. Vós só, ó grande Deus, demandais e encheis eternidades, vós só abrangeis séculos, só vossa essência e operações intrínsecas têm permanência invariável; só vós sois por vós e de vós mesmo sem termo no ser, sem antes, nem depois na duração: *"Non contemplantibus nobis quae videntur, sed quae non videntur, nam quae videntur temporalia sunt, quae non videntur, aeterna"*. Se este é Deus, se estas são as criaturas, alma minha, como deixas a Deus, e te deixas levar das criaturas? Como trocas o invisível, imortal, infinito, eterno, pelo visível, mortal, finito e temporal? Abraça, alma minha, este Bem eterno, a quem nada passou, nem está por vir; ama só



esta Eternidade imutável e permanente; deixa bens, nos quais tudo é variedade e mudança, que de presente nada tem, em que tudo, ou é passado, ou está por vir.

PONTO II

*Antiquus dierum sedit, capilli capitis ejus quasi lana munda.* Assentado vos viu o Profeta Daniel em figura de ancião, com cabeleira branca como lã fina: em tudo reconheço, ó grande Deus, vossa eternidade, na qual estais de assento fixo e permanente sem variedade de um momento de vossa vida. Nem a anciania de vosso rosto e cãs da cabeça denotam diminuição e fraqueza de idade, mas eternidade antiga e antiguidade eterna de vosso ser, que não se mede por anos, meses e dias, mas é sobre anos, meses e dias.

O' Senhor infinito, a quem nada passou, nem está por vir! O' Eternidade uniforme sem dependência! O' abismo de perfeições, em que se não acha termo de duração! O' grande Deus, a quem, nem as coisas passadas passam, nem as futuras sucedem, nem alguma deu princípio, nem os tempos aumento, nem acontecimentos darão fim: prostrado diante de vós, encolhendo os ombros como fazem os serafins no céu, vos adoro e venero sem saber dizer mais do que: *Tu autem idem ipse es, et anni tui non deficient.* E pois, ó eterno Deus, sempre sois o mesmo, e não pode cair em vós mudança; a vós quero, a vós amo, nada mais quero, pois em tudo o mais há mudança.

PÔNTO III

Posto, Senhor, no meio de vossa eternidade, e olhando para uma e outra parte, primeiramente me admiro, e fico atônito considerando a eternidade que era antes que eu fosse; assim, atrasando meu pensamento a milhares de milhares de anos, desse infinito abismo de anos imaginados, vos vejo sempre surdir: o mesmo vos acho sempre, na mesma juventude e flor de idade; de modo que por via de vossa eternidade sois tal, que, por mais que as eras se anteciparam, começando milhões de anos antes do princípio que realmente tiveram, sempre vós, Senhor, lhe ficareis atrás, e por mais que se estendam ao futuro, sempre vós, Senhor meu, lhe ireis igualmente adiante, porque donde vos podia vir hoje faz cem mil anos, e não a duzentos e trezentos mil. Vós, meu Deus, não sois por querer ser, senão porque não podeis deixar de ser, assim não podíeis escolher nem determinar quando fôsseis; tão impossível vos era começar, como vos é acabar.

O coração e alma me levais, ó eterno Deus, com tão corrente eternidade; mas nem entendimento acaba de conhecer, nem língua pode explicar tão profundos mistérios de tal majestade e grandeza. Confesso que erre quando com ignorância a mim mesmo perguntava, quando foi e quando havia de ser Deus? Agora entendo que é isto termo próprio de criaturas, das quais perguntamos quando foram, para lhe darmos certa era e tempo; mas de vós, Senhor, só de-



vemos com reverência confessar que sois o que sois, princípio e fim de todas as coisas, princípio sem princípio, fim sem fim.

PONTO IV

*Tu autem, Domine, in aeternum permanes, et memoriale tuum in generationem et generationem.* Se não há princípio de vossa duração, nem também fim; como nunca começastes de ser, assim nunca acabareis de ser, por mais que multipliquemos anos vindouros, por mais que entendamos tempos futuros; acabado o cômputo, vos acharemos novo como sempre, e prestes para viver outros, e outros infinitos anos, com duração perpétua sem fim.

*Dies mei sicut umbra declinaverunt, et ego sicut foenum arui.* Não sou eu este, eterno Deus, pois como sombra sempre vou crescendo no nada em que me hei de tornar, e decrescendo no ser que dantes tinha; como flor, cada hora vou murchando até de todo acabar.

Este sou, Senhor, estas são as mais criaturas, que em vossa Eternidade, quando éreis, ainda não eram, e na mesma eternidade, quando sempre sereis, nada serão. O' Senhor, como desaparece minha pouquidão à vista de vossa eternidade! Quantos mundos e séculos passaram, e eu sepultado no abismo do nada; quantos séculos hão de passar e eu no mesmo nada? Pois assim é, neste breve tempo que vivo diante de vós viverei abismado no pensamento do nada que sou, que fui, que serei, abismado no pensamento do que fostes, sois e sereis.

## MEDITAÇÃO VII

### DA INVISIBILIDADE DE DEUS

POR MODO DE DIALOGO ENTRE UM ANACORETA  
E DEUS

ANACORETA

*Surgam et circuibo civitatem, per vicus et plateas, quaerens quem diligit anima mea, quae-sivi illum et non inveni.*

Com saudades vossas, Amado meu, com desejo de vos conhecer, quero sair pelas ruas e praças da cidade deste grande mundo, já assomando aos outeiros, já passando os campos, perguntando sempre a meus sentidos, se vos vêem ou acham neles?

Mas, ai de mim, que perguntados respondem que nem vos vêem, nem vos acham, nem me sabem dar novas de vós!

DEUS

Lembra-te que meu Apóstolo Paulo, subindo a melhor cidade que é o terceiro Céu, passando mais ricas praças, mais largas ruas, chegou a dizer que vira mistérios que nem cabem em pena, nem em língua humana. Quando veio



a falar de mim, disse: *Regi saeculorum immortalis et invisibilis, soli Deo honor et gloria*; chamando-me Rei de séculos eternos, Senhor da imortalidade e Deus invisível e imperceptível de potências e sentidos humanos, porque sou puro espírito, a que não abrange sua força, nem chega sua jurisdição.

ANACORETA

Agora conheço, Senhor, minha temeridade em perguntar primeiramente a meus olhos: *Num quem diligit anima mea vidistis?* Se viram a vós, Amado de minha alma: conheço a razão que tiveram de responder que se não sois resplandecente como os planetas, azulado como os céus, fresco e verde como os bosques, pintado como as flores, não darão fé de vós.

DEUS

*Lucem inhabito inaccessibleem, me nullus hominum vidit, sed neque videre potest.* Cercado vivo de luz, mas luz sobre toda a luz, que não se acha em planetas, luz que não pode ser vista da fraqueza de olhos humanos. *Pulchritudo agri mecum est*: em mim está a formosura e variedade das flores, a frescura dos bosques, que não são capazes de ver, nem lograr teus sentidos.

ANACORETA

Bastava o desengano que me deram meus olhos, para me não fiar de meus sentidos, mas o desejo de vos conhecer, Senhor, me fez per-

guntar a meus ouvidos se me dariam novas de vós; mas da mesma maneira responderam que, se sois a harmonia de vozes humanas, melodia de flautas, descante de violas e cítaras, pandorga de instrumentos músicos, não entrastes por eles.

DEUS

Bem responderam teus ouvidos, porque sou música sobre todas as músicas, melodia sobre todas as melodias, harmonia sobre todas as harmonias, que não se acha em instrumentos da terra, nem ouvidos humanos percebem, nem podem perceber.

ANACORETA

Se bem me desenganaram ouvidos e olhos, o mesmo fazem olfato, gosto e tato. Perguntado o olfato por vós, diz que, se não destilais suavidade como incenso, âmbar e mirra, se não cheirais como rosa e violeta, se não rescendeis como jasmim e açucena, não vos sente, nem sabe quem sois. Perguntado o gosto, diz que, se não sois doce como o mel, saboroso como o maná, gostoso como manjar bem temperado, suave como licor precioso, nem ele sabe de vós, nem vós lhe sabeis a ele. O sentido do tato, como grosseiro, diz que, se vos não sente, nem acha entre as mãos, não vos conhece.

DEUS

Bem concordam na resposta da verdade teus sentidos. Porque este sou eu para eles, e eles para mim. Em mim está a suavidade dos cheiros, a fragrância das espécies aromáticas e



flores odoríferas; mas não é capaz de as receber teu olfato; consola tua impossibilidade como David, que, alcançando tanto da minha divina natureza, só chegou a sentir o cheiro de meus vestidos, não da minha substância, quando disse: *Myrrha et gutta et casia a vestimentis tuis*. Eu sou sabor dos sabores, gosto dos gostos, maná suavíssimo, mas tão escondido que só Anjos e bem-aventurados me podem gostar, como meu Anjo Rafael ensinou a Tobias dizendo: *Ego cibo invisibili et potu, qui ab hominibus videri non potest, utor*. Que se sustenta de manjar imperceptível de sentido humano e mortal, que sou eu.

ANACORETA

O' grande infelicidade de meus sentidos! Pois sendo vós, Senhor, minha luz, vos não vejo, por mais que abra meus olhos, por mais que estenda a vista, não acabo de vos enxergar. Sendo vós minha harmonia, vos não ouço; por mais que brade por vós em desertos e lugares despovoados, e me respondam os rochedos concavos e vales profundos com seus ecos, vós não me respondeis. Sei que me ouvis, mas não vos ouço; sendo vós minha fragrância, vos não sinto; sendo meu manjar, não vos gosto; sendo meu Amado, não me abraço convosco. *Fuerunt mihi lacrymae meae panes die ac nocte, dum dicitur mihi quotidie: ubi est Deus tuus?* Que resposta, Senhor, senão fechar meus sentidos a criaturas, e chorar de dia e de noite por meu Criador.

DEUS

Serão mais eficazes teus desejos, terão maior corrente tuas lágrimas por minha larga ausência, considerando como não só sou invisível a teus sentidos e olhos exteriores, mas também aos interiores, que é teu entendimento, o qual, como só vê o que entra pelos sentidos, não entrando eu por eles, não me podes com ele ver. Terás fé acerca de mim, mas não vista de mim; crerás que sou, mas não verás claramente como sou.

ANACORETA

*Quale gaudium mihi erit, qui in tenebris sedeo, et lumen caeli non video?* Se Tobias chorava, e dizia que não tinha uma hora de alegria, por carecer da vista corporal, por não poder ver os raios do sol material, que alegria pode ser a minha carecendo de vista corporal e espiritual, para efeito de ver os raios de vós, sol meu, luz minha espiritual e sobrenatural?

DEUS

A volta de tuas mágoas e penalidades, chora também culpas alheias, que da mesma invisibilidade minha, de que tu tomas ocasião de suspirar por mim, tomam pecadores motivo de me ofender a mim, dizendo: *Nubes latibulum ejus, nec nostra considerat, et circa cardines caeli perambulat.* Cuidam que por me não verem a mim, os não vejo a eles, e porque não sentem encontrar-se comigo, que não dou fé do que fazem, nem me acho entre eles; e que ando



pelos altos dos céus ocupado na curiosidade de seus movimentos, cursos, e aspectos de planetas, sem descer à terra, assim pecam com maior liberdade.

ANACORETA

Eu, Senhor, creio, com S. Paulo, que *Non est ulla creatura invisibilis in conspectu tuo: omnia autem nuda et aperta sunt oculis tuis.* Que ainda que sois invisível a nós, não somos nós invisíveis a vós; tudo vedes, tudo está patente a vossos olhos, não só palavras e obras, mas ainda pensamentos ocultos; donde pecadores tomam motivo de pecar com maior liberdade, quero eu tomar motivo de viver com maior cautela. Sois espírito poderosíssimo, e como vos não vejo, não sei onde e quando me esperais com a espada feita para me castigar, e dar o último golpe da morte. Temeridade seria a minha não andar sempre acautelado, não viver resguardado de quem a seu salvo me pode tirar a vida, sem eu me poder defender nem fazer tiro a seu invencível e impenetrável peito, qual é o vosso.

DEUS

Esta verdade atou as mãos a meu servo Job para se não tomar comigo, e para em toda a parte me respeitar e temer, quando dizia: *Si venerit ad me, non videbo eum, si abierit, non intelligam.* Sou Rei, sou Juiz todo-poderoso, que entro e saio onde quero, e como quero, sem ser visto nem ouvido. Não correrá perigo tua salvação e vida, se da maneira que podes, em toda a circunstância a mim invisível fizeres teu pensa-

mento visível, cuidando em mim, falando comigo, consultando-me em todos os negócios em que entras, em todas as empresas que cometes.

ANACORETA

*Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum.* Assim o farei, Senhor, esta traça levarei, desta maneira assegurarei meus caminhos, não temerei perigos, nem a própria morte. E para obrar com maior luz, ensinai-me, Senhor, como devo entender e como posso experimentar o que vosso Apóstolo ensina: *Invisibilia ipsius a creatura mundi, per ea quae facta sunt, intellecta conspiciuntur, sempiterna quoque virtus ejus, et Divinitas.* Como a vós invisível verei nas coisas visíveis? Como por criaturas verei a vós, Criador? Como conhecerei vosso poder e virtude incriada, neste mundo por vós criado?

DEUS

Como a este sol material, por sua luz, não podes ver com olhos abertos em raios diretos, mas por reflexos no espelho claro e puro: assim a mim, pela infinidade de meu resplendor, não podes ver claramente de rosto a rosto, mas podes por reflexão nas criaturas, que são espelhos claros da minha divindade e de meus divinos atributos.

ANACORETA

Alegre estou, Senhor, por ter neste mundo tantos espelhos em que vos veja, quantas são as criaturas que vejo, que são quase sem-número. Mas desejo saber qual é o primeiro es-



pelho que melhor e mais ao vivo vos representa, para nele pôr primeiro os olhos, para nele primeiro vos ver, reverenciar e conhecer?

DEUS

Em noite serena e quieta sai ao campo, põe-te parado com os olhos fitos no céu; nele, como em espelho cristalino, verás meu poder, com que armei abóbadas tão largas, acendi tantos e tão claros lumes, esmaltei pedraria tão rica, como são as estrelas. Verás minha sabedoria, com que apontei os polos em que se volta toda esta máquina; ordenei os cursos dos planetas com que já se chegam, já se afastam de nós, já se encontram e eclipsam uns aos outros; já se põem em aspectos benignos, com que influem saúde e fartura na terra; o que não fora, se meu poder e sabedoria não metera a mão nesta obra, e não guiara este coro celestial.

ANACORETA

Não me farto, Senhor, de olhar para este formoso espelho, em que tão vivamente se receberam os raios de vosso poder e sabedoria, já daqui ensinado e adoçado em noites serenas: *Videbo caelos tuos, opera digitorum tuorum, lunam et stellas, quae tu fundasti.* Farei por estar largas horas contemplando a harmonia de vossos Céus, as enchentes e minguentes da vossa lua, os cursos ordenados com que tanto número de estrelas já com alegre rosto nascendo, já com raios quebrados se vão pondo. Em tudo com certos interesses da minha consolação, vos es-

tarei louvando de sábio e poderoso. Assinai-me agora, Senhor, o segundo espelho, em que da mesma maneira vos posso ver.

#### DEUS

Entra afoito na profundeza do mar, passeia devagar aqueles profundos reinos até agora nunca descobertos, vê a gente que os habita, os ministros que nele se revolvem, a inumerável multidão de viventes que nele se cria: nota bem a variedade de figuras, membros e formas, de que são compostos, acharás matéria de reconhecer minhas grandezas.

#### ANACORETA

Se no primeiro espelho do céu, com grande admiração da minha alma me destes vista, Senhor, de vosso poder e sabedoria, não com menos espanto neste segundo do mar me mostrais vossa bondade e providência, com que criais e sustentais no meio das águas infinita multidão de viventes. Tenho razão de consultar com curiosidade vossa divina providência e perguntar em que cortes e currais se recolhe esta imensidade de gado marinho, em vindo a noite, para dormir e descansar: em que malhadas tomam o sono repousando, estando em elemento tão desinquieta e bolicoso? A que covis se retiram os monstros para mais comodidades de seus partos; em que ninhos e camas criam seus tenros filhos? A que peitos e com que leite os sustentam: donde trazem o mantimento mimoso, para lhe meter na boca, e quando ainda per si



o não podem buscar? Em que montados engordam, e se cevam animais de tanta grandeza: em que relvas e pastos come tanto gado: como se sustenta tanta gente, sendo elemento estéril, sem frutos, de que vivem os animais da terra?

Bem se deixa ver, ó grande Deus, que são obras da vossa divina bondade e singular providência, a qual parece não vejo já em espelhos por raios reflexos, mas em si mesmo por raios claros e diretos; festejo vossa grandeza; por sábio, poderoso, bom e pródigo vos reconheço, adoro e amo.

#### DEUS

E' tempo, Anacoreta, de pôr os olhos em novos espelhos. Sai do profundo pego às praias estendidas junto ao mar, passeia a terra toda, vê em particular a variedade de animais, diversidade de plantas e metais que nele se criam, achareis contínua representação de minhas perfeições e atributos.

#### ANACORETA

Assim é, Senhor, que na firmeza com que sustentais no ar o globo da terra em peso, sem fazer pender a uma nem outra parte, reconheço eu vossa infinita fortaleza.

Do amor com que animais criam seus filhos, vivem e se conservam juntos os da mesma espécie, tiro eu vossa ardente caridade. Nos prados e jardins pintados de flores, de rosas encarnadas, e açucenas brancas, cravos verme-

lhos, e goivos amarelos, clavelinas rosadas, violetas roxas, bem-me-queres ornados de suas voltas de festa, boninas que parecem saem rindo, estou eu com suma alegria vendo a formosura de vosso rosto, e como em infinitos espelhos, outras infinitas perfeições vossas. Mas dissei-me, Senhor, sempre vos hei de ver por espelhos, por enigmas, como às escuras, nunca às claras?

DEUS

Nesta vida me conheces imperfeitamente, na outra me conhecerás perfeitamente. Toda a tua contemplação aqui é conhecimento de menino, no céu será de varão perfeito. Na terra não me podes ver senão por vidraças e semelhanças; no céu me verás de rosto a rosto, verás claramente minha divina face, minhas divinas perfeições; para este efeito te darei novos olhos, infundirei em teu entendimento a virtude do lume da glória, com a qual confortado verás a mim, suma verdade, e por participação de felicidade eterna ficarás semelhante a mim como fica a nuvem clara quando o sol nela investe seus raios, de modo que parece o mesmo sol; ou como metal trespassado do fogo, que parece o mesmo fogo.

ANACORETA

*Regi Saeculorum immortalis et invisibili, soli Deo honor et gloria, in saecula saeculorum. Amen.* A vós Rei imortal e invisível, mas nos séculos vindouros visível, será dada a honra e glória por toda a Eternidade. Amém.



## MEDITAÇÃO VIII

### DA SANTIDADE DE DEUS

Tomada a Santidade por privação de males de culpa, e das raízes e paixões donde nascem, podemos dizer que há quatro espécies de santidade: 1.º de penitência de pecados passados; 2.º de mortificação de paixões presentes; 3.º de isenção de tentadores exteriores; 4.º de inocência inteira de vida.

Nestas várias significações de santidade, seja da Santidade de Deus.

#### PONTO I

Santidade de penitência tiveram nossos primeiros pais, depois de chorarem a desobediência do Paraíso terreal; teve David depois da contrição do adultério e homicídio; teve a Madalena, convertido o amor profano em divino; Pedro negativo já arrependido; Paulo perseguidor feito pregador; e podem ter todos os pecadores tendo verdadeiro arrependimento de seus pecados.

Só vós, ó santíssimo Deus, não tendes nem podeis ter tal gênero de santidade; não há nem

pode haver em vós desobediência, gulas, adúlteros, homicídios, ódios, amor profano, nem podeis sair com erros do entendimento, e malícias da vontade. Não podeis fazer um pecado, dizer uma mentira, fazer coisa de que vos possais ou hajais de arrepender, e por esta via alcançar santidade, que dantes não tínheis.

Os homens, se pecam e mentem, é por alcançar algum bem que pretendem, ou evitar algum mal que temem. Que bem podeis pretender, Senhor, pois nada vos falta? Que mal podeis arreçar, estando entronizado no altíssimo refúgio de vossa divindade, onde o flagelo da penalidade não pode chegar? Por onde creio, Senhor, que se a Escritura sagrada apregoa de vós dor, arrependimento e penitência, é só porque saís com efeitos que parecem saem destes afetos.

Por este fundamento festejo não haver em vós, santíssimo Deus, santidade de penitência, mas juntamente como pecador peço me deis santidade de penitência. Em vós, fonte puríssima de toda a santidade, é louvor não haver esta santidade; em fonte de toda a maldade, é saúde e salvação haver esta santidade. Assim com confiança de a alcançar, batendo nos peitos, com lágrimas digo: *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam; mundabor, lavabis me, et super nivem dealbabor.* Perdoai, Senhor, meus pecados, lavai-me com vosso sangue, ficarei mais santo, mais alvo do que a própria neve.



PONTO II

Santidade de mortificação de paixões interiores é própria das criaturas, das quais nenhuma há nem pode haver, por mais perfeita que Deus a queira criar, que naturalmente seja isenta de paixões, donde se segue que não há nem pode haver quem não seja capaz de santidade adquirida por mortificação das mesmas paixões com a graça divina.

Só em vós, ó Santidade suprema, não tem lugar tal gênero de santidade, pois não tendes nem podeis ter paixões interiores, de cuja mortificação haja de sair esta santidade. Só o jardim de vossa divina essência, Sumo Deus, não tem espinhos que cortar, tudo nele são flores suaves, e perpétuo rosal. Só nesse paraíso terreal não há serpentes tentadoras que vencer, tudo é segurança. Só nesse mar pacífico não se levantam tempestades. Tudo é mar bonança. Só nesse céu empíreo não há trevas, tudo é luz e claridade.

Alegro-me, Senhor, de serdes este, festejo ser o reino de vossa santidade tão sobranceiro a todo o mal; tão isento de guerras, que não tem necessidade de força de armas para se defender e conservar. Ai de mim, em que tudo são abrolhos e espinhos, que sempre é necessário cortar! Ai de mim, que sou covil de feras e dragões, que de necessidade sempre hei de conquistar; mar de ondas empoladas, que com o império vosso só se podem sossegar; trevas espessas, que só vossa luz pode alumiar. Assim o farei, Autor de toda a santidade, para que

ao menos com santidade mortificada vos possa imitar, pois ao alto da santidade isenta e pacífica, qual é a vossa, nem eu nem criatura alguma podemos chegar.

PONTO III

Santidade isenta de tentadores de fora não é de criaturas, pois nenhuma há, nem pode haver, que naturalmente não possa ser solicitada de algum objeto exterior ao pecado, com perigo, ou ainda efeito de cair. Só naturalmente em vós, ó santíssimo Deus, é própria esta santidade; só vós possuís santidade tão levantada, que nenhuma criatura, por mais esforçada que seja de sua natureza, pode assestar artilharia que a ela choque, pode tirar seta que a penetre. Só vós, Senhor, não podeis ter satanases que, com sua astúcia e maldade, vos possam tentar, e chegar a pecado; só a rocha firme de vossa santíssima divindade não podem bater ondas empoladas de mar irado; só essa fortaleza acastelada, cercada de paz santa, santidade pacífica, não podem sitiar, nem pôr em aperto de cerco perigoso exércitos de criaturas armados, por mais força e valentia que tenham; e se mal podem com força, menos podem com engano, traição e manha. Porque como com vosso entendimento infinito julgais das coisas como elas são, nem julgais terem o que não têm, nem não terem o que têm; e como com vossa infinita vontade sois inclinado a todo o bem, assim não podeis com aparências ser tentado, nem com efei-



to enganado, e por conseguinte nem vossa santidade correr risco.

Oh, quão diferente sorte a desta miserável criatura deste triste pecador! Cercado me vejo por todas as partes de cruéis inimigos que de continuo me combatem. E como se não bastassem meus apetites, que das portas adentro com motins e rebeliões interiores me fazem guerra, também de fora se levantam contra mim fúrias infernais, demônios tentadores, homens péssimos e maus conselheiros, que conquistam minha alma, e qualquer cabedal de santidade que em mim criastes, põem em risco de se perder, e eu de eternamente com eles me perder. Já que naturalmente possuís, ó Santíssimo Deus, Santidade isenta de inimigos, concedei-me que seja por graça o que sois por natureza, para que, ficando desta maneira santo, possa viver, morrer e ressuscitar santo, e por toda eternidade, à vista de vossa santidade, cantar e dizer: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.*

PONTO IV

Sendo, Senhor, vossa divindade desta maneira como habitual e negativamente santa, que resta senão venerarmos e reconhecermos todas as ações e operações que dela saem por inocentes, puras, antes a mesma pureza e inocência. Assim sois verdadeiro, que tudo que de vós, das coisas do céu e da terra nos ensinastes é verdade; assim sois fiél, que tudo que prometestes, cumpris; assim sois sábio, que tudo que de vós, de vossas criaturas conheceis e com-

preendeis, em nada errais. De vossa caridade saem rios de amor cristalino e puro, com que nos amais e zelais, de maneira que não consentis dar-se a outrem vossa honra e glória. E assim amais e zelais as almas que à vossa imagem e semelhança criastes, e as admitis à vossa amizade e como a menina do olho guardais e defendeis. Tal é vossa longanimidade, que aos maiores pecadores com infinita paciência sofreis e esperais; tal vossa misericórdia, que a todas as misérias de criaturas racionais e irracionais, paternalmente socorreis. Vossa justiça sai com igualdade para todas as criaturas, vossa piedade com amor paternal para nós filhos vossos; vossa beneficência a todos abrange com seus benefícios; vossa liberalidade enche todos os viventes com sua larga bênção; vossa fortaleza, saindo a campo, conquista e vence os inimigos que pretendem impedir nossa salvação; vosso poder tudo cria em proporção, peso e medida; enfim, não há em vós, santíssimo Deus, ação que não seja santa, pura e imaculada. Assim, por todas as vias sois santo, na isenção do pecado e tentações, na inocência e pureza de vossas operações e vida.

O' beatíssima divindade! ó inocentíssima santidade! ó natureza isenta de toda a maldade, comunicai-me participação de vossa santidade, para que, sendo santo nos hábitos de minha alma, seja também santo nos atos e operações de minha vida, sem nunca cessar de ser santo. Amém.



## MEDITAÇÃO IX

### DA CARIDADE DE DEUS PARA CONSIGO

#### PONTO I

Considera, alma minha, o que diz o Discípulo amado: *Deus charitas est*. Que assim se ama Deus a si mesmo, que é a mesma caridade e amor. Considera, alma minha, como olhando Deus para si, estendendo os olhos do seu entendimento pelos espaços largos e compridos de sua imensidade e eternidade, deleitando e recreando sua vista pelos espaços, bosques e floridos jardins de seus divinos atributos, aplicando o ouvido às músicas e harmonias de suas virtudes, percebendo com seu divino olfato a suavidade, fragrância de suas divinas perfeições, olhando para a variedade e riqueza de mundos e criaturas que em sua essência se representam, sai necessariamente com suavíssimo e efficacíssimo ato de amor a si mesmo; não pode deixar de se amar. Ai de mim, Senhor, que porque vos não sei ver, não vos sei amar! Se na oração com os olhos do entendimento vivos e eficazes vos vira e considerara, com afeto da vontade vos amara. Cercado das trevas de meus apetites,

não posso ver vossa luz; atorado com o rebo-  
liço da terra, nem acabo de ouvir vossa música;  
enjoado com a corrupção da carne, não sinto  
vossa suavidade; ocupado com este mundo, não  
vejo em vós milhares de mundos; alumiai, Se-  
nhor, meu entendimento com a luz de vosso en-  
tendimento para vos ver; inflamai minha von-  
tade com o ardente amor da vossa vontade,  
para vos amar.

PONTO II

A primeira propriedade da caridade divina  
é igualdade em número. Olha Deus para seus  
divinos atributos, que são em número infinitos;  
um por um os corre todos com seu entendi-  
mento infinito, e achando-os iguais em nobreza, sem  
ser um mais perfeito que outro, igualmente os  
ama a eles em si, e a si neles, sem querer nem  
estimar mais a um que a outro.

Não sou este, ó equíssimo Deus, não acho  
em mim imitação nem rasto desta uniforme igual-  
dade, desta igual uniformidade vossa. Mas an-  
tes se a fé me ensina que tudo em vós é igual,  
meu desigual amor me inclina a amar mais  
em vós um atributo que outro; mais vossa mi-  
sericórdia que vossa justiça; mais vossa carida-  
de que vosso zelo; mais me contentais afável  
que irado, melhor me pareceis Criador e Re-  
dentor, que vingativo e julgador. Por vossa igual  
caridade, peço, Senhor, me deis tal uniformida-  
de com vossas divinas perfeições e execução de  
seus efeitos, que em todos os sucessos diga:  
*Non mea voluntas, sed tua fiat.*



PONTO III

A segunda propriedade ou circunstância da caridade divina, é igualdade em lugar; onde quer que está Deus, está sua caridade. Não está Deus em lugar que se não ame com tal igualdade, que não se ama mais em um que em outro. Como sua perfeitíssima essência está imensa em espaços infinitos, sem termo de lugar, assim sua ardentíssima caridade com que se ama é a mesma em todo lugar. Igualmente se ama com suas perfeições neste mundo criado e no espaço imaginário, no vácuo, e no pleno, no alto e no baixo, no mar e na terra. Tão contente está de si nos areais desertos da Líbia, como nos frescos bosques das Hespérides; na choupana do pobre lavrador, como nos paços reais dos príncipes e senhores da terra; com a mesma alegria goza de si no alto do céu empíreo, cantado e louvado dos Anjos como no profundo do inferno, blasfemado e aborrecido dos danados.

Oh quão diferente é, Senhor Deus, a caridade com que vou seguindo em circunstâncias de lugar vossas perfeições! no lugar alto me acho alegre, estimo e amo a benevolência com que me levantai a honras e dignidades; no lugar baixo me sinto menos pronto para estimar e amar o rigor com que me abateis e humilhai. Nas cidades populosas da Europa entre gente branca, bem trajada e melhor parecida, me leva o coração vossa formosura; nas aldeias de taipa e casas-palhoças do Brasil e Angola, entre negros bárbaros e feios, me não pareceis tão for-

moso. Quando me vejo em quintas de recreação, entre bosques, jardins e rosais cheirosos, adoçado com suavidade de músicas humanas e harmonias de aves cantoras, me sinto arder em amor e afeição da harmonia, consonância e correspondência que entre si fazem vossos divinos atributos. Quando me acho em charnecas despovoadas, caminhos ásperos e regiões estéreis, cansado de missões e peregrinações molestas, já me sinto fraco em vosso amor, já minha alma se não sente levada da suavidade e harmonia de vossa essência. No meio das mesas saborosas e banquetes reais, alegremente agradeço e engrandeço vossa real liberalidade; falto do necessário, mal hospedado e lançado de todos, estranho a justiça com que me castigais; nem faço tão bom rosto ao desamparo em que me pondeis e à pena que justamente me dais. A caridade com que me sustentais em Portugal, onde vivo, me consola e contenta; o poder e império com que me mandais navegar mares e passar ilhas e regiões remotas, me desconsoa; em templos suntuosos e ornados, sinto devoção, amor à vossa presença e santidade, e não assim nos arruinados e mal ornados.

Por vossa uniforme caridade peço, Senhor, imprimais em minha alma tal quilate de caridade, que possa dizer: *In terra deserta, et in via, et inaquosa, sic in sancto apparui tibi*. Que tão contente e devoto me ache em terras desertas e templos derrubados como nos suntuosos e ricos; com tal igualdade vos ame, que nem lugares baixos me acanhem, nem desertos me



esfriem, nem apertados e necessitados me causem queixume, nem compridos me cansem, mas em todos igualmente vos ame e sirva para sempre.

PONTO IV

A terceira propriedade da caridade divina é a igualdade de tempo. Não são mais antigas as perfeições de Deus, que a caridade de Deus. A par correm da eternidade perfeições divinas e amor divino, sem as perfeições se anteciparem ao amor; e a par correrão por toda a eternidade, sem o amor cansar, nem ficar atrás das perfeições. Como não há, nem houve, nem haverá momento em que Deus não empregue seu entendimento no conhecimento de suas perfeições, assim não há, nem houve, nem haverá momento em que não empregue sua vontade no amor das mesmas perfeições. *Sero te cognovi, sero te amavi, pulchritudo tam antiqua, et tam nova!* Formosura divina, como sois antiga, como sois nova! antiga para Deus, nova para mim! O' Deus amorosíssimo, quanto há que vos amais! quão pouco há que vos amo! Eterno é vosso amor sem princípio de duração, breve é meu amor, pouco há que teve seu princípio; atura vosso amor sem interrupção nem pausa; uma hora não pode aturar meu amor sem interrupções e pausas. Nunca cansais de vos amar; qualquer tempo que em vosso amor quero empregar me cansa e parece comprido! *Infelix homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Ah, Senhor! livrai-me já deste cárcere, em que me vejo preso e metido como em corrente de meus apetites;

tirai-me desta habitação terrena, que me destrói e abate continuamente a coisas do mundo e impede o exercício de vosso amor; levai-me a reino cujos estilos são da caridade, onde reina e triunfa o amor!

E pois a primeira eternidade em que sempre vos amastes, passou para mim e me deixou em silêncio sem vos amar, por esse mesmo amor peço me levanteis a tal estado de caridade, que a segunda eternidade que resta, passe toda sem interrupção em vos querer e amar.

PONTO V

Quarta circunstância da caridade divina é igualdade em grau. São os atributos divinos não só infinitos extensivamente em número, mas também intensivamente em grau de perfeição; de modo que como número infinito demanda atributos sem conta, assim a intenção infinita demanda perfeição sem termo; em tal forma, que não pode Deus ser mais formoso, sábio e poderoso do que é, nem crescer em quilates de maior perfeição dos atributos que tem.

A esta infinidade intensiva da perfeição de Deus, responde igualmente a caridade com infinidade intensiva do amor do mesmo Deus, e como não tem termo a perfeição que Deus possui, assim não tem termo o amor com que se ama. Tanto sobe o amor, como sobe a perfeição. Se os atributos divinos põem infinito banquete na mesa de Deus, também fica igualmente farta com ele a infinita boca da vontade e amor de Deus. Não pode Deus dar maior bocado à



sua caridade que a si mesmo; não pode faltar com outro bocado o infinito bojo da caridade de Deus, senão com ele mesmo.

Quão admirado me tem, Senhor, a infinita intensão com que vos amais, tão confuso e corrido me acho da infinita remissão com que vos amo! Quanto podeis vos amais, não vos amo quanto posso? com toda a força que tendes, que é infinita, vos amais, e mandando-me: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, ex tota anima tua, et ex omnibus viribus tuis*; nunca meto o cabedal da alma, potências e forças que posso, em vos amar; enchendo vossa perfeição e formosura a capacidade de vosso amor, eu convosco me não dou por satisfeito, ainda faminto ando mendigando bens da terra, formosura de criaturas para me faltar. Tudo frouxidão e frieza de alma, cansada da contínua presença de criaturas, que me acende no amor delas, e da contínua ausência de vós, Criador meu, que me esfria no amor vosso. Concedei-me, Senhor, ausência de criaturas e presença vossa, para que, acendendo-se em mim o amor divino e apagando-se o humano, levante à imitação vossa ardentes chamas de caridade que cheguem até o céu.

PONTO VI

Pondo Deus os olhos nas criaturas, vê que toda a sua bondade e perfeição é uma pequena participação da bondade e perfeição divinas e como sua vontade é sumamente bem ordenada, nem as ama senão movida da divina bondade,

que delas é participada e que nelas resplandece; por onde Deus principalmente ama a si mesmo; ainda que ame suas criaturas, nunca se diverte de seu amor, todo o seu amor nele começa e nele termina.

O' alma minha, aprende do teu Criador; por mais criaturas que vejas, por mais formosura e perfeições que nelas aches, põe sempre os olhos na bondade e formosura divina donde nascem; considera que dela como perene fonte sai toda a perfeição e formosura criada; assim sempre amarás teu Criador, e se amares criaturas, será somente por amor do Criador, e tomando dele o ponto e medida de seu amor, nunca te cativarás de criaturas, nunca por amor delas te divertirás de teu Criador.

#### PONTO VII

Dai-me licença, Senhor, para com semelhanças grosseiras persuadir a minha alma à perfeição e dignidade da caridade com que vos amais, para assim mais a venerar e imitar.

Entre os elementos me parecia semelhante a fogo que sempre arde, mas não consome, como nem consumia o fogo do monte Horeb, nem a sarça de Moisés em que estava ateado, antes no meio dele se conservava tão fresca e verde como dantes. Arde continuamente em vós o fogo ardente da caridade, mas não vos consome; o mesmo sois, na mesma verdade, e flor da idade estais, ó Sarça divina! A mesma fortaleza e substância tendes ardendo em amor,



que tivestes em toda a Eternidade! Abrasai, Senhor, minha alma com este fogo, para que, ardendo nele, fique sarça que abrasada se não consuma, antes com o fogo do amor divino abra-se e consuma o amor profano.

Semelhante é, Senhor, esta caridade vossa, entre os metais, ao ouro, que em resplendor e preço excede a todos. Que coisa se pode comparar com vosso amor, que resplendor e luz há, que com ele possa competir? Do templo de Salomão, Rei pacífico, diz o sagrado texto: *Nihil erat in templo quod non auro tegetetur*. O' Deus, Rei pacífico, que coisa há em vós, que não esteja cozida em ouro de caridade e amor? Sois a mesma caridade, sois o mesmo amor! Dourai com este ouro meu entendimento, minha memória, minha vontade e potências, para que fique templo vivo, senão cozido em ouro, como vós sois, ao menos reverberado dos resplendores do ouro de amor com que vos amais, ardendo todo em amor de vós mesmo.

Sois entre Espíritos bem-aventurados Serafim incríado, que da Eternidade com ardente caridade vos amais; por toda a eternidade com ardente caridade vos amareis.

Entre as pedras preciosas sois diamante que, sendo Deus, sois amante de Deus e o mesmo amor de Deus. Entre os céus, sois empíreo, céu afogueado em que só reina e triunfa o amor de Deus. Entre os planetas sois sol, todo penetrado e trespassado da luz incríada de vosso amor.

Forjai, Senhor, nas oficinas de vossa caridade, esta alma, para que saia delas serafim ardente, diamante amante, sol resplandecente, céu empíreo, onde reina a caridade, onde triunfa o amor.



## MEDITAÇÃO X

### DA CARIDADE DE DEUS PARA CONOSCO

POR MODO DE DIALOGO ENTRE PECADOR E DEUS

PECADOR

Que excessos são estes, amoroso Deus, de vossa caridade para conosco, que parece não contente de vos amar a vós mesmo, que sois objeto incriado e infinito, ainda a mim, que sou objeto criado e finito, quereis dilatar, como saído da madre, o rio caudaloso e mar imenso, de vosso amor!

DEUS

Posto que minha infinita caridade igualmente está satisfeita e farta com o infinito banquete de minha essência, ainda folgo de lançar mão à pobre mesa e iguarias grosseiras das minhas criaturas; ainda tenho por delícias estar contigo e amar-te.

PECADOR

Próprio é do amor não só querer bem ao amado, mas mover-se a isso por algum motivo, e bondade que no amado acha. Sendo isto as-

sim, que bondade, que motivo de amor achastes, Senhor, em mim para me amar?

DEUS

Achei o que meu Apóstolo confessa: *Cum adhuc inimici essemus, ipse prior dilexit nos*: pecados, injúrias, torpezas, desagradecimentos. Mas se em ti achava motivos de ódio, que é tua maldade, em mim fui descobrir motivos de te amar, que é minha bondade; por minha bondade te amo, por mais que por tua maldade me desames.

PECADOR

O' admirável invenção do divino amor! O' bondade infinita! Grandes são, Senhor, as riquezas da vossa casa, pois delas me emprestais o cabedal com que apareça diante de vós, ornado de maneira que só possa empregar em mim vosso amor. Louvado sejais, ó formosíssimo Deus, ó sol divino, pois o resplendor dos raios da vossa bondade, reverberando no rosto de minha alma, me granjeia formosura, pela qual sou amado de vós.

DEUS

Aprende daqui, pecador, a não pôr os olhos, quando o próximo te afronta e persegue, em sua maldade, porque sairás com ódios e vinganças, mas em minha bondade, porque sairás com amor e benevolência.



PECADOR

Assim o farei, Senhor, para que, imitando-vos, alcance título de filho de um Pai, a quem a maldade dos pecadores não impede chover sobre justos e injustos, e aquentar com os raios do seu sol bons e maus; mas ensinai-me, Senhor, que gênero de amor é este com que me amais, para que em correspondência de tão grande amor vos ame.

DEUS

Amo-te com amor de benevolência, de que é próprio querer bem sem interesse próprio, mas só por bem do amado. Que interesses, que ganhos, que proveitos me pode granjear o amor com que te amo? Porventura riquezas, formosura, sabedoria, poder? Tu não vês, pecador, que todos esses e infinitos outros bens em grau infinito possuo, e de mim tenho das portas adentro, sem dependência de criaturas? Está firme nesta fé, que tão impossível é nascer-me de novo um pequeno gosto do amor com que te amo, além do que tenho de mim e tenho por amor de mim, como é impossível deixar de ser Deus: todo o interesse, proveito e gosto de te amar, é teu.

PECADOR

Amado ardentíssimo, quão abaixo fica o amor com que vos amamos do amor com que nos amais! Vosso amor é de benevolência, isento de interesse, nosso amor de concupiscência cheio de interesse; sempre quando vos amo é com o olho no proveito, ou de glória e prêmio

do outro mundo, ou de consolações e favores neste mundo; assim amamos a vós, assim amamos uns aos outros, tendo sempre por motivo de nosso amor o proveito, o gosto que dele recebemos.

DEUS

Meu amor para contigo não é só livre de interesse de teus bens, mas prestes e poderoso para te encher de todos os bens. O amor dos homens, por mais eficaz e verdadeiro que seja, sempre é falto de poder, não tem posse para dar, e comunicar o bem que quer e deseja. Que pai, que mãe, e amigo há, que iguale o amor com o poder, que possa dar quanto o amor manda e deseja? Eu não só tenho igual amor ao poder, mas o mesmo é amar, que dar; o mesmo querer bem que comunicar o bem que quero, de modo que não é possível querer-te bem de novo, sem te comunicar de novo algum bem.

PECADOR

O' excelência do amor divino! O' onipotente caridade do meu Deus, em que está a fonte de todos os bens, a mina de todas as riquezas, assim naturais como sobrenaturais! Mais sois, Senhor, que pai, mais que mãe, não há amigo na terra nem no céu, que convosco se possa comparar; eles, quando muito podem dar, ainda com escassez, bens temporais, vós espirituais desta vida, e da outra com abundância. Para que mais a vós me obrigue, dissei-me, Senhor, quanto há que assim me amais?



DEUS

*In charitate perpetua dilexi te.* Tão antigo é meu amor para contigo quão antigo eu sou para comigo. Da eternidade sou e me amo a mim. Da eternidade sou e te amo a ti. Por toda a eternidade me amarei, por toda também te amarei. Como o amor com que me amo não sofre pausa, assim o amor com que te amo não sofre pausa. Os anos, dias, horas e momentos que gasto em me amar, os mesmos gasto em te amar. A par nascem em meu peito um amor e outro, a par vão correndo e correrão eternidades sem cessar.

PECADOR

O' Senhor, quão diferentes combatentes somos, eu e vós; de quão diferentes armas saímos vestidos às batalhas da caridade, vós armado de amor e eu de desamor; vós de benevolência, eu de concupiscência; vós de perdão, eu de pecados. Da eternidade sois, e me amais; se de eternidades fora, de eternidades vos ofendera, pois a experiência me mostra que neste breve tempo que sou, sempre vos ofendo. As horas e momentos que gastais em me amar, gasto em pecar. E pois este ingrato ânimo até agora passou a vida em desprimores, ide avante, Senhor, com o primor de vosso amor, e dai-me graça para que o restante da vida se empregue em vosso amor, que é a verdadeira vida.

DEUS

Não sòmente te amo em todo o tempo, mas não estás em lugar em que te não ame; não

dás passadas em que os olhos de meu amor te não vão seguindo. Se te embarcas, contigo se embarca meu amor, para te resguardar das tempestades e ondas, que te ameaçam; se caminhas por ermos e desertos, contigo caminha meu amor, e te vai defendendo dos assaltos das feras de que vais cercado; se te assentas à mesa, não comes bocado, que não vá temperado pelas artificiosas mãos do meu amor; se te lanças para descansar em teu leito, meu amor te está fechando os olhos com brando sono, e sobre ti como cuidadosa mãe está vigiando toda a noite.

#### PECADOR

Alegra-te, alma minha, que tens um Deus, o qual *non det in commotionem pedem tuum*; como aio cuidadoso e amoroso por onde quer que vás como a criança te leva pela mão, por que não caias, não tropeces. *Neque dormitat, qui custodit te*; como diligente sentinela sempre está vigiando sobre ti, que não te aconteça desastre. *Dominus custodit te*; como guarda obrigada sempre te acompanha e cerca, que não te ofendam inimigos. *Dominus protectio tua, super manum dexteram tuam*; como escudo forte sempre te ampara e defende da artilharia que joga contra ti. *Per diem sol non uret te, neque luna per noctem*; como chapéu de sol no estio, te defende dos ardentes raios do sol, na fria noite do luar nocivo da lua. *Dominus custodiat introitum tuum, et exitum tuum ex hoc nunc et usque in saeculum*. Em todos os caminhos, idas e vindas, como guia verdadeiro te encaminha e en-



caminhará por toda a eternidade. Ensina-me, Deus meu e Senhor meu, para me dar por mais obrigado a vos amar, qual é a eficácia do amor com que me amais?

DEUS

Amo-te, pecador, com amor infinito, com o mesmo sem dúvida com que me amo a mim mesmo. Não há em mim multidão e variedade de amores, um para comigo, outro para contigo; com o mesmo me amo a mim e te amo a ti; como com o mesmo conhecimento me entendo a mim e a ti, assim com o mesmo amor me amo a mim e a ti; e como o conhecimento com que me entendo não pode deixar de ser infinito, sem termo, e por conseguinte o amor com que me amo, assim o conhecimento com que te entendo, e amor com que te amo, não pode deixar de ser infinito sem termo; assim que finalmente com amor infinito me amo, com amor infinito te amo.

PECADOR

O' Deus de infinito amor! Em quão profundo peço me vejo metido de amor vosso e obrigação minha; pois sendo infinito vosso amor para comigo, e sendo o mesmo vosso amar, que fazer bem e dar, nem podem deixar de ser infinitos os benefícios, que de contínuo me fazeis e dais!

DEUS

Abrangem os efeitos do amor, com que te amo, a alma e o corpo, as potências interiores e sentidos exteriores. São benefícios corporais

e espirituais desta vida e da outra, temporais e eternos.

PECADOR

Com todo o afeto de agradecimento reconheço, Senhor, que todos os bens tenho de vossa infinita caridade; a ela devo a criação do corpo e alma, e a conservação e sustentação da vida; a recreação dos sentidos, as cores da vista, músicas do ouvido, sabores do gosto, cheiros do olfato, qualidades do tato. Bendita seja, Senhor, vossa caridade, bendito seja vosso amor.

DEUS

Muito deves à minha caridade pelos benefícios corporais, que recontaste, muito mais pelos espirituais que por tua rudeza menos conheces. Pela predestinação com que desde a eternidade te escolheu meu amor, pela glória que no outro mundo tens aparelhada, pela justificação com te aceito a nova amizade e de inimigo te faço amigo, pelas ilustrações e inspirações com que movo tua vontade, e tua alma a todo o bem.

PECADOR

Neste singular benefício das inspirações interiores, o que mais me obriga de vosso amor, é a liberalidade e facilidade com que vós mesmo, sem cooperação minha, me meteis em casa vossas graças, antecipadas e prevenientes. Quantas vezes, estando eu descuidado e como dormindo em vosso serviço, chegais à porta de minha alma e bateis dizendo: *Aperi mihi, soror mea*



*sponsa*. Abre-me, alma minha. Quantas vezes, estando eu ocupado em negócios seculares e tráfeos do mundo, me dais pancadas no coração com o temor do inferno, com o medo da morte? Quantas vezes, estando embebido em bens da terra, me levantaiis súbitamente o coração a saudades do céu, sem eu da minha parte as granjear e procurar? Outros bens que me dais independente da minha cooperação senão os logro é culpa minha, que vós, Senhor, bastantes auxílios me dais. E daqui confesso as vantagens de vosso amor, que mais me quereis do que eu quero; mais me oferecis do que eu aceito; mais enfim me amais do que eu me amo.

#### DEUS

Que muito é, pecador, vir-te buscar à casa meu amor, com ilustrações e graças prevenientes, pois a mim mesmo trouxe do céu à terra, feito homem por amor de ti, com alma, corpo, potências e sentidos, como os teus; e sendo assim, que eu te formei à minha imagem e semelhança, e já que esta comunicação não se estendia a ti, nem aos mais homens, fazendo-te deuses, inventou meu amor a divina traça de me dar a mim Homem-Deus em manjar da Eucaristia, a ti e aos mais homens, para te deificar a ti e a eles nesta vida com temporal comunhão, e na outra me dar em prêmio e glória por eterna visão.

#### PECADOR

O' Senhor, quão confuso me têm os primores e termos de vosso amor. Se é assim, Se-

nhor, que a fineza do verdadeiro amor se vê em se comunicarem os bens dos amantes de parte a parte; oh! quão verdadeiro é vosso amor, divino Amante, quão falso é o amor deste mau amante! Tudo me comunicais, nada vos comunico; continuamente me andais manifestando vossos segredos, vós Criador a mim criatura; continuamente ando virando as costas a vós, Criador, eu criatura, manifestando meus segredos a criaturas; de todos os vossos bens me fazeis participante, de nenhum bem meu vos faço participante. Todo vos destes e dais a mim, todo me dou ao mundo e aparto de vós. Pois até agora fostes este, daqui em diante: *Benedic, anima mea, Domino, et omnia quae intra me sunt nomini sancto ejus*. Dá volta, alma minha, e com todo o cabedal de potências, sentidos, pensamentos e afetos, corpo e membros, que informas e vivificas, entrega-te a teu Criador e passa a vida em louvor e ação de graças deste Amigo divino e sobrenatural, que é teu benigníssimo e suavíssimo Deus. *Benedic, anima mea, Domino*.



## MEDITAÇÃO XI

### DA LIBERALIDADE DE DEUS

#### PONTO I

Se é próprio da verdadeira liberalidade dar sem esperança de prêmio, abrir mão às mercês, fechar o olho ao interesse; liberalíssimo sois, ó grande Deus, infinita é vossa liberalidade, pois continuamente estais dando sem nunca esperar retorno do que dais. Que podeis, Senhor, esperar de mim, vós rico de mim pobre, grande do pequeno, farto do faminto, santo do pecador, forte do fraco, sábio do ignorante, Rei do vasalo, Senhor do criado, Criador da criatura, e da mais pobre e miserável criatura que há entre as criaturas intelectuais? A verdade é, Senhor, que na liberal data de vossas mercês e benefícios, só tendes o olho em vossa bondade e grandeza, por mais maldade e baixeza que em mim acheis. E como os infinitos tesouros da vossa grandeza vos fazem incapaz de receber alguma coisa de mim, assim os infinitos tesouros de vossa bondade e liberalidade vos fazem incapaz de deixar de me fazer continuamente bem a mim. Por essa mesma bondade vos peço, Senhor, me

deis conhecimento do muito que liberalmente me dais, para que, ao menos com agradecimento de vontade e bons desejos, recompense com o pouco que posso o muito que vos devo.

PONTO II

Não se contenta, Senhor, vossa liberalidade em nos dar sòmente o necessário, também se estende ao que é cômodo e gostoso. O conselho de vosso Apóstolo é: *Habentes alimenta, et quibus tegamur, his contenti simus*; que nos contentemos com ter o necessário. Vossa liberalidade não se contenta com isto, passa adiante, dá mais do necessário, acrescenta delícias e recreações, sem as quais ainda que podíamos passar a vida, vosso liberal amor e amorosa liberalidade o não sofrem. O' grandeza do Criador! ó escassez das criaturas! quão largas são vossas mãos para nós, quão apertadas temos as mãos uns para com os outros, e para vós, pois não sòmente não damos o que podemos, mas sempre menos do que podemos, e da necessidade que vemos. Quem há de nós, Senhor, que procure recreação e gosto do próximo, onde se encontra com o seu? Quem há que não dê menos do que pode? quem há que quebre por seu cômodo, para o dar a seu irmão? Para que não fale, Senhor, de vós, cujo liberal amor, posto em balança com nosso amor próprio, sempre o nosso leva o melhor, esquecidos de vossa liberalidade, fâcilmente cortamos pela obrigação em que ela nos põe, à conta de não cortarmos por



um pequeno cômodo e gosto nosso. Pois em tudo o mais sois tão liberal comigo, particularmente peço o sejais em me dar copiosa contrição da ingratidão passada, copioso propósito de agradecimento futuro.

PONTO III

Vindo, Senhor, ao particular, bastava para sustentação necessária de minha vida qualquer gênero de mantimento ordinário. Quantos e quão vários inventou vossa poderosa liberalidade não só para nos sustentar, mas recrear; de carnes preciosas, de caças de animais do campo, aves do ar, mariscos das praias, pescados do mar, frutas das hortas e pomares, de diferentes sabores, agros, doces, bicais, temperados por vossa mimosa e saborosa mão: para que deixe de contar canas doces, favos de mel, fontes frias em tempo de calma, fontes quentes em tempo de frio, infinitos outros sabores com que me recreais. Oh, magnífica liberalidade de meu Deus, com que atos do entendimento e afetos da vontade poderei abranger tanta bondade e largueza? Mas não sei de que mais me admire, Senhor, se da liberalidade vossa para conosco, se da escassez nossa para convosco; pois no tempo em que vossa liberal mão me está pondo mesa de mel e de doçura, nesse mesmo vos está nossa rigorosa mão estendendo a mesa da Cruz, pondo por manjar fel e amargura, de modo que nem um púcaro de água fria há para vós, em tempo que em abrasada sede estais ardendo. Moderai, Senhor, vossa liberalidade para comi-

go, e vossa escassez para convosco, e dai-me, Senhor, a graça para que, tirando de mim com mortificação do muito e sobejo que me dais, com devoção o ponha em vós, para socorrer ao muito que por amor de mim vos falta.

PONTO IV

Sem delícias de cheiros pudera, Senhor, passar a vida, mas vossa liberalidade o não consente; estais sempre criando para meu olfato as áquilas e calambás na China, a canela em Ceilão, as mirras e benjoints em Arábia, nas minas do mar o âmbar, nos próprios animais os almíscares e algálias; nos jardins, a rosa, o cravo e a violeta; nos campos, os lírios e infinitas ervas cheirosas; e com artifício humano amassais as pastilhas, os pivetes, borrifais as águas estiladas. Imitando vossa real liberalidade, quero tirar tudo de mim, empregar tudo em vós, como fez com seu alabastro a devota Madalena, para que, estilando de si bálsamo vossos vestidos preciosos, recendendo com incenso vossas reais roupas, possa com o real Profeta cantar: *Myrra et gutta et casia a vestimentis tuis*. Que harmonia é esta tão suave que eu ouço de vozes humanas? Que descante tão doce de instrumentos músicos, harpas, flautas, cítaras e violas, alegre correspondência de aves cantoras, rouxinóis, melros, pintassilgos? São mimos sem dúvida de vossa real liberalidade; que tocando com seus dedos as cordas, organizando com arte divina as vozes, levantando o tom como o mestre da capela, acrescenta estas delícias a meus



ouvidos. Oh, quão diferente harmonia faz minha rusticidade a vossos ouvidos, do que vossa liberalidade a faz aos meus! Vós me recreais com músicas, eu vos ofendo com culpas, antes das próprias músicas enquanto me estais cantando, estou eu tirando motivo não de vos louvar, mas de vos ofender e injuriar. Daqui em diante ajuntarei minhas vozes com as vossas, minha música grosseira e terrena com a vossa celestial, servindo-me de agradecimento meu, a minha, de louvor vosso.

Estende, alma minha, teus olhos por céus estrelados, nuvens douradas, montes empinados, vales sombrios, campos floridos, bosques frescos, pedraria fina, mares cristalinos, rios caudalosos, e vendo quão largamente estendeu as mãos a liberalidade divina, não só para te sustentar, mas recrear, estende tu também liberalmente teu entendimento, para nele contemplar, tua vontade para o amor.

PONTO V

Se vossa misericórdia, Senhor, cobrira nossa nudez só com peles de animais, como fizestes a Adão, bastantes eram para nos defender do frio e injúrias do tempo, assim passaríamos bem a vida. Inventou vossa liberalidade linhos e hollandas finas, sedas brandas, mimosas, cetins, damascos e veludos, pedraria rica, e jóias de preço, que servem mais de ornar e aformosear os corpos, que de amparar e defender o tato. O' liberalidade mais que de mãe, com que palavras explicarei, Senhor, a muita obrigação, em

que me pondes? Se neste mundo corpos mortais, que logo se metem na sepultura, assim os tratais, que fareis, Senhor, no outro mundo a corpos imortais, que saem, para nunca mais morrer, das sepulturas? Oh, que roupas lhe dareis de luz eterna, com que opas os vestireis de imortal glória! Por tudo vos dou, Senhor, infinitas graças: para lograr em abundância bens do outro mundo, que prometeis, usarei com moderação e modéstia dos que neste mundo me ofereceis, entendendo que mais pretendeis minha fidelidade em os deixar que minhas delícias em os lograr.

PONTO VI

Se vossa liberalidade, Senhor, é larga e magnífica em bens da natureza, muito mais triunfa nos da graça. A misericórdia vos moveu a tomar natureza humana, para nos resgatar, e bastando a Encarnação, vossa liberalidade passou avante, lançou-vos nu em um presépio, faz de vossos olhos fontes de lágrimas, e traça a vida em suma pobreza, e a morte em suma desonra, desamparo e excessivos tormentos; e bastando uma gota de sangue derramado por vós, todo esgotou, e ainda o peito morto arremessou lança, e fez sair, misturado com água, algum pouco que ficava, e como se isto não bastara, querendo-vos partir para o céu, fez com que ficásseis juntamente na terra, não em um só lugar, nem um só tempo, mas em todos os lugares e tempos, em que se pronunciassem as palavras da consagração. De modo, Senhor, que vossa real liberalidade



vos tem como prisioneiro, metido e encerrado em sacrários, e vos traz como desterrado e peregrino cá na terra, por campos, montes e aldeias; e vós entretanto tão contente entre rústicos lavradores, e o que mais é, entre ingratos pecadores, como estais entre Anjos na glória; está vossa liberalidade para conosco em tempo de saúde e vida, está em tempo de enfermidade e morte, em que nos vindes buscar a nossos leitos, em que jazemos, para nos consolar, e como viático, esforçar e acompanhar na jornada para o outro mundo. Ali vos mete vossa liberalidade nas lojas escuras dos escravos doentes, na pobre cabana do pastor, na casa palhoça do lavrador, e ainda estando presos no cárcere, e metidos em correntes, entraís e vos prendeis conosco, para nos livrar de mais cruéis prisões de nossos pecados. E pois tão liberal sois em bens da graça, esta me dai, Senhor, em abundância, para conhecer o muito que vos devo, e o pouco que faço, a obrigação que me corre de vos servir por mercês tão avantajadas, e responder com liberalidade de bons serviços à liberalidade de vossos benefícios.

PONTO VII

Se a liberalidade se vê muito em dar tudo que se pode, e não se molestar com petições: quem mais liberal do que vós, Senhor, que não somente vos não enfadais de vos pedirmos, antes exortais a que vos peçamos? Assim nos convidais em vosso Evangelho: *Petite, et dabitur vobis; quaerite, et invenietis; pulsate, et aperie-*

*tur vobis*; que peçamos e receberemos, busquemos e acharemos, batamos à porta e nos abrião. Oh, liberalidade infinita, ó grande Deus, quão diferente condição é a vossa dos Senhores e Reis da terra! Eles com petições se enfadaram; vós com petições vos recreais; eles fecham as portas para se livrarem de petições, vós fazeis que fechais as portas, para se multiplicarem petições; quanto mais clamores ouvem, tanto mais se acendem em iras, e esfriam em dádivas; vós, quanto mais brados ouvis, tanto de melhor vontade acudis, e mais largamente dais. Eles dilatam o despacho, para que, enfadados os que pedem de esperar, deixem de pedir e molestar: vós dilatais o despacho, para que, acrescentando aos que pedem merecimento de esperar, os possais melhor e mais largamente despachar. Pois se assim é: *Sicut pullus hirundinis, sic clamabo, meditabor ut columba.*

Com a importunação que fazem os filhos das andorinhas e pombas, bradarei, clamarei, e quanto mais dilatardes tanto mais importunarei, como fez o do Evangelho, quando pediu à meia-noite três pães emprestados ao vizinho: com esperanças certas de que ao menos por importunação, quanto mais perseverar batendo às portas de vossa bondade, tanto melhor despachado sairei das mãos da vossa liberalidade.



## MEDITAÇÃO XII

### DA MISERICÓRDIA DE DEUS

#### PONTO I

Se misericórdia é virtude, que se compadece de misérias alheias, e como pode as remedeia, vós, ó grande Deus, verdadeiramente sois misericordioso, pois verdadeiramente vos compadeceis de nossas misérias, e com vosso poder as remediais; e estimais tanto este remédio, que a esta conta, ainda que todos os vossos atributos são iguais em perfeição, vos prezais mais da misericórdia, como testifica vosso Profeta: *Miserationes ejus super omnia opera ejus*. E pois assim é: *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam*. Por mais que meus peccados me levem preso ao tribunal de vossa justiça, dele confiadamente apelo para o tribunal de vossa misericórdia: com esperança certa que solto e livre logo dele sairei.

#### PONTO II

A segunda condição da misericórdia é carer das misérias de que há de livrar a outros: porque mal podem socorrer cegos a cegos, en-

fermos a enfermos, fracos a fracos, pobres a pobres, ignorantes a ignorantes, pecadores a pecadores, mortos a mortos; geralmente não há criatura que possa perfeitamente socorrer a outras criaturas, porque nenhuma há que não padeça alguma miséria. Só vós, ó grande Deus, mereceis perfeitamente o nome de misericordioso, pois vós só careceis de toda a miséria. Isento sois de cegueiras, enfermidades, fraquezas, pobreza, ignorância, pecado e morte, por isso podeis perfeitamente dar luz a cegos, saúde a enfermos, fortaleza a fracos, riqueza a pobres, sabedoria a ignorantes, santidade a pecadores, vida a mortos, e qualquer bem a toda a criatura. A vós em todas as minhas necessidades e misérias recorrerei, de criaturas miseráveis não confiarei.

PONTO III

*Oculi omnium in te sperant, Domine, et tu das escam illorum in tempore opportuno.* A primeira miséria corporal que padecemos, é de fome. A esta socorre, ó Senhor, vossa misericórdia com mantimento necessário, dado em seu lugar e tempo. Na primeira idade nos sustentais com leite doce, cozido por vossas mãos nos peitos de nossas mães; logo acudis com mantimentos mais sólidos e grosseiros, de pão, carne, lacticínios, pescados, frutas, ervas, legumes. Nem se limita aqui vossa misericórdia, abrange a brutos animais do ar, terra e mar: *Omnia a te exspectant, ut des illis escam in tempore; aperis tu manum tuam, et imples omne animal be-*



*nedictione*. Como todos criastes para nós, assim todos sustentais para nós, com mantimento acomodado a suas naturezas.

De vós canta vosso Profeta: *Qui dat jumentis escam ipsorum, et pullis corvorum, invocantibus eum*. Que chegais a tal misericórdia, que até aos pintos dos corvos socorreis com mantimento secreto, quando com as bocas abertas estão piando, e chamando por vós que os socorrais, que é enquanto seus pais os desamparam, e desconhecem por filhos, por não estarem ainda empenados de negro, como eles.

Por estes benefícios tão singulares: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*. A matéria de meus cantos e louvores será, daqui em diante, Senhor, vossas misericórdias, ficando sempre com esperanças certas que pois acudis tão largamente com mantimento corporal a minha grande miséria de fome corporal, mais largamente acudireis com mantimento espiritual a minha maior miséria de fome espiritual; e já que nesta vida não acabo de me fartar: *Satiabor cum apparuerit gloria tua*. Então me fartarei quando, posto a vossa mesa na glória, vos lograr como manjar divino com a vista clara do meu entendimento, com o afeto gozoso e afetoso de minha vontade.

#### PONTO IV

A segunda miséria corporal que padecemos, é de sede. Para acudir a esta: *Emittis fontes in convallibus, inter medium montium pertransibunt aquae*. Não contente só com a fonte do

Paraíso terreal, repartida em quatro caudalosos rios, para uso dos primeiros homens; em todo o mundo estais brotando fontes que, descendo do alto ao baixo, servem de regar as terras, e matar a sede. E por que nenhuma parte ficasse isenta deste benefício, inventastes nuvens, as quais ainda que se levantam do mar salgado, lagoas e charcos corruptos, pestíferos, contudo, temperados por vossa mão no ar, descem desfeitas em água doce e salutífera, e causam na terra e em nós os mesmos efeitos, e é tão copiosa a vossa misericórdia que abrange a brutos animais: *Potabunt omnes bestiae agri, expectabunt onagri in siti sua*. Por mais sequiosos que sejam de natureza, a todos matais a sede, a todos fartais.

*Homines et jumenta salvabis, Domine, quemadmodum multiplicasti misericordiam tuam, Deus*. Ainda que vossa misericórdia, Senhor, igualmente acode à miséria dos homens e animais, igualmente dá nascença a fontes, correntes, a rios para uns e outros. *Filii autem hominum in tegmine alarum tuarum sperabunt*. Contudo com mais subida misericórdia, mais ilustre providência socorreis aos homens, com diferente amparo os favoreceis. *Inebriabuntur ab ubertate domus tuae, et torrente voluptatis tuae potabis eos, quoniam apud te est fons vitae*. Mais puras e cristalinas fontes tendes no céu para eles guardadas, águas de delícias eternas, as quais pondo eles à boca, por toda a eternidade estarão bebendo sem se fartar, e se estarão fartando sem acabar de beber: *Quemadmodum de-*



*siderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus.* Oh! quem me dera, Senhor, correr a tão deliciosas fontes, a tão cristalinas correntes, com a sede que leva o veado, quando ferido da seta ervada, vai saltando por matos e brenhas para se fartar e banhar nas fontes de águas puras.

PONTO V

A terceira miséria corporal é nudez, com que saímos todos a este mundo. *Nudus egressus sum de utero matris meae.* Mas vossa misericórdia que veste as aves de penas, os cordeiros de velos, outros animais de pêlos e sedas, os peixes do mar de conchas e escamas, e ainda as tenras árvores de cascas e cortiças, os cravos de cetim cremesim, as açucenas de holanda fina, as violetas de púrpura roxa, as rosas de encarnado: com maior cuidado me cobre e veste, pois tudo o com que cobris, Senhor, os mais viventes, criastes para me cobrir e vestir a mim; suas peles, velos, lãs, e pêlos, são meus: a nossos primeiros pais daqui os cobristes, a nós dais também licença para os despir a eles, e com artifícios de tecedura vestir a nós. Mas ai, Senhor, que, compadecendo-se vossa misericórdia de todos os viventes, ainda dos insensíveis, que são plantas e árvores, só de vós dependurado de uma árvore se não compadece! nu vos deixa padecer três horas ao frio e vento, e morrer sem cama, sem vestido, a puro desamparo. Mas pois morreis em suma pobreza e nudez neste mundo, para me cobrir de suma riqueza

no outro, primeiro me vesti da roupa da graça, assentará sobre ela bem a real púrpura da glória.

PONTO VI

A quarta miséria corporal a que está sujeita nossa natureza, é a doença, são enfermidades, tantas quase em número quantos são os sentidos e membros do nosso corpo; cegueira, surdez, aleijões, paralisias, dores, febres ardentes. Mas se nosso pecado, autor de todo o mal, muitas doenças causou; vossa misericórdia, Senhor, autor de todo o bem, muitos mais remédios criou: de ervas, flores, plantas, e frutos medicinais, alambres, cordiais, bálsamos que estilam de várias espécies, fontes quentes que saem da terra, ossos de animais, bazares que se geram em suas entranhas, pedras de virtudes ocultas que se acham em minas, e infinitas outras medicinas, de que ainda brutos animais se sabem valer para suas enfermidades.

Mas vossa benigna misericórdia, não contente de criar medicinas para nossos males, chegou a vos fazer a vós mesmo médico de nossos males. Vós, Senhor, o encarecestes no Evangelho com a parábola do Samaritano, que com óleo e vinho sarou as feridas mortais do que descendo de Jerusalém para Jericó caiu em mãos de ladrões. De Jericó para Jerusalém, do mundo para o céu devera eu de subir; desci com meus pensamentos, palavras e obras da celestial Jerusalém para o inconstante Jericó do mundo; em tão errado caminho, sucedeu o que era certo, caí em mãos de ladrões e inimigos



infernais, que, despojando-me das riquezas da graça, me deixaram de feridas de pecados mortais meio morto no corpo, de todo morto na alma; sem remédio estava acabando, descestes do céu feito homem e médico meu, e com vinho de vosso precioso sangue, misturado com óleo de vossa misericórdia, me sarastes no corpo e alma; se vejo sem cegueira, se falo sem nudez, e me meneio sem aleijão, e vivo sem enfermidades, muitas graças a vós, Médico divino.

Ai Senhor, que só para vós não há médico, só para vossas enfermidades não há remédio! Golpeado de cruéis açoites, caís desatado da coluna, envolto em vosso próprio sangue, e não há quem acuda, com lavatórios de confeição, a vossas feridas, não há quem as fomite com bálsamos, quem as aperte com toalhas finas! Correm do alto da Cruz rios de sangue de vossos pés e mãos, e não há pedras de estancar sangue que o vedem! A febre em que ardeis está empinada o mais que pode ser, a boca e língua tendes mirrada à pura sede; bradais: *Sitio*; e não há um púcaro de água fria para vos refrescar. Bem se deixa ver que a doença de que morreis é de amor, pois tanto mais cresce vosso amor, tanto mais cresce vossa doença, quanto mais vossa morte se chega; aqui das mais enfermidades se por vossa misericórdia me curais, desta de amor me deixai adoecer, para que à vossa imitação com ela viva, e dela morra.

PONTO VII

A quinta miséria com que entramos neste miserável mundo é necessidade de aposento, em que vivamos amparados das injúrias do tempo. Mas vós, Senhor, que piedosamente dais de comer aos que não fome, de beber aos que não sede, e vestis os nus, também nesta parte dais pousada aos peregrinos. Como gado sem pastor andáramos pelos campos às chuvas, frios e calmas, se vossa misericórdia nos não valera com aposentos, parte naturais de troncos de árvores, cavados de lapas, e concavidades da terra; parte artificiais de edifícios fabricados de materiais, que em toda parte criastes, e com engenho e arte que destes aos homens para saberem edificar, o que também a seu modo comunicastes aos brutos animais, que sabem cavar na terra covas, e fabricar ninhos em que vivem, e criam mimosamente seus filhos. E sendo esta vossa misericórdia para as raposinhas e lebrinhas da terra, e para as aves do ar, só para vós não há aposento, em que possais encostar a cabeça, e tomar um breve repouso. Nasceis em um presépio de brutos animais, e esse emprestado, e logo na tenra idade andais peregrino, desagasalhado por desertos do Egito; e ocupado na maioridade em ensinar e remediar o mundo, só achais para descansar montes e outeiros despovoados, embarcações alheias, e terra nua. O' Deus, quão desamparado vos vejo de tudo, sendo assim que sois amparo de todos! Imprimi em minha alma tais desejos de imitação vossa, que folgue de me ver em de-



sertos desamparado de todo o cômodo da vida, tendo minhas esperanças só dependuradas de vós, que sois verdadeiro amparo do mundo.

PONTO VIII

A sexta miséria corporal a que somos, Senhor, sujeitos, é o cativo que nos priva da liberdade natural, e transfere ao domínio alheio. Esta padeceu vosso povo em Egito sujeito a reis bárbaros, que tirânicamente o senhoreavam, e ocupavam nos mais baixos e vis officios. Mas vossa paternal misericórdia, com espanto dos inimigos, de tão cruel cativo os livrou, e deu matéria ao Profeta para que, tomando a harpa nas mãos e versos na boca, cantasse: *Confite-mini Domino, quoniam bonus, quoniam in saeculum misericordia ejus*. Cantemos ao Senhor por sua bondade, cantemos ao Senhor por sua misericórdia. *Qui percussit Egyptum cum primogenitis eorum, quoniam in aeternum misericordia ejus*. Para livrar vossos amados filhos, matastes aos filhos dos Egípcios, bendita seja para sempre vossa misericórdia. *Qui eduxit Israel de medio eorum, quoniam in aeternum misericordia ejus; in manu potenti, et brachio excelso, quoniam in aeternum misericordia ejus*. Com braço poderoso, com mão esforçada, tirastes do meio do cativo vosso povo: bendita seja para sempre vossa misericórdia. *Et excussit Pharaonem, et virtutem ejus in mari rubro quoniam in aeternum misericordia ejus*. Ao bárbaro Faraó e seu exército derribastes dos cavalos e coches, e lan-

çastes no profundo do mar roxo; bendita seja para sempre vossa misericórdia. *Qui traduxit populum suum per desertum; quoniam in aeternum misericordia ejus.* Por desertos e areiais incultos da Arábia, guiastes vosso exército sem falta alguma do necessário; bendita seja para sempre vossa misericórdia. Não resgatou só vossa misericórdia cativos do Egito, mas também de Babilônia, diferindo a petição que muito dantes David fizera: *Converte, Domine, captivitatem nostram, sicut torrens in Austro.* Ausentes da sua fresca e fértil Palestina estavam vossos filhos em Babilônia, como em terra austral sujeita aos ardores do sol, seca e estéril; acudistes com liberdade, como chuva assazonada, e rio caudaloso que de súbito começa a correr e regar a terra; assim matastes a sede, regastes a esterilidade do cativo de vosso povo. Mais cruel cativo padecia o gênero humano debaixo da tirania de Lúcifer: em maior esterilidade vivia de graça, caridade e mais virtudes, mas onde a necessidade era maior, acudia com mais copiosa redenção vossa misericórdia: *Sicut torrens in Austro:* e nos refocilou, e livrou da morte eterna, como antigamente livrou os Israelitas na Arábia deserta, austral e seca, da sede e morte temporal, com as correntes de água tiradas da pedra com o toque da vara. De vós, verdadeira pedra tocada com os tormentos da Cruz, vejo sair correntes, não de água, mas de sangue por cinco canos ou aberturas de pés, mãos e lado; assim regastes nossa esterilidade, matastes nossa sede, e resgastastes nosso cativo.



Muitas graças vos dou, Senhor, pelos resgates dos corpos, pelos resgates das almas, então as darei perfeitas pelo resgate de almas e corpos juntamente quando livre de todo da morte, saindo com os mais Santos do cativo escuro da sepultura, isento de tormentos do inferno, poderemos com vosso Profeta cantar: *In convertendo Dominus captivitatem Sion, facti sumus sicut consolati; sicut somniantes*. Oh, que consolação tão grande esta, ver mudado nosso cativo em liberdade eterna! E' possível que é isso assim? Nós sonhamos, ou realmente vemos com os olhos, e logramos em presença tanto bem?

*Tunc repletum est gaudio os nostrum, et lingua nostra exultatione*. Em tão bem-aventurado dia, o coração pulará de alegria, a língua se soltará em cantos e hinos de vosso louvor!

*Tunc dicent inter gentes: magnificavit Dominus facere cum eis*. Oh, que confusão trará nossa glória e liberdade aos que ressuscitarem prisioneiros de demônios, e julgados a eterna condenação! Como estarão com os olhos longos em nós comendo-se de raiva, e dizendo uns para os outros: olhai quão bem o fez seu Deus com eles, como trocou o cativo temporal que por ele tomaram, em liberdade eterna, que para este dia tinha guardado.

*Magnificavit Dominus facere nobiscum, facti sumus laetantes*. Oh, como estaremos sobranceiros a queixumes de danados, oh! que penas acrescentaremos a suas merecidas penas dizendo: assim é que liberal e magnificamente o fez

Deus conosco, desta maneira soube e pôde trocar nossa tristeza em alegria, nossa pobreza em riqueza, nosso trabalho de semear com lágrimas nos olhos, em contentamento de recolher com júbilo do coração.

PONTO IX

A sétima e última miséria temporal que padecemos, é morte, que aparta a alma do corpo, e o corpo da alma, e acaba a vida; mas a misericórdia de Deus, que é sobre todas as vidas, como acode às mais misérias corporais, assim a esta suprema de todas, não se apartando nunca da alma, nem do corpo, guiando a alma com certeza ao outro mundo, sepultando o corpo com cuidado neste mundo. Para este efeito logo quando Deus sentenciou Adão à morte, assinou para sepultura comum a terra que, recebendo em suas entranhas nossos corpos, com sua virtude consome nossas fezes e corrupção, e deixa os ossos secos purificados e limpos. Para corpos em que viveram almas com verdadeira fé, como em órgãos e vasos sagrados, assinou a misericórdia divina templos sagrados em que descansam: *Non contemnenda sunt corpora defunctorum* (diz S. Agostinho), *maxime fidelium, quibus tamquam organis et vasis, ad omnia bona opera spiritus usus est.*

Corpos de justos e santos, cujas almas viveram em fé verdadeira, mas em contemplação divina, padeceram martírio e foram mimosos de Deus; toma a misericórdia divina à sua conta sepultar em lugares milagrosos, meter em se-



pulcros gloriosos fabricados por ele mesmo de sobremão.

Assim o fez a seu amado Moisés, cujo corpo escondeu e depositou em lugar secreto; ao bem-aventurado S. Clemente Papa, a quem fabricou no meio do mar capela e sepultura lavrada com sumo artifício de mármore fino; a S. Catarina mártir, que mandou levar por seus Anjos ao alto do monte Sinai; a Armogastes, bispo, cujo corpo havendo de sepultar-se ao pé de uma árvore, por sua ordem cavando-se a terra, se achou uma sepultura tão artificiosa, que nem os reis da terra as têm semelhantes. O mesmo favor fez o Senhor a S. Eiria, portugueza virgem e mártir, a quem fabricou sepultura no meio das águas do rio Tejo, e outros muitos Santos que sabemos.

Só para seu sagrado Corpo, unido à Divindade, instrumento e órgão suavíssimo de sua alma bem-aventurada, não fabricou Deus sepulcro; alheio e de esmola o teve, para ser a morte conforme à vida, e porque morreu por pecados alheios: *Ut quid illi propria sepultura (diz S. Agostinho) qui in se propriam mortem non habebat?* Não convinha ter sepultura própria quem não teve pecado próprio, não padeceu morte própria; por vida alheia, que era a nossa, padeceu morte; por isso toma sepulcro alheio; assim deve ser de nós mais reverenciado e estimado, e ao menos com espírito e santos desejos visitado e frequentado, para que se cumpra em nós a profecia de Isaias: *Erit sepulchrum ejus gloriosum.*

Quanto, Senhor, em vossos Santos e fiéis grandemente triunfa vossa misericórdia, ocupando-se em sepultar mortos, fabricar sepulcros em que descansem; mas muito mais triunfará em os tirar no dia do juízo das sepulturas vivos. E que espetáculo, que teatro de vossa misericórdia tanto para ver, será levantarem-se como tomados por vossa mão, ligeiros, sutis, alegres, resplandecentes, imortais, os que até aquela hora estiveram pesados, grosseiros, tristes, às escuras e sujeitos à corrupção e ludíbrio da morte. De vossa mão quero, Senhor, ser sepultado, por vossa mão metido na sepultura que me escolherdes, ainda que sejam as entranhas dos monstros do mar, pois de vossa mão hei de ser enfim ressuscitado; com esta certeza e alegria viverei, com esta certeza e alegria morrerei.

PONTO X

Das misérias espirituais, a primeira é falta de conselho, que é o mesmo que ignorância de entendimento prático, do que somos obrigados a fazer em matérias morais, como é a guarda dos Mandamentos, etc. A esta socorre vossa misericórdia, Senhor, aconselhando sem erro, sem paixão, com inteireza e liberdade e perpétua presença, sem faltar um ponto; assim sempre vos podemos perguntar e ouvir para não errar. Nem só nos aconselhais interiormente, quando vos perguntamos o que havemos de fazer; mas sem perguntar nem consultarmos, de contínuo nos estais dando avisos e batendo ao



coração; e o que mais é, que ainda resistindo nós e fazendo que não ouvimos, continuais, bradais e avisais.

Assim o dizeis por Isaías: *Expandi manus meas tota die ad populum incredulum, qui graditur in via non bona post cogitationes suas*. Oh, quantas vezes vou para cometer o pecado a que me inclina a natureza e o mau costume, e vós estendendo os braços parece me estais tendo mão, impedindo, bradando, avisando que não faça, e eu descortêsmente vou avante sem dar por vossos conselhos, e vos ofendo. Arrepellido do passado, peço, Senhor, perdão; ide avante, Conselheiro divino, já meus desejos estão rendidos, vossos celestiais conselhos tomarei, a eles obedecerei, deles nunca me desviarei.

PONTO XI

A segunda miséria espiritual é ignorância do entendimento especulativo do que somos obrigados a crer e ter em matérias de fé e conhecimento das coisas de Deus; esta miséria lança fora vossa misericórdia, Senhor, como o sol as trevas, alumando nosso entendimento. Primeiramente com o lume natural; *Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine*. Imprimistes em nós vossa imagem, por ela temos razão, inteligência, conhecimento, que como bandeira nos vai guiando, como tocha mostrando o caminho verdadeiro. Bastava esta luz para não errar, acrescentastes feito homem vossa doutrina, da qual dizeis: *Ego sum lux mundi; ego sum via, veritas et vita*. Confesso, Senhor, que sois ver-

dadeira luz, caminho, verdade e vida. Vós nos abristes as portas do céu, mostrastes o mistério da Santíssima Trindade, destes notícias da bem-aventurança que nos espera, que é a visão da vossa divina essência, cuja imensidade, eternidade, bondade, poder e sabedoria, da maneira que podia ser, declarastes; tudo creio, Senhor, por tudo dou infinitas graças a vossa divina Majestade e misericórdia, que, como se preza de dar bom conselho, assim não se despreza de ensinar os ignorantes.

PONTO XII

A terceira miséria espiritual a que estamos nesta vida sujeitos é de erros viciosos ou pecados contra Deus, em que de contínuo caímos com pensamentos, palavra e obra, com blasfêmia e juramentos, ódios, furtos, luxúrias, murmurações, iras, injúrias, faltas de caridade e amor de Deus. A esta miséria tão frequente, não se enfada vossa misericórdia, Senhor, de acudir frequentemente, castigando os que erramos, não com castigo de condenação para dar morte, mas de repreensão e admoestação para dar vida. Interiormente avisais, repreendeis, mostrais o mal, confundis, arguís, remordeis, e algumas vezes com açoites exteriores castigais como Pai, para que nos levantemos dos erros passados e acautelemos para os futuros. Pudéreis, como Senhor e Juiz, acudir a nossos erros com vara alçada, com espada desembainhada, pondo tudo a ferro e a sangue, mas vossa misericór-



dia, detendo o braço da justiça, vos faz sair com castigo de Pai, pretendendo mais emenda que vingança. Com esta entrastes também neste mundo, repreendendo os pecados que achastes, com exemplo e palavras paternais; e se alguma vez o fizestes com açoites e azorragues cruéis, dos próprios pecadores os tomastes, convosco os não trazíeis. *Delectationes in dextera tua usque in finem*. Vossas mãos cheias andam sempre de flores, de jacintos e estrelas. De boa vontade aceito, Senhor, o castigo de Pai nesta vida, à conta de escapar do castigo de Juiz na outra vida; castigai com misericórdia meus erros, para que emendado deles com o castigo temporal fique livre do eterno.

PONTO XIII

As duas supremas misérias espirituais que padecemos, são pecado e tristeza. Pecado é ofensa vossa, injúria feita contra vossa divina Majestade; de modo que chega esta miserável criatura vossa a ofender a vós, Criador, Senhor e Pai seu; e se é verdade que a graveza da injúria se há de tomar da dignidade da pessoa, e quanto a pessoa injuriada é mais nobre, a injúria é maior; sendo, Senhor, vossa dignidade infinita, sem dúvida a injúria que vos faço em pecar, em seu gênero é infinita! Debaixo da lança me tem vossa justiça, mereço que execute em mim castigos infinitos; mas vós, benigníssimo Deus, segundo vossa grande misericórdia, não só perdoais as injúrias que vos faço, mas

ainda oferecis meios, dais traça com que alcance de vós mesmo este perdão e misericórdia; que a não convidardes, a não dardes a mão, como pudera eu, Senhor, sair com a dor e contrição com que o perdão se granjeia? Chegais a tal extremo de piedade e misericórdia, que do céu à terra me vindes buscar para me perdoar, chorando por mim, lançando bando de pazes por vossos Anjos, como se eu fora o ofendido e não vós. Por tudo vos dou infinitas graças; reconheço, Senhor, a grandeza do benefício, vejo minha baixeza, reverencio vossa alteza, estou certo do que mereço e do que merecis. Pois tão fácil sois em me perdoar, não sejais dificultoso em me encher de copiosa graça, para nunca mais vos ofender, e alcançar a glória, na qual: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*; por toda a eternidade vossas misericórdias cantarei.

Tristeza como nuvem escura cega o entendimento; como peso incomportável carrega a vontade; como febre héctica consome e mirra os ossos; como onda empolada soçobra a naveta da alma. Mas vossa misericórdia, como sol, esclarece o entendimento; como asa ligeira alivia a vontade; como medicina saudável, sara a alma; como serenidade, sossega as ondas e leva a naveta ao porto desejado; enfim, sois verdadeiro consolador dos tristes.

A primeira e principal tristeza que padeço, Senhor, é dos pecados que cometo. Oh, que confusão sente minha alma depois de cometer o pecado, que temores e assombramentos a cer-



cam, que fúrias a abrasam, que serpentes a despedaçam! Não é necessário ir ao inferno, já nesta vida padeço açoitado infernal, já as chamas do fogo eterno me consomem. Mas vós, misericordioso Deus, com uma lágrima de dor apagais os incêndios que me queimam; com um suspiro de contrição afugentais as fúrias do inferno que me ameaçam. À vista de um *Peccavi*, tirais a raiz de minha tristeza, e perdoado o pecado, serenais os tumultos de minha alma.

A segunda tristeza que padeço, é causa das misérias da vida; por uma parte me combatem rebeliões da carne; por outra doenças e enfermidades do corpo e corrupção da natureza; são vários os sucessos da vida, as esperanças cada hora frustradas, os amigos no melhor faltam, os inimigos continuamente perseguem, o necessário para sustentar a vida falta; que coisa há que não abra as portas à tristeza e as feche à alegria? Mas vós, Consolador supremo, despertando e fundando minhas esperanças, reprimis rebeliões, sarais enfermidades, acertais sucessos, granjeais verdadeiros amigos, venceis inimigos, dais quando me não precato o necessário para a vida; vós sereis daqui em diante o meu Consolador, não quero outro Consolador.

A terceira tristeza nasce da ausência da verdadeira pátria por que suspiro, da presença do cruel desterro que padeço: *Super flumina Babylonis illic sedimus, et flevimus dum recordaremur Sion*. À borda do rio turvo desta bárbara Babilônia, me assento chorando com saudades da bem-aventurada Sião; cercado de males que

não posso fugir, ausente de bens que não posso alcançar. Que vida fora, Senhor, a minha, que consolação pudera ter, se vossa misericórdia não tomara à sua conta consolar com certeza de esperanças futuras tristeza de males presentes? *Laetatus sum in his, quae dicta sunt mihi, in domum Domini ibimus.* Vosso misericordioso rosto me alegra, vossas promessas me animam, a brandura de vossas palavras me consola e esforça, pois prometeis livramento de males, dais palavra de trocar desterro com pátria, terra com céu, cárcere com paço, e morte com vida, que sois vós, vida minha.



MEDITAÇÃO XIII  
DA ONIPOTÊNCIA DE DEUS

EM MODO DE DIALOGO ENTRE ARSENIO E HILARIO

ARSENIO

Pois livre dos tumultos e incêndios do mundo, como Abraão de Ur dos Caldeus, e Lot das cidades abrasadas, nos achamos neste deserto, aproveitemo-nos do seu silêncio e quietação, gastemos, irmão Hilarião, o tempo em contemplação e práticas de Deus e seus atributos, pois o sítio e liberdade da alma a tudo nos convida.

HILARIO

Entre as perfeições divinas, a que mais leva o discurso do meu entendimento e afeto da minha vontade, é a Onipotência de Deus, que é o mesmo que poder para fazer tudo que quiser; quanto sua infinita sabedoria vê que é factível, tudo pode fazer; nenhuma coisa quererá Deus fazer, que não possa fazer; infinitas pode que não quer; se quisera, as fizera.

ARSENIO

Alegra-te, alma minha, pois tens um Deus ao qual: *Non erit impossibile omne verbum.*

Tudo pode quanto quer, iguala poder com querer, e querer com poder, o que se não acha em criaturas, que muitas coisas querem que não podem: canto com o santo Tobias: *Non est alius Deus omnipotens praeter eum*. Só Deus é todo-poderoso, não há outro, nem pode haver outro todo-poderoso.

#### HILARIO

Deste atributo tirava Salomão motivo de espanto e admiração quando dizia: *Unus est altissimus Creator omnipotens, et rex potens, et metuendus nimis*. Não há mais que um Deus altíssimo, Criador todo-poderoso, Rei onipotente, e, por esta causa, admirável e digno de ser temido. O mesmo confesso, Senhor meu, com Salomão: o que até agora está criado, tudo são obras de vossas mãos, tudo criastes, tudo conservais, tudo podeis outra vez mudar, aniquilar, e em seu lugar infinitas coisas criar; por este vos confesso, reverencio, adoro e desejo sobretudo amar e reverenciar.

#### ARSENIO

A primeira maravilha da onipotência de Deus é a cópia, e multidão de criaturas com que saiu, e sai cada dia: céus, sol, luz, planetas, e estrelas; elementos, água, terra, fogo e ar; mistos, metais, ouro, prata, pedraria fina, diamantes, esmeraldas, jaspes, safiras. Viventes que não são sensitivos, plantas, ervas, flores, árvores, plátanos, cedros, faias, ciprestes, frúctices, que nem são ervas, nem são árvores, heras, vi-



deiras, giestas. Viventes sensitivos irracionais que são animais da terra: leões, elefantes, serpentes. Animais do mar: baleias e infinitos monstros. Animais do ar: águias, falcões, pombas, rouxinóis. Viventes sensitivos racionais, que são homens, espalhados por todos os climas e espaços do mundo; enfim, Anjos sem conta que enchem o céu.

#### HILARIO

Se multidão de criaturas é a primeira maravilha da onipotência de Deus, a segunda sem dúvida é a diversidade das mesmas criaturas, ainda dentro da mesma espécie. Olhai para o céu, em noite serena, meu irmão Arsênio, acheis ser assim, vendo a variedade com que continuamente vem nascendo tanta multidão de estrelas, umas de primeira grandeza, outras nebulosas; outras de segunda grandeza, umas fixas, outras erráticas, que chamam planetas; umas que com seus sítios e aspectos fazem figuras de Leão, Touro, Águia, Naveta; outras fazem figuras humanas, como do capitão Orião, cingido de sua espada dourada, do destro Sagitário, que sempre está embebendo seta no arco e ameaçando tiro; da rainha Cassiopéia, assentada em sua cadeira esmaltada de pedraria fina, e outras semelhantes.

#### ARSENIO

Entre os planetas, o que merece maior admiração é o Sol, o qual com seu imenso esplendor alumia não só este mundo inferior, mas também superior, acendendo e repartindo luz

aos mais planetas e estrelas do firmamento; é como coração ou olho do mundo, alegria do ar, terra e mar; formosura e graça do céu e de toda a natureza; pois do alto comunica vida a planetas e animais; e de tal maneira reparte a variedade e sucessão dos tempos, que já faz primavera temperada, já estio ardente, já outono frutífero, já inverno recolhido e triste; já com sua presença dias claros, já com sua ausência escuras noites, e penetrando com a força e virtude de seus raios e influências a terra, está sempre gerando em suas entranhas ouro e pedras preciosas.

#### HILARIO

Bendito e louvado sejas, Senhor, por criardes criatura tão nobre e formosa, e cifrardes nela tantas perfeições juntas, com efeitos tão maravilhosos. Razão teve de dizer vosso Profeta: *In sole posuit tabernaculum suum*; que entre todas as criaturas escolhestes o sol por particular aposento, e morada vossa. Ainda que em todas as criaturas habitais como em paços vossos, o do sol mostra mais vossa nobreza, majestade e poder, e faz respeitar com maior reverência vosso real e divino Ser. Pois é assim: *Vespere, et mane, et meridie narrabo*. A vós adorarei ao pôr do sol, a vós ao nascer louvarei como autor da variedade e uniformidade de seu curso, mas principalmente entoarei vossos louvores ao meio-dia quando o sol, empinado no mais alto do céu, lança com maior força seus raios, e me avisa lance a vós com maior força os afetos de meu amor.



ARSENIO

Vamos adiante, meu irmão Hilarião, e descendo do alto do céu, não passemos sem consideração pelas curiosidades do ar que está vizinho, onde parece Deus continuamente anda provando o pino de seu poder executando o que de si diz na Sabedoria: *Ludens in orbe terrarum*; já arremessando lanças, já jogando alcanzias de fogo claro, que da noite fazem dia; já ameaçando com cometas em forma de alfanges, espadas e balas afogueadas! Oh! que vista tão aprazível fazem as nuvens em dias serenos, ora armando o ar com volantes de tela branca, ora ornando o poente com brocados ricos tecidos de fino ouro; já com carmesins abrasados de cor fina, a que nem chegam tintas, nem esmaltes da terra; mas o que o Autor da natureza quer que consideremos com maior atenção é o arco das nuvens: *Vide arcum et benedic eum, qui fecit illum: valde speciosus est in decore suo. Gyrauit caelum in circuitu gloriae suae: manus Excelsi aperuerunt illum.* Como se dissesse: levanta, homem, os olhos para o arco celeste, e louva o grande Deus que o fez: olha como é formoso e belo a variedade de cores com que sai, abrasada, dourada, azul, mas principalmente amarela, verde e vermelha; só a poderosa mão de Deus o pôde lançar tão certo e direito no semicírculo que faz tão vário e aprazível, nas tintas com que vem iluminado, e dá graciosa e agradável vista de si ao mundo.

#### HILARIO

As impressões várias e aprazíveis de ar me admiram, o arco das nuvens me leva os olhos: mas muito mais me admira, e leva os olhos e coração, outro arco mais formoso, figurado no das nuvens, que sois vós, ó bom Jesus, levantado em alto, estendido em uma cruz, com braços abertos e arqueados, pintado por mão do amor com tintas finas: amarela da sombra da morte, verde das pisaduras dos inimigos, vermelha do sangue de que todo estais banhado! Se o arco das nuvens promete como sinal certo serenidade e segurança de dilúvio, muito maior segurança temos em vós, arco divino, pois estais voltado, não contra nós para nos ferir com setas de justiça e vingança, mas contra o céu para o render com setas de satisfação e misericórdia! Cumprirei o que mandais: *Vide arcum et benedic eum, qui fecit illum.* Para vós sempre olharei, em vós sempre considerarei, de vossa formosura afeada por amor de mim, tomarei matéria de louvar o poder e piedade, com que por esta vida me livrastes do dilúvio de pecados, e granjeastes a serenidade da graça com esperança da glória.

#### ARSENIO

Se impressões alegres e curiosas do ar merecem admiração, não são menos admiráveis as tempestuosas e tristes, em que igualmente se vê a força do poder de Deus, quando de repente mudado o rosto, se tolda o céu, se carregam



as nuvens, e com espantoso estrondo que retumba na terra e assombra as gentes, começam a despedir raios e coriscos, e enfim se desfazem em chuva que alaga campos, e com cheias extraordinárias faz transbordar os rios, e em tempos mais rigorosos e frios, lançam de si pastas de neve e pedra congelada, que cobre os montes e afoga a choupana do pobre lavrador.

#### HILARIO

Se tão espantosos são os efeitos com que o poder de Deus só parece nos ameaça, que será quando no juízo universal sair com o que ameaça a Sabedoria: *Armabit creaturam ad ultionem inimicorum: pugnabit cum illo orbis terrarum contra insensatos*. Porá em campo todas as criaturas contra nós, o mundo tomará armas para vingar as injúrias que fazem pecadores contra seu Criador! O sol sairá com armas negras de eclipse, a lua tingida de sangue; as estrelas se desapegarão do céu, e se arremes-sarão a nós; os ventos encontrando-se uns com outros elevarão terríveis tempestades; o ar se desfará em relâmpagos, raios e trovões espantosos; a terra abrirá bocas medonhas, dando vista das profundezas infernais; o mar com desacostumados urlos assombrará o mundo.

#### ARSENIO

Grandes sinais e mostras do poder de Deus serão estes, meu irmão Hilarião, mas o Senhor mais se preza de se mostrar poderoso em im-

pressões e constelações benignas e favoráveis, que em rigorosas e mortais. Que por isso Isaías, na primeira vinda cheia de poder misturado com misericórdia, compara o Senhor ao orvalho brando, dizendo: *Rorate caeli desuper, et nubes pluant justum*. O' céus, mandai o Messias com a brandura e suavidade com que o orvalho em noite serena sem se sentir cai na terra. E David à sua doce harpa cantava: *Descendit sicut pluvia in vellus, et sicut stillicidia stillantia super terram*. Será a vinda do Messias como chuva branda que cai em velo de lã, como gotas que estilam do ar, e sem estrondo se embebem na terra. Assim foi que os ares que pintastes, revoltos e atroados na segunda vinda, mandou o Menino Jesus na primeira vinda serenar com músicas de Anjos, alumiar com estrelas, com que guiou os Reis; e Ele próprio quis aparecer na Transfiguração cercado de nuvens, resplandecente, e ser levado ao céu em dia de sua Ascensão em nuvem formosa e dourada.

#### HILARIO

Pois assim é, ó bom Jesus, que mais vos prezais do poder misericordioso que do justicioso, nesta vida me quero aproveitar do misericordioso, para não cair no dia da morte e juízo no justicioso. Descei sobre esta alma como orvalho brando, com a paz e silêncio com que descestes à lapa de Belém, penetrai as raízes deste coração, para que orvalhado com as lágrimas que no Presépio estais chorando e com



o sangue que na Cruz estais derramando, possa sair com flores de virtudes, e fruto de bênção: assim favorecido das impressões e constelações benignas de vossa Encarnação, dos ais e suspiros com que soam os ares de Belém, das vozes dolorosas com que da Cruz me estais chamando, escaparei das impressões espantosas de ventos rijos, de fogos abrasadores e estrondos nunca vistos, com que no fim vireis julgar o mundo.

ARSENIO

E' tempo, Hilarião, de descermos da região do ar, e correremos os mais elementos, entre os quais se é admirável a terra, no sítio primeiramente que tomou, que é o meio do mundo, no qual com seu quase infinito peso cercada e encostada só no ar, igualmente se sustenta sem fazer pendor a uma parte nem a outra. Que é a maravilha de que David tomou particular matéria de louvar a Deus dizendo: *Fundasti terram super stabilitatem suam, non inclinabitur in saeculum saeculi*: fundastes, Senhor, a terra sobre sua firmeza, jamais por toda a eternidade se moverá. Que direi da variedade com que este elemento, sendo em si um, já se levanta nos outeiros, e sobe nos ares, já desce nos vales, e se estende nas campinas, já se debruça nos precipícios, e abre nas concavidades e bocas, que em parte com línguas de fogo ameaçam as gentes. E como se fora animal composto de membros, nas pedreiras escondidas e estendidas imita os ossos; na matéria mais mole, a carne; nos rios de que está retalhada, as veias; na erva

que a cobre, os cabelos; para que deixe as minas de prata, e ouro e pedraria fina de que tem cheia as entranhas.

HILARIO

Quem pudera sair com tão admirável criatura, senão a poderosa mão de Deus, que como só a pôde criar, assim só a pode toda em peso sustentar! Mas eu não acho menos matéria de admiração do poder de Deus, no elemento da água cristalina, fluido e bolicoso que no da terra tosco, fixo e estúpido. Vós, vedes, irmão meu Arsênio: *Hoc mare magnum, et spatiosum manibus*. A imensidade de águas que recolhe este grande mar, que como monstro vivente composto de variedade de membros, ora com enchentes vai estendendo seus braços pelos esteiros e enseadas da terra; ora com vazantes os vai recolhendo, estando sempre desinquiets, e parece lutando consigo mesmo; já subindo às nuvens com ondas empoladas, e já descendo ao profundo com espantosas concavidades, já arremessando-se às praias, e borrifando a terra com suas águas salgadas! Mas eu não me admiro menos da sutileza e artificio, com que metendo-se por concavidades da terra, e penetrando seios escondidos, vai sair aos altos montes com fontes doces e cristalinas, que feitas caudalosos rios regam a terra, recreiam os viventes, e com seu curso circular e apressado tornam a seu principio, para cumprir o que diz a divina Sabedoria: *Omnia flumina intrant in mare, ad locum unde exeunt flumina revertuntur*: todos os



rios entram no mar, tornando ao mesmo lugar donde saíram.

#### ARSÊNIO

Não passemos, irmão meu Hilarião, pela maravilha dos cômodos que o mar nos traz, entrando por nossas terras, rico de variedade de pescados com que nos sustenta, fazendo portos e enseadas com que já recolhe nossas embarcações, já em monções tira e leva como às costas a terras estrangeiras, cargas de novas mercadorias, com que se conserva o comércio, e enriquecem os reinos; para alívio e remédio dos navegantes, no meio das ondas levanta ilhas firmes, que nem com a humidade em que sempre estão metidas amolecem, ou se desfazem; antes férteis e frescas estão oferecendo frutas, caças e fontes de água doce para refresco dos navegantes.

#### HILARIO

Reconheço e adoro, ó grande Deus, a poderosa mão com que desafogando a terra das águas que a cobriam, as encostastes nos confins do mar, com preceito que quebrassem seu ímpeto nas brandas areias, sem passarem adiante. Vós, Senhor, com elemento tão fluido e fácil de navegar abreviastes os caminhos, aliviastes o peso das cargas; comunicais os reinos e gentes distantes umas com outras, não somente em mercadorias temporais, mas principalmente nas espirituais, levando por esta via vossa fé e conhecimento verdadeiro a terras bárbaras e cegas com o culto de falsos deuses. Deste ele-

mento levantai ao ar matéria de chuvas assa-  
zoadas, que abrangem e regam regiões estéreis,  
onde não brotam fontes, nem correm rios. Nele  
debuxais vosso furor e ira, quando com ventos ri-  
jos e tempestuosos levantai suas ondas, empolais  
suas águas; pelo contrário dais vista da vossa  
mansidão e brandura quando amainando os ven-  
tos fica mar leite, e com vossa branda mão,  
como criança de berço o estais embalando de  
uma praia para outra, sem vestígio do furor  
passado.

#### ARSENIO

Antes que passemos do mar não fique sem  
consideração a principal maravilha do poder de  
Deus, que é a variedade de monstros e viven-  
tes que nele se criam e revolvem. Mas que en-  
tendimento poderá compreender, que língua de-  
clarar sua multidão, variedade, figuras, indús-  
trias de viver, como nascem, como se criam, e  
logram em elemento tão desinquietao e potente,  
tantos gêneros de pescalhos, grandes, pequenos,  
como amparam as mães os filhos; em que covis  
os recolhem para os defenderem dos monstros  
maiores; que mantimento lhes buscam para os  
sustentar na tenra idade, enquanto por si o não  
podem fazer. Quem lança bando para se ajun-  
tarem em um corpo os da mesma espécie, e fei-  
tos em ala demandarem as costas e enseadas  
para desovarem, ou mudarem climas, retirando-  
se aos frios em tempo de calmas, aos quentes  
em tempo de frio. Em tudo reconheço a vós,  
poderoso Deus! obras são estas da vossa mão,  
vós guiais estes exércitos marinhos, vós figurais



tanta variedade de pescados, cobrindo uns com casca, outros com escamas, dando a todos instrumentos com que possam cortar as ondas, e sustentar-se no meio das águas de que vivem cercados. Vós pegais aos penedos das praias a multidão de mariscos de que estão cobertos, com tanta força que por mais batidos, e combatidos que sejam das ondas nunca deixam o sítio em que os criastes. Vós enfim sustentais com vossa poderosa providência e poder pródigo esta tão vária e monstruosa república. Mostraí, Senhor, o mesmo em sustentar as repúblicas cristãs e religiosas, pois são criadas para melhor fim que é vossa bem-aventurança.

#### HILARIO

Não nos façam, meu irmão Arsênio, as curiosidades do mar esquecer das riquezas e fecundidade da terra, em que a onipotência de Deus não menos triunfa. Quem na alegre primavera matiza os campos e jardins com tanta variedade de flores azuis, brancas, amarelas, roxas, encarnadas? Quem incensa os ares com ervas, rosais, e boninas cheirosas, senão a poderosa mão de Deus! Ele só pode com seu artificioso pincel azular as violetas, branquear as açucenas, encarnar as rosas, roxar as cravelinas, ensanguentar os jacintos, e como destro entalhador dar a cada uma das flores seu corte, e talhar as ricas librés e opas com que saem na madrugada, mais para ver que el-rei Salomão no auge da sua glória. Este é o destro armador que tolda os bosques de faias e cedros

odoríferos, de olmos frescos e sombrios, que com a verdura de seus ramos e folhas refrescam o ar no tempo do estio, e defendem do ardor do sol no pino da calma do meio-dia. Este industrioso plantador é o que enche os pomares e quintas de árvores frutíferas, que para mantimento dos homens e animais acodem a seu tempo com frutas assazoadas, quão várias nas figuras e cores, tão várias nos cheiros e sabores: agros, doces, bicais, misturadas, e temperados com tal artifício, que com saberem bem todas ao sentido do gosto, nenhuma sabe à outra.

ARSENIO

O' grande Deus! O' artífice poderoso, como sabeis fundar as formosas plantas sobre suas raízes, donde se sustentam; quão direito levantai o tronco, quão proporcionados os ramos em copa igual e perfeita, as folhas todas do mesmo talhe e figuras, as frutas parte temporãs, que se comem logo, parte, seródias que se podem guardar para a esterilidade do inverno; umas que têm a carne por fora, outras que a têm escondida e resguardada com cascas por dentro. Bem mostrais, ó divino Artífice, a destreza e liberalidade de vossa mão, com a qual, como pródigo Pai de famílias, tão largamente nos quereis sustentar. E pois tanto cuidado tendes em nossos corpos, esperança nos fica, que maior tereis de nossas almas. Assim vos peço, Senhor, que nunca me falteis com o suavíssimo fruto da sagrada Eucaristia, que da frutífera árvore da Cruz saiu, e das virtudes que do mes-



mo tronco nascem, suavíssimas no cheiro, saboríssimas no gosto, para que confortado com elas, possa ir adiante no caminho de vosso serviço, e não cessar até não chegar, como outro Elias, ao altíssimo monte Oreb, que é vossa glória, onde na suavíssima viração de vossa vista, goze em companhia dos serafins do céu, goze por toda eternidade. Amém.

#### HILARIO

· Passemos, meu irmão Arsênio, das plantas aos animais, que são viventes mais perfeitos: assim teremos mais viva e perfeita matéria da onipotência de Deus. Mas quem poderá contar a multidão de animais que cobrem a terra e ar? Quem diferenciar suas espécies, divisar suas cores e figuras, conhecer a fábrica de seus corpos, a variedade de membros e instrumentos com que se movem, sentidos com que obram? Quem saberá penetrar as habilidades e indústrias que o poder de Deus neles imprimiu para sustentarem a vida, fugirem de seus contrários, curarem suas enfermidades? Os touros saem armados de pontas, leões, de unhas, lobos e javalis de dentes para acometerem e se defenderem de seus inimigos. As corças, gamos e lebrinhas, que são animais tímidos e fracos, têm sua defesa na ligeireza dos pés, como o ouriço nas pontas e abrolhos agudos, de que fica armado quando se costuma enovelar e fechar todo; uns animais cobre Deus, e veste de velos de lãs e sedas; outros de couros duros, cascas e conchas; outros, que se levantam no ar, de penas para voar; os

elefantes de pés a modo de colunas com bases em que se sustentam para poderem com o peso e máquina de seus corpos; aos cavalos deu brio e ferocidade para entrar em batalhas, aos leões bramidos espantosos, com que atemorizam os outros animais; às onças e tigres velocidade admirável para correrem e fugirem; aos abutres olfato tão agudo, que muitas léguas sentem o cheiro de corpos mortos de que se sustentam. As toupeiras têm ouvidos tão espertos, que debaixo da terra onde vivem, ouvem; os lincez trespassam paredes com a vista; enfim não há animal que não tenha que admirar, que não dê matéria de meditação profunda da onipotência de Deus, que em todos eles, e em qualquer de seus membros, sentidos e operações continuamente resplandece.

ARSENIO

O' grande e poderoso Deus! quanto haverá que ver em vós, pois tanto há que ver em vossas obras! Quão curiosa será a vista de vós, Criador, quando a vista de criaturas irracionais que de vós saíram tem tantas curiosidades que contemplar! Vós sois o que vestis e pintais a ave fênix, o corpo de penas vermelhas compostas de fina grã, o colo de penas resplandecentes e douradas, o cabo de penas azuladas de cor do céu, entressachadas de penas de cor de rosa encarnadas, sem nunca errardes, ou trocaredes uma pena ou cor por outra. Quem acabará de se admirar do rico traje com que sai o pavão, com sua roda iluminada de olhos dourados verdes e azuis, e mais penas esmaltadas de



ouro e tintas tão finas que competem e vencem as opas reais tecidas por destros bordadores! Quem cobre de fino londres o passarinho que frequenta as ribeiras frescas dos rios; quem pinta as penas do pintassilgo de vermelho, preto, roxo e amarelo, senão vós, ó poderoso Deus! Vós estendeis as jubas dos leões, as comas dos cavalos; variaes as malhas dos tigres, aveludais as peles das lontras, teceis os velos dos cordeiros, e criais em outros animais a algália e pedras de bazar e dentro das ostras as pérolas e aljôfares preciosos; em tudo adoro e reconheço o ser de vossa onipotência, a vós será dada a glória e louvor como a principal Arquiteto, primeiro artífice e autor de tão perfeitas e maravilhosas obras; este será o livro por onde continuamente lerei, estes os degraus por onde subirei a vós, Criador e causa primeira de todo o criado; estes os espelhos onde andarei vendo vosso rosto até chegar a vos ver em presença, que é a suprema bem-aventurança que espero.

#### HILARIO

À conta de animais maiores, não passemos, irmão Arsênio, por menores, em que igualmente, e ainda mais resplandece a força do poder divino? Vós vedes o artifício com que é organizada a cabeça de um mosquito com cinco perfeitos sentidos? Farei contudo anatomia em um animal pequeno, vede se podeis descobrir o sítio onde Deus abriu os ouvidos, imprimiu o olfato, pôs o gosto: em que concavidade de tão pequena

saveira encaixou os olhos, em que parte de tão pequeno corpo cai o estômago, a garganta que a ele manda o mantimento, e mais intestinos que servem à digestão e respiração; e vendo que não podeis tomar pé na consideração de tão pequena criatura, confessai que menos o podeis tomar na contemplação de tão grande Criador.

#### ARSENIO

Sempre me admirou mais a consideração de animais pequenos, que grandes, mais acho que considerar nas abelhinhas do campo, nas formigas que saem em fileira comprida a buscar de comer, nas aranhas que lançam e tecem fio delicado; que nos touros que arremetem com pontas, e elefantes que têm a força e meneio na tromba, leões que atemorizam com bramidos; que enfim, como o pintor mostra mais sua habilidade em debuxar em lâmina pequena do que grande, o escultor em abrir em matéria miúda que na grossa: assim Deus mostra mais sua onipotência em meter alma sensitiva, e organizar sentidos perfeitos em um mosquito que em um cavalo. Vós vedes como, negando Deus pés à serpente comprida e grossa, deixando-a arrastar com o peito por terra, entretanto está criando pés sem conto no bichinho que fecha em globo redondo, os quais todos meneia quando anda, como se foram necessários para levar peso tão leve. Para que pasmar na composição das asas das águias e grifos, correi os campos, vede as açucenas, achareis nelas bichinhos cobertos de cascas brunidas e envernizadas de verde, ver-



melho e azul, com asas resguardadas em bainhas do mesmo feitio tão delicadas e delgadas, que nenhum batifolha da terra as pode igualar, nem imitar. E' admirável o artificio com que estes animaizinhos quando querem voar abrem por engenho secreto estas bainhas, e estendem estas asas que tinham resguardadas; e querendo pousar, as tornam com os mesmos instrumentos a recolher e fechar. O' poderoso Deus! ó Criador onipotente! Quem com seu limitado entendimento alcançará uma mínima parte da infinita virtude de vosso braço? Quem vos não reconhecerá por Autor e Senhor de todo o universo, da máquina dos céus, do imenso globo da terra, quando em criaturas tão pequenas que escassamente se percebem por sentidos, vos mostrais tão certo e conhecido Criador?

#### HILARIO

Temos corrido, meu irmão Arsênio, brevemente com nossa rudeza este mundo maior, rematemos com o menor, que é o homem em que acharemos cifradas as perfeições que por outras criaturas estão espalhadas; o ser dos elementos, a vida das plantas, o sentir dos animais, o entender dos Anjos, e tantas perfeições e segredos da natureza, que parece só no homem quis Deus, mais que em todas as criaturas juntas, mostrar as riquezas de seu poder; por onde não é muito sua fábrica exceder a dos engenhos criados. Por que quem poderá comprehender a multidão e variedade de membros, ossos, veias, sentidos, potências, de que o homem é

composto? Quem não se admirará da ordem com que uns ossos encaixou nos outros; dos liames com que se atam e unem, dos engonços com que jogam; de modo que pés e mãos e mais corpo se podem com muita facilidade menear e dobrar, sem lesão, nem dor, antes com natural correspondência às ocupações da vida.

#### ARSENIO

Quem não louvará ao Criador considerando bem a formosura do corpo humano, estatura alta e direita para o céu, para que foi criado, nem inclinado ao baixo como os animais da terra, a cabeça no mais alto de toda a fábrica, aformoseada de rosto, organizada de cinco sentidos, para dali governarem o mais corpo. Vós vedes o artifício com que os olhos são fabricados de cristais transparentes e engastados já em esmeraldas verdes, já em outras cores resplandcentes, lavradas em figura globosa para mais facilmente se voltarem e moverem, situados no lugar mais levantado para daí vigiarem; tão irmãos e semelhantes entre si, que se um olha para o alto, para o baixo, para os lados, o outro faz o mesmo, e por essa causa tão resguardados da natureza, que não só têm capelas ou abóbadas de carne branda e mimosa em que se recolhem para dormir e fugir dos impedimentos contrários, mas ainda essas armadas de pestanas agudas e direitas, cercados do muro de sobranceiras pela parte de cima, e das maçãs do rosto pela parte debaixo para ficarem mais seguros. Pois quem é tão cego que



não vê na fábrica deste sentido, e nos mais que por brevidade deixo, a mão poderosa do supremo Artífice, que como principal autor de tudo obra?

HILARIO

O que sobretudo no homem tem que considerar, é a alma que Deus nele criou à sua imagem e semelhança: porque como Deus é espírito, e todo está em todo o mundo, e todo em qualquer parte dele, e tudo governa e vivifica, tem conhecimento e livremente quer e ama; assim nossa alma é espírito, toda está em todo o corpo, toda em qualquer parte dele, a todos os membros governa, dá alento e vida, conhece, entende, e livremente quer e ama.

E' Deus imortal, é um em essência, trino em pessoas; é nossa alma substância simples, mas trina em potências, memória, entendimento, vontade.

ARSENIO

O' Criador meu e Senhor meu! bem me está avisando a natureza e criação de minha alma, que pois no que pudestes me fizestes semelhante a vós, eu no que posso também me faça semelhante a vós; e pois sempre cuidais em vós sem interrupção, e todas as criaturas conheceis em vós mesmo e sempre vos estais amando a vós, e tudo mais em vós, e por amor de vós, assim farei por cuidar sempre em vós, tratar sempre de vós; a mim e às mais criaturas em vós verei, por vós sempre suspirarei; em saudades vossas, em desejos de vos ver, dias e noites passarei, a mim mesmo e todas as mais

criaturas em vós, e por vós sòmente amarei; estando certo que se de vós me esquecer, se em coisas criadas empregar meus pensamentos e desejos, serei como monstro que degenera do princípio donde saiu e do exemplar a cuja imitação foi criado.

Sois a mesma bondade, fazei-me bem; a mesma caridade, abrasai-me em vosso amor; a mesma paciência, dai-me graça para que sofra; a mesma pureza, formai em mim coração limpo e puro, para que enfim, vendo-vos no céu, logrando-vos em presença, fique reconhecendo o resplendor de vossas raízes direitas renovando em mim a semelhança vossa com que me criastes e a imagem divina que em mim imprimistes por toda a eternidade.

#### HILARIO

Pois até aqui vimos, irmão Arsênio, os efeitos da onipotência divina, vejamos a causa material deles mesmos, vejamos de que foi tirada tanta multidão e variedade de criaturas. De que minas de ouro tirou Deus o claro sol, lua e estrelas? De que cristais lavrou os céus transparentes, os ares puros, rios e fontes cristalinas? De que massa formou a terra mole, e pedras duras, de que metal fundiu os animais da terra, ar e mar? Se houve antes do mundo ser, alguma matéria incriada e emparelhada na duração com Deus, de que seu poder se aproveitou para sair com esta admirável máquina do mundo; como vemos nas artes dos homens, que



se não têm matéria em que lavrem, não sabem, nem podem obrar?

ARSÊNIO

A esta vossa pergunta quero responder, meu irmão Hilarião, com as palavras da sábia mãe dos Macabeus mártires: *Peto, nate, ut aspicias ad caelum et terram, et ad omnia, quae in iis sunt, et intelligas, quia ex nihilo fecit illa Deus, et omnium genus.* Ponde os olhos no céu e na terra, homens e mais mundo, e achareis que tudo Deus criou do nada. Esta foi a matéria, esta a massa; tomou Deus o nada nas mãos, e dele tirou esta tão grande máquina com todas as partes de que é composta, com todos os animais e criaturas que em si recolhe e abraça, e se é verdade que quanto a coisa está mais longe do ser, tanto é necessário maior cabedal de força e poder para vir a ser, não estando as criaturas, antes de serem, escondidas em alguma semente ou virtude material, de que pudessem sair, mas só no puro nada, claro está que para virem a ser, era necessário sumo poder, que é a onipotência de Deus de que tratamos. Donde poderéis inferir, meu irmão Hilarião, que pois Deus pode criar este mundo do nada, pode criar infinitos outros sem término pois não depende de matéria, nem é possível esgotar o nada de que os pode tirar: como esgota o arquiteto a matéria de que fabrica o edifício; e por essa mesma causa não pode sair com edificios infinitos.

#### HILARIO

O' Deus infinitamente poderoso! assim como creio que do nada fizestes tudo, também creio que tudo podeis tornar em nada; creio que de tal maneira dependemos da sustentação da vossa mão, que como ela nos fez do nada, se por um breve momento nos largar, logo em nada nos tornaremos! Pois esta é a dependência que de vós temos, com profunda humildade me sujeito a vós, de boa vontade rendo minha liberdade a vosso império, e me submeto a vossa jurisdição. Reconheço o infinito direito que sobre mim tendes, e conforme a ele me quero sujeitar a vós, de maneira que todo o governo da minha vida tenha sempre posto em vossas mãos, esperando que pois do nada me fizestes e em nada me podeis tornar, também do pecado em que me pus por minha culpa, me torneis ao ser da graça que podeis dar.

#### ARSENIO

Se independência de causa material argui infinito poder de Deus, não argui menos a independência de causas efetivas que não entraram na criação, nem eram necessárias para a fábrica deste mundo. Assim é, Senhor, que não tivestes necessidade de obreiros, de fráguas, de bigornas mecânicas para baterdes e forjardes as pastas de ouro do sol e lua, as lâminas de prata das estrelas. Não usastes das máquinas e artifícios de torno para torneare os globos redondos dos céus e terra; não convocastes multidão de gastadores que trabalhando e cavando a ter-



ra, fossem levantando montes e outeiros, e fazendo trincheiras de rochedos e muros naturais contra o ímpeto das ondas do mar. Quem podia acudir a vossa poderosa e artificiosa mão com pincéis delicados e tintas finas para pintardes flores do campo, lírios e violetas de cor roxa, cravos de vermelho e rajados, açucenas de cor branca, jacintos de azul, goivos de amarelo? Certo é, Senhor, que não tivestes necessidade de canos fundidos de metal para levardes as águas do oceano aos altos montes; nem de buris e instrumentos delicados para abrides olhos, ouvidos e mais sentidos nos pequenos corpos das formigas, abelhas e mosquitos e outros animais. Quando adelgaçastes os ares com tanta delicadeza que pudessem penetrar nossas entranhas, entrar e sair de nós sem lesão, não foi necessário ajudar-vos da arte dos batifolhas da terra. Pés e mãos, e instrumentos naturais com que os animais da terra, ar e mar se meneiam e movem, não têm dependência de engenheiros destros que com lianças e engonços artificiais os façam andar e mover. De nenhum instrumento vos ajudastes, nenhuma criatura concorreu para a fábrica deste mundo; bastou vossa onipotência e império de vossa divina vontade; mais fácil vos foi, Senhor, obrar assim, que se vos ajudásseis de criaturas, pelas esperas e vagares de seu obrar.

Assim, vós, poderoso Deus, alumiais nos planetas, ardeis no fogo, luzis no ouro e diamantes, assoprais nos ventos, toais nas ondas, verdejais nos campos, recendeis nas flores, can-

tais nos passarinhos, soais nos instrumentos m\u00fasicos, bramis nos le\u00f5es, falais nos homens; obriga\u00e7\u00e3o me fica de dizer, quando cheiro a rosa e o cravo, como cheira Deus; quando ou\u00e7o m\u00fasicas, como canta Deus; quando \u00f3rg\u00e3os, violas, como tange Deus; quando vejo bosques e prados pintados, como \u00e9 fresco e formoso Deus; quando gosto o manjar, como sabe Deus, como \u00e9 doce Deus!

#### HILARIO

Vejo, Senhor, com admira\u00e7\u00e3o e consola\u00e7\u00e3o, qu\u00e3o isento \u00e9 vosso poder de causas materiais e eficientes para obrar, declarai-me que causa final concorreu na cria\u00e7\u00e3o do mundo? Foi porventura para proveito ou recrea\u00e7\u00e3o vossa? N\u00e3o por certo: pois t\u00e3o bem-aventurado estiv\u00e9reis agora sem haver criaturas, como sempre da eternidade estivestes. Nem planetas vos alumiam, nem fogo vos aquece, nem vira\u00e7\u00e3o vos refresca, nem fontes vos matam a sede, nem frutas e mantimentos a fome. A pedraria fina n\u00e3o vos enriquece, nem m\u00fasicas vos recreiam, nem c\u00e9us vos agasalham, nem terra vos sustenta, nem ex\u00e9rcitos vos defendem. Assim, Senhor, nem servi\u00e7o de criaturas nem gosto de sua conversação e formosura vos moveu a sair com elas, mas s\u00f3 vossa pura vontade. Porque sois bom, sou eu, e s\u00e3o elas; tudo criastes para comunicar vossa infinita perfei\u00e7\u00e3o, para dardes vista de vossa Majestade e gl\u00f3ria, para encherdes de tesouros de vossas riquezas Anjos e homens capazes de vos lograrem e amarem. E pois o ganho \u00e9 todo meu, a v\u00f3s darei sempre infi-



nitias graças por benefício tão grande; vossa honra e glória sempre procurarei.

ARSENIO

Não merece menos admiração e consideração a presteza e facilidade que Deus tem em obrar, a independência de tempo para criar: *Ipsé dixit, et facta sunt, ipse mandavit et creata sunt*. Cantou David como se dissesse: não houve mais que querer Deus, querendo dizer, dizendo fazer, dizer e fazer tudo foi um. E ainda que o mesmo Profeta, falando de Deus criador, diz: *Extendés caelum sicut pellem*. Que armou por cima o céu como tenda de campo: contudo, não foi necessário estender primeiro a ponta ou banda que fica para o poente, e depois a do oriente, e assim as demais, com esperas, senão que em um momento ficou armado tudo. E ainda que o mesmo diz: *Qui fundasti terram super stabilitatem suam*: que fundou Deus a terra sobre a coluna de sua própria firmeza; nem foi necessário cortar-se a coluna da pedra, nem lavrar-se com arte e força de instrumentos. No mesmo ponto em que a terra foi criada, ficou fundada. Nem para Deus encher o imenso tanque em que recolheu o mar, foi necessário correrem primeiro bicás de água, com suma facilidade de um golpe o encheu todo. E se em um momento criou o globo da terra, também em um momento estendeu a lâmina ardente do sol, que é cento e sessenta vezes maior que a terra. Pois se quanto é maior a presteza em obrar, tanto é maior o poder para obrar,

sendo a presteza de Deus infinita sem termo de tempo, também seu poder será infinito sem termo de perfeição.

#### HILARIO

Reconheço e confesso, ó poderoso Deus, que desta presteza independente nasce a força e virtude com que no mesmo tempo podeis sair com infinitas criaturas, assim da mesma espécie como diversa, sem se impedirem umas às outras, sem se diminuir com a multidão vosso poder, sem cansardes de modo na fábrica de umas, que não possais atender às outras. Assim na mesma hora estais criando planetas, estrelas no céu, pérolas no mar, e pedraria fina na terra, sem faltar com a cor verde nas esmeraldas, nem azul nos jacintos, enquanto tingis de vermelho as safiras e acendeis de resplendor os diamantes, com a mesma mão estais formando e levantando sobre as nuvens o alto monte Olimpo e fazendo pequeno o grão de areia que se volta na praia. A aplicação e indústria que pondeis em estender os ramos folhados dos cedros do Líbano, e palmas de Cades, e bosques do mundo novo não vos enfraquece o braço para deixardes de pintar os rosais de Jericó, apontar as folhinhas dos bem-me-queres, azular as violetas e vestir de holanda fina as açucenas; os cortes largos que dais nas folhas das vinhas e plátanos e plantas maiores, não diverte vossa mão dos cortes miúdos e curiosos dos cravos e cravelinas e mais flores do campo. Estando ocupado na armação e membros fortes



do touro bravo, do leão fero, da tromba e dentes prodigiosos e marfins do elefante, juntamente com a mesma atenção e poder vos ocupais na fábrica dos pés delicados, aguilhão agudo e sutil, membros e sentidos miúdos de um mosquito. E como sempre estais trabalhando sem cansar neste mundo grande, assim o fazeis no mundo pequeno que é o homem, pois é certo o que diz vosso Apóstolo: Que em vós e por vós vivemos, nos movemos e somos. Vós meneais nossos pés, mãos, língua, olhos e sentidos; concorreis com o entendimento para conhecer, com a vontade para amar. Vós batalhais nos exércitos que combatem, traçais nos arquitetos que fabricam, lavrais nos que abrem ouro, prata e metais; cantais nas capelas bem ordenadas, de modo que juntamente levantais todas as quatro vozes e tocais as flautas, órgãos e instrumentos músicos sem errar ponto. O' poderoso Deus! pois tão presto e acordado sois nas obras da natureza, o mesmo peço sejais nas obras da graça: *Deus, in adiutorium meum intende; Domine, ad adjuvandum me festina.* Acudi com luzes e pensamentos bons a meu entendimento, com afetos juntamente de amor e caridade à minha vontade; entrai em minha alma com o coro das mais virtudes, encaminhai minha prudência na conversação com o próximo, ordenai em mim o cuidado da vossa honra e culto com a virtude da religião e orações; a pureza e castidade com a temperança; a paciência e sofrimento nos trabalhos com a fortaleza; tudo juntamente seja meneado com vos-

sa poderosa mão, e pois ela nunca cansa de acudir e ajudar, nunca eu canse de concorrer em vosso serviço e de bem obrar.

Estou certo, Senhor, de que não há contrário tão poderoso que possa resistir à força de vosso braço, e se quizer sair a campo e apresentar batalha, com a mesma facilidade o derrubareis, com que derrubastes e metestes no profundo a Faraó com seu exército, e me passareis livre e alegre da outra banda do mar vermelho da tribulação, para que, triunfando de meus inimigos, possa entoar com júbilos de coração e louvores da língua: *Cantemus Domino, gloriose enim magnificatus est, equum et ascensorem projecit in mare*; cantemos ao Senhor, pois tão gloriosamente triunfou afogando cavalos e cavaleiros nas ondas do mar.

#### ARSÊNIO

Infinita é a matéria do poder de Deus que imos descobrindo, meu irmão Hilarião, não há achar nela fundo. Novo alento toma minha esperança com ver quão grandes coisas obra Deus com fracos instrumentos. Com uma queixada de animal, meneada por mão de Sansão, matou mil Filisteus; com uma vara seca levantada na mão de Moisés encheu de pragas e castigos o Egito; e no deserto fez rebentar fontes cristalinas de duros penedos; e com pedra voltada na funda do pastor David, derrubou o gigante Golias; e por mão fraca de uma Judite cortou a cabeça ao capitão Holofernes, e pôs em fuga seu exército; enfim, por quatro pescadores



idiotas converteu e rendeu o mundo, para que deixe exemplos sem conto.

#### HILARIO

A mais chega nesta parte, meu irmão Arsenio, a onipotência de Deus, pois ainda com instrumentos contrários e opostos sai com os efeitos que quer. A doença do rei Ezequias sarou com massa de figos, sendo assim que para ela era veneno. De pedras que feridas e batidas de si lançam fogo, tirou no deserto fontes de água. Ao cego do Evangelho restituiu vista de olhos claros e cristalinos com emplastro de lodo. A fonte amargosa de Jericó adoçou com sal; e derrubando a Saulo em terra o levantou ao terceiro céu sem ele saber se foi em corpo, se fora do corpo. E nas coisas naturais com a quentura e calmas do estio esfria as fontes, e quanto maior é o calor tanto maior é o frio, e com a frialdade e rigor do inverno aquece as mesmas fontes, e quanto maior é o frio tanto maior é o calor; para que deixe outros infinitos milagres da natureza, em que o poder divino com uns contrários costuma triunfar de outros.

#### ARSENIO

Pois esta é a força de vosso poder, ó poderoso Deus, razão tenho de confiar que ainda que sou instrumento fraco e encontrado, contudo deixando-me menear da vossa mão, farei por virtude vossa grandes coisas. Sou, não caveira de animal, mas o mesmo animal bruto com a bruteza de minhas culpas; mas vós, que

destes fala ao animal de Balaão, me dareis entendimento e eloquência com que me converta e torne a tomar semelhança vossa o pecador, que por sua culpa: *Comparatus est jumentis, et similis factus est illis*; se pôs no andar dos brutos e ficou semelhante a eles. Sou vara não verde, mas seca, tomai-me em vossa mão, ó poderoso Moisés, abrirei mares e passarei da gentildade do cativo do Egito, à liberdade de vossa glória. Sou pelo pecado pedra dura e pesada, tomai-me na funda de vossa cruz, farei comigo tiro e matarei o gigante infernal. Estou cheio de veneno composto da fruta vedada que matou meu pai Adão, amassai-me entre vossas mãos, ficarei medicina das feridas mortais dos pecadores. Sou lodo, de lodo fui feito, em lodo me hei de tornar, vós me podeis imprimir virtude para dar vista a cegos, a quem a sensualidade tem fechado os olhos para não verem as penas do inferno e prêmios da glória.

#### HILARIO

Rematemos, sem acabar de rematar, irmão Arsênio, esta matéria com a última maravilha da onipotência de Deus, que é tirar de males bens, de males do pecado, bens da graça, como sucedeu a muitos pecadores, que da própria fealdade das suas culpas tomaram ocasião de abrirem os olhos, não só para nunca mais caírem, mas para subirem a altíssimo grau de perfeição a que não houveram de chegar se do pecado não fizeram degrau e escada por onde subissem. Assim dos olhos de Madalena, onde saíam setas



de fogo abrasadas que matavam, com o poder divino saíram correntes de águas de lágrimas que deram vida, cumprindo-se nelas o que diz o Profeta Rei: *Educet nubes ab extremo terrae, fulgura in pluviam fecit:* que coalhando Deus as nuvens do ar, delas mesmas faz milagrosamente sair raios de fogo e rios de água. O mesmo milagre profetizou Isaías da lei da graça: *Conflabunt gladios suos in vomeres, et lanceas suas in falces:* que as espadas e lanças de que dantes mãos usavam para matar, por virtude de Deus feito homem se haviam de converter em instrumentos de vida, qual granjeiam arados em semear, foices em segar o fruto do que se semeou, para que entretanto deixe a malícia de fúria de tiranos donde Deus com sua onipotência tirou a santidade e glória dos Mártires, que como flores regadas com seu próprio sangue, encham e aformoseiam o jardim do céu.

#### ARSENIO

O supremo mal de que vós, ó poderoso Deus, tirastes o supremo bem, é o pecado de Adão, de que tomastes ocasião da Encarnação, em que por amor de nós vos fizestes homem, nem poderá haver maior mal do que ofensa vossa, nem maior bem que este meio da redenção nossa. Aqui triunfou mais vosso poder que na fábrica deste mundo. Poderoso vos mostrastes Senhor, em fazer os céus, elementos, animais e o próprio homem, muito mais poderoso para cumprimento do universo ajuntastes o princípio com o fim, o primeiro com o último, a vós que

sois o princípio de tudo, com o homem que na criação do mundo foi o último de tudo; fazendo perfeitíssima figura do círculo que fecha no mesmo ponto donde começou. Grande é vosso poder, Senhor, em vos comunicardes naturalmente a vossas criaturas, dando-lhes ser e propriedades naturais: maior em vos comunicardes sobrenaturalmente dando graça e glória, que é sobre a natureza; supremo em vos comunicardes pessoalmente, tomando e ajuntando natureza criada com união de pessoa incriada. Por tudo vos louvarei eternamente dizendo: *Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto.*

HILARIO

*Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in saecula saeculorum. Amen.*



## MEDITAÇÃO XIV

### DA PACIÊNCIA DE DEUS

#### PONTO I

Se paciência é sofrimento de males e penalidades intrínsecas, como Deus não as pode padecer, assim nem tem nele lugar paciência para as sofrer; como não padece fome, sede, nudez, frio, calma, cativoiro, e enfermidade, tristeza, assim não se pode dizer dele que tem paciência para levar moléstias que semelhantes males costumam causar. Se paciência é sofrimento de penalidades extrínsecas, quais são injúrias e afrontas; como Deus as pode padecer de criaturas que o ofendem com pecados, assim tem nele lugar paciência para as sofrer. Não se pode dizer que injúrias de pecados causam dor no peito de Deus, de modo que tenha necessidade de consolação: nem indignação, de modo que se haja de refrear, como se refreiam nossas paixões naturais. Mas contudo é certo, que infinitamente sente as injúrias de nossas culpas, com que o ofendemos, e com elas é provocado à vingança que merecemos, pois vê a sem-razão que o pecador tem para fazer menos caso e desprezar

tão grande majestade, tão insigne benfeitor e pai, como ele é. Contudo é tal a grandeza de seu ânimo, tem tal bojo, que vê e cala, sofre, espera, tem mão em sua ira, não descarrega com açoite, com paciência infinita vai sustentando a vida do pecador, que logo pudera matar e aniquilar. O' pacientíssimo Deus! basta que este sou eu para vós, este sois para mim! basta que andamos ambos em campo, eu com armas de injúrias e desobediência, vós com armas de sofrimento e paciência: eu continuamente ofendendo, vós continuamente sofrendo! O' vilíssima criatura, a este estado trouxestes a teu Criador! troquemos, Senhor, as armas; armai-vos, Senhor, de injúrias e castigos para comigo, armai-me a mim de paciência e sofrimento para convosco; castigai-me nesta vida com penalidades e tormentos, para que, sofrendo em tudo com paciência, apareça diante de vós purificado, e goze de vossa pacientíssima e diviníssima presença por toda a eternidade. Amém.

#### PONTO II

Se é verdade que quanto é maior a nobreza da pessoa injuriada, tanto é maior o quilate da paciência com que sofre; suprema é, Senhor, vossa paciência, pois sois Senhor supremo, Rei dos reis, Senhor dos senhores. Se eu, Senhor, injuriara a um mais nobre que eu, fora grande a sua paciência em me sofrer, maior se fora conde, muito maior se fora duque, altíssima se fora príncipe; suprema entre homens se fora rei. Sendo pois vós Príncipe de príncipes, nobilís-



simo sobre todos os nobres, em que grau fica, Senhor, a injúria que contra vós cometi, a paciência com que me sofreis? Sem dúvida como a injúria é infinita, pois é contra Deus infinito, assim vossa paciência é infinita, pois é de Deus infinito.

Sendo esta vossa paciência, não tenho razão de pedir como devedor de dez mil talentos: *Patientiam habe in me*. Assaz paciência é paciência infinita, nem ela pode ser maior, nem eu pedir maior: irei avante e direi: *Omnia reddam tibi*. Pagarei tudo que devo, satisfarei as injúrias infinitas com que provoqueei vossa ira e exercitei vossa paciência; mas o cabedal e preço da paga tomará minha penitência da própria vossa paciência, isto é, a morte de valor infinito com que me resgatastes; assim responderá paga infinita a dívida infinita.

### PONTO III

Não responde a grandeza da paciência de Deus, sòmente à grandeza intensiva das injúrias com que é ofendido, mas também à multidão extensiva das ofensas com que é injuriado. Continuamente se vê Deus ofender, e injuriar de gentios com idolatrias, de mouros, judeus com infidelidades, de hereges, com desprezo de seu Vigário na terra, de templos, altares e cerimônias eclesiásticas; de maus cristãos com blasfêmias, ódios, sensualidades e furtos: tudo dissimula e coze consigo, tudo recolhe em seu pacientíssimo peito, tudo sabe e pode dissimular.

Neste número entro eu, ó paciente Deus,

com circunstâncias de maior agravo de vossa divina Majestade, pois além dos mais benefícios da vocação à Igreja, de criação, redenção, justificação, etc., me tendes obrigado particularmente com o benefício da vocação à Religião, livrando-me do cativo do mundo, diabo e carne, atando-me convosco com os votos de pobreza, castidade e obediência, pondo-me à vossa mesa e isentando-me, como coisa sagrada, da conversação de homens profanos, com penhores e esperanças certas de vossa glória. Nada disto foi bastante para vos amar e servir; antes armado eu de vícios e faltas contra as regras e votos, e o que mais vos agrava, com frieza, ingratidão, usei desafiar vossa ira e provocar vossa vingança!

Mas vós, Senhor, podendo e devendo com suma justiça castigar-me e lançar-me de vossa santa companhia, com suma paciência nela me conservais e sustentais. Por tudo vos dou muitas graças e peço graça para nunca mais vos ofender, e daqui em diante de vossa singular paciência me aproveitar para melhor vos amar e conhecer.

#### PONTO IV

Estilo é dos reis da terra condenar à morte a vassallos convencidos de crime de lesa-majestade; de senhores, porem a tormento escravos fugitivos e roubadores; de pais, castigarem filhos desobedientes; de mestres, a discipulos negligentes.

Vós, Deus, sois Rei todo-poderoso, eu vassallo convencido de lesa-majestade divina; sois



Senhor soberano, eu escravo desobediente; sois mestre sábio, eu discípulo ignorante e negligente: contudo não me condenais à morte, não me pondeis a tormento, não me castigais tendo levantada a mão com o açoite, não descarregais, antes com paciência infinita me sofreis, com indulgência divina me perdoais. Em reconhecimento de tão amorosa paciência, de tão paciente amor, daqui em diante armado de agradecimentos, vossa coroa e cetro, ó Rei supremo, defenderei; a vós, Senhor meu, com fidelidade servirei; a vós, Pai divino, obedecerei; a vós, Mestre celestial, ouvirei; de vós perpétuamente aprenderei.

PONTO V

Bastantes eram as circunstâncias da infinita Majestade vossa e suprema baixaza nossa, e também os benefícios vossos de criação, conservação, redenção, vocação e outros infinitos, para um ato de paciência vossa, à vista de uma injúria nossa, causar admiração e espanto! Mas que admiração e espanto merece uma contínua paciência com que nos sofreis à vista das contínuas injúrias com que vos ofendemos? Da criação do mundo até agora assim corre vossa paciência para conosco. Ai de mim! que do uso da razão até agora me exercitei em vos injuriar a vós, e vos exercitei em me sofrer a mim! Não houve para mim tempo, dia, nem hora isenta de pecado; não houve para vós tempo, dia, nem hora isenta de sofrimento. Quantas vezes se ofereciam as ondas empoladas para me afogar a mim e vos vingar a vós, quantas vezes levam-

tou o elemento do fogo suas chamas bastantes para nos consumir e abrasar? E vós contudo mandastes ao mar e ventos que amainassem, ao fogo que nem um cabelo me tocasse. O' paciência infinita, que só podia caber no infinito peito de Deus! Como à vista de vossa paciência, ó paciente Deus, me acho por minhas culpas cercado de confusão; assim me acho favorecido de esperanças que pois até aqui me perdoastes e esperastes, também daqui em diante me perdoareis e esperareis, e dareis tempo de penitência e emenda.

#### PONTO VI

Com serem as circunstâncias e condições de vossa paciência infinitas, parece que ainda vos não destes por satisfeito dela; ainda quisestes ir avante, vendo que vos não custava dor, nem davam pena nossas ofensas e injúrias, antes sempre ficáveis com a mesma doçura, serenidade, alegria e gozo interior de vossa divina essência. Buscastes invenção para que vossa paciência fosse acompanhada de sentimento, dor e tormento, para assim encarecerdes mais para conosco o quilate da paciência, com que nos sofreis, e mais eficazmente nos penhorades para não ousarmos mais vos ofender. E pois em vossa própria natureza não podeis padecer, tomastes carne humana e passível, na qual atormentado e ferido com açoites, cravos, espinhos, e morte de cruz, sempre calastes e sofrestes, dando a última prova do extremo a que vossa paciência podia chegar: *Contumelia, et tormento*



*interrogemus eum* (diziam vossos inimigos), *ut sciamus reverentiam ejus, et probemus patientiam illius*. Como se consultando entre si se resolvessem a vos dar tratos e afrontar de palavra como fizeram, a fim de provarem vossa santidade e paciência; e vós entretanto calais, não contendeis, nem saís com embargos; antes, como cordeirinho manso e que não dá balido, não somente sofreis a morte, mas também rogais a vosso Eterno Padre que perdoe aos que vos querem tirar a vida.

O' paciência infinita de meu Deus, basta que se quebram as pedras duras e insensíveis, o sol se escurece, o véu do templo se rasga, a terra se estremece com impaciência e dor de vossas afrontas e tormentos, e vós entretanto como se fôreis mais insensível, calais, nem dais um ai, sofreis a pé quedo, e esperais, e levais bofetadas, afrontas e injúrias sem conto, à conta de chegardes ao extremo da paciência! Com razão posso excluir com David: *Miserator et misericors Dominus, patiens et multum misericors!* Verdadeiramente sois Deus, que vos prezais de misericordioso, de paciente e piedoso!

PONTO VII

A que fim sofreis, Senhor, tanto? Que pretendeis com tão vagarosas esperas da vossa paciência? Vejo que me respondeis na Sabedoria: *Dissimulans peccata hominum propter paenitentiam*. Tudo fareis à conta de alcançar de nós arrependimento e penitência de pecados: este é o interesse de vossas esperas, nossa emenda;

por esta via, com esta arte de sofrer e esperar ganhastes um David penitente, e convertestes em S. Maria Madalena a pecadora Madalena; de um mau ladrão fizestes um bom ladrão; um Saulo perseguidor convertestes em Paulo pregador; e muitos outros pecadores que militaram debaixo da bandeira de Lúcifer, fizestes de vosso bando e matriculastes no livro da vida.

O' pacientíssimo Deus! que fora de mim se vossa paciência não fora? Em que eternidade de fogos ardera se aqui déreis licença ao fogo que me queimara, quando em fogo de concupiscência ardia? Em que eternidade de males penara, se neste breve tempo da vida vossa justiça os dias da minha vida me atalhara? Enquanto pois vossa grande paciência me dá esperas, comete pazes, faz tréguas, me quero eu aproveitar da ocasião para satisfazer o passado e emendar o futuro, acautelando com aviso de vossa Sabedoria divina: *Ne dixeris: peccavi, et quid mihi accidit triste? Altissimus enim est patients redditor.* Que me não fie nas esperas com que dissimulais castigos de meus delitos, porque enfim, um dia, pondo de parte a paciência, saireis com ira; cessando o sofrimento, entrará o castigo; soltando o arco ferireis com seta; despedindo o raio acabareis com morte; deixando cair o braço, caireis com açoite, com tanto maior força quanto maior for a detença.

Não permitais, Senhor, que caia sobre mim a repreensão de vosso Apóstolo: *An divitias bonitatis ejus et patientiae et longanimitatis contemnis?* Que chegue eu a desprezar as riquezas



de vossa bondade, de vossa paciência e de vossas esperas que me ofereceis, com que me rogais e em certo modo peitais, para que cesse do pecado.

Não permitais que chegue a tanta cegueira, que mereça dizer-me o vosso mesmo Apóstolo: *Ignoras, quoniam benignitas Dei ad paenitentiam te adducit?* Antes me dai luz e graça, que tudo são traças de vossa grande paciência, para que eu corresponda com grandes mostras de penitência.

## MEDITAÇÃO XV

### DA BENIGNIDADE E CLEMÊNCIA DE DEUS

#### PONTO I

Bastava, ó grande Deus, a paciência com que sofreis e dissimulais nossos pecados, para nos penhorar e obrigar de todo. Não contente com este benefício, acrescentais efeitos de vossa benignidade com que amigavelmente nos recebeis, quando convertidos e arrependidos tornamos a vós. Aqui sobe de ponto vossa benignidade e brandura, que todas as vezes que vos buscamos com coração contrito, nos recebeis com rosto alegre e benigno. Não lançais em rosto os anos que gastamos em serviço do demônio, e os benefícios com que nos obrigastes; não fazeis resenha do número das ingratidões e pecados que cometemos; não vos dificultais para o perdão com a austeridade e rigores; não vos mostrais duro e carregado, antes com braços abertos e tal alegria nos recebeis como se nada fora do passado; e por esta via nos facilitais e abris caminho à penitência e arrependimento; por onde, se David em vosso nome promete: *Dominus dabit benignitatem*, que sempre acudi-



reis com benignidade; eu em meu nome prometo: *Terra nostra dabit fructum suum*, que a terra de minha alma, regada com chuva tão assezoada e branda, acudirá com fruto de arrependimento e emenda.

PONTO II

Se vosso Evangelista, Senhor, com a parábola ou semelhança do filho pródigo bem exprimiu o estado deste filho perdido para convosco, também com a mesma do Pai que torna a receber o filho, mostrais a real condição de vossa benignidade para comigo. Favorecido vivia em vossa casa, Pai meu, contente, farto e rico, mas do mesmo mimo com que me tratáveis, tomei eu ocasião de ser ingrato! Torpemente vos voltei as costas, e metendo-me em companhia de maus, gastei minha legítima em sensualidades e torpezas, e sendo filho de Pai tão nobre, me aluguei e pus com amo, e cheguei por seu mandado a guardar porcos e a tal extremo de pobreza e fome, que nem das bolotas que eles comiam era farto. Bem merecia tal filho não ser nomeado por filho vosso, bem merecia não me verdes mais o rosto, nem me saberdes mais o nome, mas é tal vossa benignidade e fidalguia que, vendo-me vir arrependido, ainda de longe me conhecestes; e, saindo-me ao encontro, sem lançar em rosto o passado, me lançastes os braços da caridade ao pescoço, destes o ósculo de pai em meu rosto desfigurado e consumido de tristeza e fome; e, mandando-me lavar com o Sacramento da con-

fissão, lançastes sobre meus ombros a opa de brocado da caridade e graça divina; e mandando-me pôr à mesa me destes esplêndido banquete de vosso sagrado corpo e sangue, acrescentando sarau real com festa e música de consolações divinas com que me recreastes e recreais. Bendito sejais para sempre, ó benigníssimo Pai; reconhecido estou de tão assinaladas mercês e benefícios tão singulares; com ânimo grato e coração obrigado vos adoro, desejoso de me aproveitar de tal maneira desta benignidade, que nunca mais por toda a eternidade vos ofenda.

PONTO III

Se bem debuxastes, Senhor, vossa benignidade na semelhança do filho pródigo, não a exercitastes menos na Madalena, que, vindo arrependida buscar-vos, a recebestes estando à mesa em banquete e festa, para mostrar a que vós e o céu fazíeis na conversão de uma pecadora. Os unguentos preciosos, lágrimas dos olhos, cabelos lançados sobre os pés, e mais instrumentos de penitência, ainda que já vinham profanados do mundo, aceitastes como se fossem primícias e flores primeiras então colhidas do jardim da alma, por mais murchas que viessem já do estio e calor do pecado.

Não se contentou vossa benignidade com receber a Madalena com todas estas circunstâncias de vossa parte e sua, senão que também a defendestes da calúnia imaginada, e ainda não falada do Fariseu, estimando mais as amorosas lágrimas da pecadora humilde, do que os doces



manjares do soberbo Fariseu. Esta condição de vossa benignidade mostrastes também na parábola, quando dissestes do Pai do pródigo, que defendeu a este do queixume do irmão mais velho, que lhe lançava em rosto favorecer mais o filho desobediente, que a ele obediente.

Este fostes também para o bom ladrão, que estando fresco das blasfêmias com que ainda na própria cruz vos injuriou, tanto que viu vossa paciência e benignidade para com os mesmos que vos crucificaram; logo, cobrando novo ânimo e arrependimento do passado, teve atrevimento para vos pedir alvará de lembrança como fôsseis em vosso reino, nem saiu em vão a petição, porque logo, como se até aquela hora nunca pecara e sempre vos servira, foi despachado de vossa real benignidade com o paraíso.

O' benigníssimo Pai, quem não confiará de vós todo o perdão, ainda que seja de pecados graves e enormes? Quem temerá de chegar a vós e levantar as mãos à vossa benignidade, ainda que estejam ensanguentadas de homicídios e sacrilégios, pois sempre nos recebeis não só com interesse de perdão, mas também de novos benefícios e nova consolação; aqui pois me tendes contrito e arrependido, ó Deus benigno!

Sois, ó Deus benigno, tão inclinado a fazer bem a vossas criaturas, que não só sofreis pecados com paciência, mas sendo forçado algumas vezes a castigar, logo misturais com o rigor da justiça a vossa clemência, castigando menos do que merecemos, dando por medida os castigos, e às mãos cheias os benefícios, de

modo que, como sofrendo e esperando sois paciente, assim moderando a pena sois clemente. Assim o ordenais nas penas que de fora nos vêm por mão alheia, assim nas que por nossas mãos tomamos por castigo de nossas culpas; não pedis que naveguemos mares, passemos a Jerusalém, andemos descalços carregados de ferros pelas ruas; com o jejum, disciplina e cilício vos contentais, e quando este não pode ser, com lágrimas dos olhos, e ainda só com a dor e contrição de coração: o que tudo acompanhais com tão grandes efeitos e enchentes de consolação, que mais é o que de gosto e alegria recebemos de vossa mão, que o que de pena sentimos da nossa. Pois em tudo e por tudo, ó clementíssimo Deus, me obrigais, antecipai com vossa graça as obras de minha alma, para que nunca com elas vos ofenda, e quando vos ofender, esforçai minha penitência para que, chegando a vós com arrependimento e confiança de filho contrito, alcance o perdão com estes interesses de Pai tão clemente e benigno.



MEDITAÇÃO XVI  
DA DOÇURA DE DEUS

POR MODO DE DIALOGO ENTRE HIERÓTEO E DEUS

HIERÓTEO

Se tal é, Senhor, vossa doçura, que o santo Profeta David, tão versado no conhecimento de vossas perfeições, a não pôde declarar, só com encarecimento se soube dela admirar, rompendo em exclamações: *Quam magna multitudo dulcedinis tuae, Domine, quam abscondisti timentibus te?* Oh, quão grande é a cópia da vossa doçura que tendes guardado para os que vos temem! Que farei eu ignorante e cego, que não sei mais do que o que experimentam meus sentidos? Como poderei falar em matéria tão levantada e divina? Dizei, Senhor, eu ouvirei; ensinai, e aprenderei.

DEUS

Como eu de mim, e em mim sou o que sou, assim em mim e de mim sou a mesma doçura. Tudo o que há em mim sou eu mesmo, achando-se pois em mim doçura fico eu sendo a mesma doçura. Sobe ao alto, desce ao baixo, toma

para o norte, toma para o sul, achar-me-ás a mesma doçura; corre os espaços infinitos e imaginários do vácuo, onde nada há, aí sou a mesma doçura. Entra pelo Paraíso, lugar de doçura, desce ao inferno, lugar de amargura, igualmente me acharás a mesma doçura. Põe-te na eternidade primeira sem princípio, vai correndo eternidade segunda sem fim, nunca acharás fim à minha doçura. Doce sou nos verões, doce sou nos invernos, doce nos dias, doce nas noites, em todo o tempo, em todo o lugar sou a mesma doçura.

HIERÓTEO

O' Oceano infinito! O' Pego infinito de doçura! Por vós e em vós quero sempre nadar e andar. Andarei e nadarei sempre por doçura, e vivendo em vós, viverei sempre em elemento de doçura. Se o peixe do mar criado em água não vive fora da água, e nela ainda que salgada vive vida feliz e doce; quanto mais doce e bem-aventurada vida viverei eu vivendo em vós, ó mar imenso de doçura! Se é verdade que só uma gota vossa destilada entre os amargosos absintos do inferno, bastava para adoçar tudo e tornar a eterna amargura em eterna doçura, que fora a imensidade de vossa doçura metida em minha alma, ou minha alma metida na imensidade de vossa doçura! Viva eu em vós, ó doce Deus, por contínua presença vossa; vivei vós em mim, ó doce Deus, por contínua graça vossa, e sempre ficarei vivendo vida doce em vós, ó infinita doçura!



DEUS

Não só sou mar imenso de doçura para em mim te receber e recolher, mas também banquete infinito de doçura para comigo te fartar e sustententar. *Dilata os tuum, et implebo illud*: não quero de ti que tragas a este banquete mais que fome: abre a boca, que a encheri de doçura. *Beati qui esuriunt, et sitiunt justitiam, quoniam ipsi saturabuntur*: bem-aventurada a fome e sede de justiça, pois tem força para fartar! Aqui tens: *Panem de caelo omne delectamentum in se habentem*, pão celestial que sou eu em que se acha toda a delícia e doçura: lança mão a tão rica e saborosa mesa, aqui te ofereço infinitas invenções de iguarias doces e suaves: *Convivium pinguium, convivium medullatorum*, manjares saborosos e gostosos de meus divinos atributos. *Mel, et lac sub lingua tua*: adoçarei tua língua com leite que corre das ribeiras da verdadeira Palestina, que são as delícias do Paraíso, que já aqui começareis a lograr; favos de mel, que continuamente estão destilando suavidade e doçura, que é o dulcíssimo amor e caridade com que te amo. *Dabo tibi poculum ex vino condito, et mustum malorum granatorum*: a mesa está nadando em vinhos preciosos de confeição e arrobe de romãs trazidas da verdadeira terra de promessa, que granjeiam as espécies de teus desejos e afetos da contemplação com que me buscas.

*Comedite, amici, et bibite, et inebriamini, charissimi*. Vem, Hieróteo caríssimo, traze meus e teus amigos ao banquete, comei a fartar do

pão da flor da farinha, do mel e manteiga da minha divindade e humanidade; bebei a fartar dos vinhos e licores saborosos de minhas divinas consolações, não haja quem fique com fome de tão real e abundante mesa.

HIERÓTEO

*Quam dulcia faucibus meis eloquia tua, super mel ori meo! O' Rei abundantíssimo e suavíssimo, quão doces são as iguarias da vossa mesa, abaixo ficam favos de mel, desaparece à sua vista toda a doçura! Desiderabilia super aurum, et lapidem pretiosum multum, et dulciora super mel et favum! Não se pode comparar com a riqueza da vossa mesa a pedraria do Oriente, nem com seus sabores todos os sabores juntos de banquetes de reis da terra. Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi, et fructus ejus dulcis gutturi meo: Oh, que delícias, Senhor, estar à vossa mesa; e no pino da calma, quando o mundo ardê em concupiscências, estar à sombra de vós, árvore da Vida, colhendo com a contemplação de entendimento; comendo com gosto da vontade os pomos doces de vossas perfeições, que sobre a doce mesa estão pendendo e caindo! Mimoso guiastes vosso povo pelo deserto: Substantiam enim tuam, et dulcedinem tuam, quam in illos habes, ostendebas; pois com a doçura e substância do maná o sustentastes, com maior mimo me guiais neste deserto da Religião, pois não com maná de Anjos, mas com vossa própria substância me adoçais e sustentais. Viva*



esta substância sempre em mim, até que de todo a logre na eternidade.

DEUS

Lembra-te do que sucedeu a meu povo no tempo do rei Saul: *Ingressus est populus saltus, apparuit fluens mel.* Que entrando vitorioso do Filisteu por um bosque, achou tudo cheio de favos de mel que dos troncos das árvores estava estilando. Neste mel ninguém do exército tocou, só o príncipe Jônatas comeu o que pôde abranger com a ponta da vara que trazia na mão, confessando de si: *Illuminati sunt oculi mei.* Que com este doce se lhe avivou a vista, que com a força da fome ia enfraquecendo.

Assim é que quando o luzido exército de meus escolhidos entrar vitorioso de seus inimigos pelos bosques da eterna verdura da bem-aventurada Palestina de meu Paraíso, acharão não estilados, mas ribeiras perenes de mel e manteiga de consolações divinas, que de mim continuamente estão correndo e nelas por toda a eternidade estarão bebendo doçura, que sempre farta e nunca enfastia. Deste suavíssimo mel não sabe comer o povo rude, que não sabe ter oração; só o príncipe, o contemplativo que despreza as coisas baixas e com fidalguia espiritual apetece as altas, sabe tocar com a vara da contemplação neste mel, e levando-o à boca da vontade, tomar seu sabor e experimentar sua doçura, com a qual recebem seus olhos nova luz e ficam vendo o que dantes não viam. Mas então ficarão perfeitamente alumados com o lume

da glória, vendo minha divindade, quando a far-  
tar comerem de manjar tão doce e saboroso.  
Por onde, filho meu Hieróteo, entra no número  
destes príncipes, enobrece tua alma com a fi-  
dalguia contemplativa, serás não só contado en-  
tre os príncipes de meu povo, mas rei do meu  
reino.

HIERÓTEO

Assim é, Senhor, assim o experimento, ó  
suavíssimo Deus, quando entro em contempla-  
ção de vossa divina essência, que sem pôr a  
boca na perene fonte de doçura em que bebem  
os bem-aventurados, só das gotas que dela des-  
tilam me acho mais adoçado e consolado que  
de todos os sabores do mundo juntos. *Illuminati  
sunt oculi mei*: já vejo o que dantes não via,  
já o que dantes do mundo me parecia doce, me  
parece amargoso, e o que se me representava  
amargoso da virtude, experimento doce. À vos-  
sa vista vejo a razão que tenho de chorar a ig-  
norância com que buscava bens fingidos da ter-  
ra, e desprezava os verdadeiros do céu. Como  
andava, Senhor, tão cego, e de sabor tão dana-  
do, julgava por doces os apetites da carne, por  
mel os manjares da sensualidade, que hoje vejo  
serem absintos e fel amargoso de dragões. Ben-  
dito sejais, Senhor, pois tão clara notícia me  
dais da formosura e sabor da virtude. Com tan-  
ta suavidade penetrais o interior de minha alma,  
que a tudo mais sinto fastio, tudo acho sem sa-  
bor, tudo me amarga, tudo ofende meu espiri-  
tual sentido, senão vós, ó Deus suave, e doce,  
antes a mesma suavidade, sabor e doçura! Já me



não sinto levado das comodidades e delícias do corpo; já a glória mundana me não acena, já estremeço de condescender com os estilos de minha própria vontade; já me envergonho de seguir os ditames do amor próprio; e como depois de gostar dos favos de mel e do torrão de açúcar, todos os mais manjares acho enxabidos, assim depois de experimentar vossa doçura, a tudo que o mundo me oferece tenho por amargura.

O' Senhor, como estou contente, como me acho satisfeito com o suavíssimo manjar da castidade que do rio de vossa doçura me comunicais! Como me aborrecem os grosseiros manjares da sensualidade, de que dantes entre porcos imundos me sustentava! Oh, que suavidade experimento no exercício da virtude, no apartamento de homens, no silêncio solitário, passando dias e noites convosco! Oh, como me acho príncipe e sobranceiro a todo o criado, favorecido e mimoso de vós, Criador! já parece vivo entre vossos espíritos bem-aventurados; já parece tenho a boca no caudaloso rio de vossas delícias, que espero me comunicareis quando solto das cadeias que hoje me têm, me fizerdes doação da liberdade de que gozam vossos filhos no Reino que para eles do princípio do mundo tendes aparelhado.

#### DEUS

Não somente sou doce manjar ao gosto de tua alma, mas também doce harmonia a teus ouvidos, qual deu o amoroso pai a seu filho pródigo, a quem no fim do banquete de vitela sa-

borosa acudiu com sarau real e música de vozes e instrumentos. Com manjar divino te fartarei, com música divina te recrearei, da tua parte não quero mais preparação que a que trouxe o pródigo, que é dor, contrição e lágrimas; sobre a dor, como contrabaixo, levantarei os típles de minhas alegrias; as lágrimas salgadas adoçarei com a suavidade de meus gostos.

A meu profeta Elias, fugindo da ímpia Jesabel, metido pelo deserto, esforcei com bolo de soborralho quente e saboroso, subindo no alto do monte Horeb, recreei com música doce de silêncio, que escassamente se ouvia, mas grandemente consolava. Faze, Hieróteo; por fugir da ímpia Jesabel, que é tua carne; mete-te pelo deserto de apartamento de homens; dorme com o sono repousado da oração, à sombra da árvore que nunca seca de minha essência; sobe ao alto monte Horeb da contemplação, eu te fartarei com o bolo dulcíssimo de minhas consolações, eu te recrearei com a música dulcíssima de delícias eternas.

#### HIERÓTEO

*Sonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis, et facies tua decora.* Da tirania de minha carne fugirei apartado de conversações de homens, em deserto me meterei, em vós contemplarei; farei por subir ao alto monte da perfeição, à conta de lograr a doçura de vossos manjares e a suavidade de vossas músicas, à vista das quais toda a mais consonância me parece dissonância, toda a mais harmonia dis-



cordância. Pois assim é: *Exsurge, gloria mea, exsurge, psalterium et cithara*. Levantai-vos, glória minha, fazei suave som a meus ouvidos, enchei esta alma de doçura e alegria e se me respondeis: *Exurgam diluculo*, que de madrugada vos levantareis a me recrear; também eu responderei o que quereis responda: *exurgam diluculo*, que de madrugada me levantarei a vos ouvir e lograr; assim andaremos em pia contenda, eu a contemplar, vós a me recrear e consolar; eu a ouvir vossas doces harmonias, vós a me encher de celestiais gozos e alegrias. *Alleluia, alleluia, alleluia*.

## MEDITAÇÃO XVII

### DA PROVIDÊNCIA DE DEUS

POR MODO DO DIALOGO ENTRE DISCIPULO E MESTRE

DISCIPULO

Ainda que a experiência me ensina, e as Escrituras me obrigam a crer que há providência em Deus acerca do governo do mundo, contudo minha ignorância e rudeza me escusa de não saber o particular da natureza, partes, atos e efeitos desta divina virtude. Ensinaí, pois, Mestre sapientíssimo, a este ignorante discípulo.

MESTRE

E' providência segundo Boécio, S. Tomás e outros: *Razão ou Lei, com que o supremo Príncipe dirige e ordena todas as coisas por meios acomodados a seus fins.* Não criou Deus, nem conserva este mundo acaso, mas com certíssimo conselho e decreto bem ordenado, que abrange todas as circunstâncias, leva todas as criaturas a seus fins, das quais o mais nobre e principal é Ele mesmo, e a manifestação de suas perfeições e sua glória como diz o sábio nos Provérbios: *Universa propter semetipsum ope-*



*ratus est Dominus*; tudo Deus criou por amor de si. O segundo fim, e' menos nobre são as operações cada uma das criaturas, conforme as suas naturezas. Entre eles é sobrenatural e principalissimo o fim vosso e meu, e de todos os homens, que é amor, serviço, posse e gozo do mesmo Deus.

DISCIPULO

Boa matéria me começais a abrir, Mestre meu, para eu também começar a conhecer, louvar, e engrandecer a excelência da Providência divina que, solícita de meu bem, me assinou fins tão altos, como são manifestação de sua glória, louvor seu, serviço seu, enfim alcance de bens eternos, que é sua vista bem-aventurada. Graças vos dou, ó pródigo Deus, porque, podendo limitar meu fim a bens naturais, como é comer, dormir e fartar apetites, próprio de animais, me subis a tal alteza, que seja um espírito convosco, e em vós tenha minha felicidade eterna: obrigação me fica de me não deixar vencer das mais criaturas na pressa e ímpeto com que vão a seus fins naturais, pois o meu é sobrenatural e divino, vencerei a pressa com que os rios correm ao mar, o fogo sobe ao alto, a terra desce ao baixo. O' oceano de meus desejos, céu de minhas saudades, centro de meu descanso! Busquem homens brutais o fim dos brutos, ponham sua felicidade em fins errados de gostos e apetites da carne, que eu só quero por fim meu o Supremo Bem para que me criastes, que sois vós.

MESTRE

Assentado o seu fim a cada uma das criaturas, concorrem três coisas na Providência Divina: primeira, conhecimento dos meios necessários e convenientes para este fim; segunda, poder para aplicar os mesmos meios; terceira, decreto da vontade com que se determina, e assenta de os pôr em execução a seu tempo. Ainda que Deus tivera conhecimento, se não tivera poder, ou tendo poder e conhecimento, se não fizera resolução e decreto da vontade, não houvera nele Providência; concorrendo conhecimento do fim, da necessidade e conveniência dos meios, poder para os aplicar, e vontade de os executar, há em Deus perfeita Providência. De infinitos meios com que criaturas assim racionais, como irracionais, podiam alcançar seus fins escolheu, e voluntariamente assinou os mais acomodados e proveitosos modos que havia.

DISCIPULO

O' prudentíssimo Deus, com quanta razão posso exclamar com o Sábio: *Cogitationes mortalium tñmidæ, et incertæ providentiæ nostræ*. Quão abaixo fica de vossa Providência a dos homens! A dos homens é incerta, a vossa certa; a dos homens meticulosa, a vossa afoita; a dos homens cega, a vossa clara; sabeis as necessidades de vossas criaturas, e os remédios para elas necessários, e com efeito, porque que-reis e podeis, os applicais. E como desaparece à vista da vossa Providência a nossa providência! Quem de nós há que conheça as necessi-



dades, não digo só de todas as criaturas, mas nem de todos os homens, nem ainda dos próximos com quem vive em comunidade? E que as conheça, quem sabe os meios necessários para as remediar? E que os saiba, quem se acomoda a os aplicar? E que queira aplicar, quem tem poder para aplicar os que quiser? Só vossa Providência, Senhor, sabe, pode e quer: nossa providência nem sabe, nem pode, nem quer. E' muito curto nosso entendimento para saber, mui limitadas nossas forças para poderem, mui escassa nossa caridade para querer. Comunicai-me de vossa Providência, sabedoria com que conheça, forças com que possa, caridade com que queira.

#### MESTRE

Venhamos, discípulo meu, à execução atual da Divina Providência. O principal meio extrínseco com que Deus governa pròvidamente este mundo inferior, com que conserva todas as criaturas corporais, que nele há, e as chega a seus fins, gerações e operações, vida, movimentos, conservação e perpetuidade em suas espécies, é o movimento dos céus, planetas, estrelas, que com sua luz e velocidade incrível, variedade espantosa, junta com igualdade admirável, conjunções e aspectos, causam todos os efeitos que neste mundo elementar continuamente vemos; tirando os que dependem do livre alvedrio, e alguns da imaginação dos animais. Daqui nascem os ventos que já sopram de Este impetuosos, já de Oeste chuvosos, já do Norte serenos, já do Sul brandos e mimosos para uso

e utilidade dos frutos e cômodos de nossa vida; já voltam do mar com branda viração, para refrescar nossos corpos no estio, já saem com maior força, para alimparem as searas e árvores frutíferas; já correm com admirável ímpeto e securas, para enxugarem campos alagados, para se poderem semear; daqui nascem as neves, geadas e pedra congelada, que fertiliza os campos, e arreiga, e assegura as sementeiras de que nos sustentamos.

#### DISCIPULO

Se este sol, planetas e estrelas com seu curso e aspecto causam neste mundo material tão admiráveis efeitos, quão admiráveis e mais nobres causareis vós, ó Sol divino, no mundo espiritual de minha alma, com o curso apressado de Gigante, com que descestes do céu à terra, e da terra tornastes ao céu, com o benigno aspecto que tendes para vosso Eterno Padre, e tem a Lua vossa Mãe, e as estrelas Santos vossos para convosco. Assopre com vossa divina influência o Vento do Espírito Santo que ele basta para ser: *In aestu temperies*: viração branda a meu tato espiritual; ele basta para limpar as superfluidades de meus vícios, que impedem o fruto da árvore da vida; e para enxugar os charcos alagados de meus apetites, em cujo lugar quereis lançar e semear a verdadeira semente e fruto do céu.



#### MESTRE

Não se limita por este meio a Providência divina ao elemento do ar e ventos; também abrange o elemento do mar; o qual ainda que como fera presa com coleira, parece sempre estar forcejando e bramindo por se soltar, contudo, senhoreado do céu, em especial do planeta da lua, se meneia a seu aceno e licença com tal sujeição, que conforme ao que ela larga ou aperta a prisão, já com fúria de águas vivas entra pela terra, já com águas mortas se retira, já com marés ordinárias enche e vaza, o que tudo é necessário para navegações e conservação do próprio elemento, que sem estes movimentos encharcado se corrompera a si, e a todos os viventes que nele se criam, e privara de mantimentos os mais que dele se sustentam.

#### DISCIPULO

Desta vossa doutrina, Mestre meu, posso eu tirar que, se a Providência divina por meios tão distantes, como são os céus, domina e enriquece elementos tão vários e rebeldes, como são Ar e Água, com maior eficácia dominará, com maiores riquezas enriquecerá a Terra, elemento constante, obediente e firme. Assim me persuado que o Sol, Céus, Planetas são os que geram, em suas entranhas, ouro, prata, ferro e metais; minas de diamantes, jaspes, mármore, pedras preciosas e outros minerais, de que se servem os homens para fábricas de seus edifícios, medicinas de suas enfermidades, ornamento e aparato de seus vestidos. Ainda que é certo

que Deus no princípio do mundo criou a terra com as entranhas cheias destas riquezas, contudo também mostra a experiência que estas minas e pedreiras, depois de cavadas e esgotadas, por decurso de tempo se tornam em pedra, e a renovar de nova pedraria; o que parece não pode ser senão por virtude superior do sol, planetas e estrelas, pois conforme a maior ou menor vizinhança e força de seus raios, vemos estes efeitos de suas influências.

MESTRE

E' verdadeira e bem fundada, discípulo meu, vossa conjectura. Mas não são menos admiráveis infinitos outros efeitos, que para conosco a divina Providência faz na terra por meio da inclinação e declinação, que o Sol tem, e na obliquidade do Zodíaco faz a uma e outra parte do mundo. Vós vedes como, chegando-se para nós, traz consigo a alegre primavera, com que parece que os campos que até então estavam como mortos, de novo ressuscitam, brotando flores pintadas, saindo com ervas odoríferas, cobrindo-se de verdura, folhando bosques sombrios, fertilizando-se com searas e vários gêneros de frutas para a vida. Pelo contrário, tornando-se o mesmo sol a afastar de nós, vede como tornam os mesmos campos a morrer, perdendo a cor verde e viva, cobrindo-se de amarelo de morte, perdendo os bosques a folha, murchando-se os prados, e secando-se as rosas e açucenas dos jardins, ficando tudo estéril e feio. Admirável é sem dúvida a força deste gran-



de Planeta, pois a variedade de seus raios, já direitos e fitos, já desviados e oblíquos, basta para fazer uma tão grande mudança e variedade, quanta há entre inverno, que tudo parece põe de luto, e verão que tudo parece põe de festa.

#### DISCIPULO

O' Senhor, Sol verdadeiro, Luz inciada, se este Sol material com se chegar e apartar de nós, traz tanta variedade de invernos e verões, que variedades causará vossa ausência, e presença em nossas almas! Que invernos tão tristes, estéreis e frios padecerão os que andam ausentes de vossa vista, esquecidos de vós? Que verões alegres, aprazíveis, e férteis lograrão os que vivem em vossa presença, lembrados de vós? Mas, oh! quanto mais triste, medonho, estéril sem rasto de verdura, será o inverno dos maus! Quando em pena de se ausentarem de vossa presença, vós, Senhor, lhes negardes de todo vossa presença, sem apontar nem o mínimo raio da vossa luz no lugar profundo e escuro onde viverão morrendo, e morrerão vivendo sem fim, que é o Inferno! Ao contrário, quanto mais alegre, clara e abundante de toda a frescura será a Primavera dos Bons, quando em prêmio de sempre andarem em vossa presença, lançardes sobre eles os raios direitos de vosso lume da Glória no lugar bem-aventurado, onde eternamente sem morrer viverão, que é o Paraíso. Visitai-me, ó Sol divino; nesta vida ande eu sempre em vossa presença, para que livre do inverno do pecado, fique também livre do inver-

no do Inferno; e da primavera desta vida, passe às delícias da Primavera da outra vida, em que eternamente viva convosco.

#### MESTRE

Ainda que o inverno natural é disforme e estéril, contudo traz consigo muitos cômodos, que a Divina Providência para nós dele tira; porque o calor de fora se recolhe nas entranhas da terra, onde tem tempo e lugar para cozer e temperar a humidade natural que acha, a qual, a seu modo fervendo, em repontando a primavera, transborda, se dilata e estende pelas raízes, troncos e folhas das árvores, verdura dos campos, espessura dos bosques, formosura dos prados, e fruto dos pomares; assim em efeito da aspereza, frialdade, esterilidade e rigor do inverno, depende a brandura, fertilidade, frescura e abundância do verão, de modo que não precedendo o inverno, não se podia seguir verão.

#### DISCIPULO

Debuxada vejo, Mestre meu, na Providência natural com que Deus traça as utilidades do inverno, a Providência sobrenatural que Deus tem de seus Escolhidos, cuja vida ainda que seja cercada de asperezas, rigor, penitência e tristeza como de inverno, contudo traz consigo muitos cômodos para os frutos e frescura do verdadeiro verão; porque, sendo a alma de fora rebatida de frios e invernadas rigorosas de trabalhos e perseguições, recolhe dentro de si o calor do amor divino, com que tudo sofre e



coze, e a seu tempo sai com a formosura das virtudes, com a primavera da santidade, com o fruto saboroso das boas obras. E como os verões então saem com maior formosura e fertilidade, quando precederam invernos mais compridos e ásperos, assim a glória de nossas almas então será mais abundante e alegre, quando assentar sobre inverno mais rigoroso de aflições, paciência e penitência.

#### MESTRE

E' mui destro o dedo da Providência divina tocando tão harmônico e bem temperado instrumento, como é o céu. Suave e eficazmente guia a dança das criaturas inferiores, em especial de planetas e animais, a seus próprios fins, no compasso que levam em suas ações; mas não contente só com o toque deste universal instrumento, muitos outros toca. Assim como Deus vai fabricando as criaturas, assim vai organizando nelas instrumentos particulares conforme as figuras, qualidades, propriedades, variedade de membros, habilidade, engenho, sagacidade, ligeireza e forças que tem, as quais tocadas com sua próspera mão, guiam as mesmas criaturas a seus fins, em que se sustentam; e conforme as suas naturezas suavemente situadas, gozam e descansam. Assim como sem as leis da divina Providência nenhuma coisa nasce; assim nenhuma acaba, nenhuma se move, obra e descansa em seu fim. Todas nas harmonias de seus movimentos e correspondência de suas ações, dependem deste destro Mestre de capela, todo este

exército vai marchando ao toque desta caixa, todo este exército segue este guia. São sem dúvida todos estes instrumentos criados, rasto que vai deixando Deus, pegadas que vai imprimindo de sua Providência nas criaturas, com que as insensíveis obram como se tiveram sentido, as irracionais, como se tiveram razão: sendo assim que não conhecem seus fins, nem têm discursos para dantes os perceber, e a eles com tanta ordem e certeza suas ações encaminhar.

#### DISCIPULO

Agradeço, sapientíssimo Mestre, tão profunda doutrina, com ela acabo de entender a eficácia e suavidade com que a Providência divina até a criaturas insensíveis abrange, como são as pedras duras e faltas de vida, que parece faz sensitivas, e no modo de obrar vivas. Deixa-se ver isto na pedra de cevar, que, tendo diante ferro, prata, ouro e pedras preciosas, tudo despreza, só com o ferro se abraça, com que parece melhor se sustenta e conserva; estando no meio dos quatro ramos do mundo, só ao Norte demanda com tal inclinação, que até as agulhas nela tocadas sempre estão inquietas até estarem apontadas ao mesmo Norte.

Não é menos de espantar a virtude da pedra de bazar, que tem tal propensão, e em certo modo afeição ao coração humano, que metida nas entranhas, vai logo demandar este seu amado; e se o acha combatido de algum inimigo venenoso, logo se põe em campo por ele, e não descansa até não lançar fora, e dei-



xa livre o amigo. Para que deixe outros muitos gêneros de pedra, das quais umas têm grande propensão ao sangue humano, e servem aplicadas de o deter nas veias; outras de abrir as veias e dar saída ao mesmo sangue, outras, que são mais preciosas, e são tingidas de várias cores, como safiras de vermelho, esmeraldas de verde, jacintos da cor do céu, diamantes de resplendor, têm outros efeitos maravilhosos de alegrar o coração, espalhar fantasmas melancólicos, sarar e livrar de enfermidades; e se neste número quisermos meter alambres finos, também fica à conta da Providência divina a virtude com que, deixando tudo o mais, só chamam para si palhinhas e feno, mas aplicados ao corpo humano são medicina certa, e presente defensivo de doenças que tomam os membros, e tolhem suas operações.

#### MESTRE

Se a divina Providência, ó bom Jesus, tais e tão proveitosos efeitos causa em pedras insensíveis, quais faria causar em vós, verdadeira Pedra sensível, em cuja sentida morte as pedras insensíveis, quebrando-se umas com outras, mostraram o maior sentimento! Pedra racional, que o Profeta viu cheia de olhos para ver o passado, presente e futuro. Pedra quebrada e fundamental, fora da qual não se pode lançar outro fundamento da nossa fé. Vós sois a verdadeira Pedra de cevar, que a pecadores fracos e duros como ferro, com inclinação própria de misericórdia atraís a vós; e na perigo-

sa navegação deste mundo, apontando ao Norte da salvação, guiais a nau da nossa alma ao porto desejado. Vós sois a verdadeira Pedra de bazar, que sempre demandais nosso coração e dele tirais o veneno do pecado. Vós, safira preciosa, tingida do sangue da Circuncisão e Paixão, que com a graça que por esta via ganhastes, alegrais nossas almas. Vós, esmeralda verde do Paraíso, donde com esperança nos convidais e chamais. Vós, alambre precioso, que, unido com as palhas do Presépio em vosso nascimento, deixando os ricos da terra, com suavidade atraístes a vós pobres e rústicos pastores. Com essa virtude e força interior que em vós imprimiu o poder e providência divina, me chamaí, atraí, ajudai e consolai, para que, apartado de criaturas, convosco unido morra, convosco unido por toda a eternidade viva.

#### DISCÍPULO

Em plantas que são iguais e pedras e metais em não sentir, pois vivem só vida vegetativa, tenho advertido não menores maravilhas que, segundo vossa doutrina, Mestre meu, não podem deixar de ser obras da divina Providência. E senão, disse-me, quem ensinou as sementes e pevides de árvores e ervas, tanto que se vêem metidas e escondidas na terra, secretamente lançarem primeiro raízes para baixo, que servem parte para sustentar o peso da planta que há de nascer, que quanto há de ser maior, tanto as raízes saem mais grossas e mais profundas, e parte servem de bocas para chuparem o man-



timento de que a planta se há de sustentar; assim umas são mais grossas, outras mais delgadas, como fios esponjosos, para mais facilmente penetrarem a terra e buscarem e atraírem a matéria mais fácil e sutil de sua sustentação. Assegurado o fundamento e alimento de que a planta se há de sustentar e viver, começa a subir a cana ou tronco em figura direita, sem inclinar a uma ou a outra parte por não quebrar com o peso do fruto e ramos que por esta mesma causa crescem e se estendem iguais sem se dilatarem ou pesarem mais para alguma das bandas, tudo com tanta ordem e acordo, como se a semente donde tudo sai não só tivera sentidos, mas entendimento e razão; no que bem se vê que é isto mais arquitetura da divina Providência, que força e fábrica da criatura.

MESTRE

Entrai mais, discípulo meu, a consideração nas circunstâncias particulares das mesmas plantas, descobrireis mais motivos de reconhecer e engrandecer a força da divina Providência.

Vós vedes como não tendo a planta mais que um instrumento para obrar, que é a potência vegetativa, não se sustentando mais que de um gênero de mantimento, contudo sai com tão diversos membros, como são folhas, frutos, flores, e nas vinhas que como elos, que como mãos se torcem e dobram para se pegar com arri-mos ou ramos mais vizinhos, e sustentar no alto com ajuda alheia o peso do fruto, que caindo em terra se não lograria. Vós vedes a medida

e proporção com que a mesma planta vai entressachando frutos e folhas que os cobrem e defendem, sendo a fábrica dos frutos tão diferente das folhas, e não havendo razão que se possa alcançar com entendimento humano, porque no lugar da folha não nasce o fruto, e no lugar do fruto não nasce a folha. Chegai, discípulo meu, mais ao particular: tomai a folha da vide ou de qualquer planta, e pondo-a à vista do sol, vede com particular atenção a arquitetura com que é feita, achareis no meio uma veia maior que a divide em duas partes, da qual saem infinitos ramos de outras veias, que cada vez vão saindo mais delgadas e delicadas, e correm com mil voltas toda a folha para repartirem a toda ela o mantimento que por elas, como por canos, se deriva; achareis um admirável artifício, digno não de planta insensível, mas da Providência divina, poderosa, inteligível, para obrar coisas tão maravilhosas. Daqui passai às frutas companheiras das folhas, achareis delas tanta diversidade quantas são as espécies das plantas: umas frescas e frias para o tempo do estio; outras quentes para o tempo do inverno; outras temperadas para todo o tempo. Notai a fábrica de cada uma, vereis que de tal maneira são compostas, que ainda que criam carne para nossa sustentação, não se esquecem da semente para a sua propagação. Por fora oferece o pomo doce, coroado e cheiroso, o que dele havemos de comer, dentro, nas entranhas cria e esconde o grão ou pevide donde outra planta há de nascer. Mas toda esta fábrica que a planta por



sua insensibilidade não pode por si traçar e conhecer, traça e conhece da eternidade a Providência divina, que tudo sabe e pode com admirável harmonia e ordem a seus fins dirigir e mover.

DISCIPULO

Nesta matéria, que com tanta erudição tratastes, mestre meu, me leva e admira muito a polícia com que árvores de espinho nos oferecem suas iguarias de bagos e gomos, doces e bicais, envoltos primeiramente em toalhas tão alvas e finas, que não há holandas que as igualem; tudo apresentam em pratos mais de ouro que dourados, que são as cascas de sua natureza cheirosas, o que não tem pratos de prata, nem porcelanas da China, que enriquecem as mesas dos reis e príncipes da terra. Reconheço, ó grande Deus, em obras tão misteriosas, não arte, razão e prudência de criaturas, que não são delas capazes, mas vossa razão, prudência e arte que a elas preside, e tão expressas pegadas nelas imprime, que em todas as suas ações e obras parece que de sabedoria pródica e providência sábia são dotadas. Ainda que sou criatura racional e sou capaz de sabedoria e providência natural, imprimi contudo em mim os vestígios da vossa para que em vosso serviço me não torne insensível e irracional, antes governado por vossas leis em tudo acerte os meios que levam ao verdadeiro fim.

MESTRE

Não saíamos da consideração das plantas sem fazer menção das flores, de que o Senhor diz no Evangelho: *Considerate lilia agri, quomodo crescunt, non laborant neque nent, dico autem vobis, quod nec Salomon in omni gloria sua, coopertus est, sicut unum ex istis.* Que consideremos e meditemos nas flores do campo que, não se ajudando de teares de sedas, nem de bordadores de fio de ouro, nem usando de tintas finas, mas somente do sumo da terra, convertido em verdete, saem vestidas com todo o primor e arte trajada de mil cores. Os cravos da primavera de cetim branco e carmesim; os cravos do inverno de vestido aveludado; as maravilhas do verão de marlotas listradas parte de vermelho, parte de amarelô; as rosas de seda encarnada; as violetas e lírios de roupas roxas, todas sem artifício de bastidores nem entalhadores, com cortes tão perfeitos que vencem os de oficiais da terra, e a glória do rei Salomão, a quem serviam as sedas do Oriente, o ouro de Ofir, as tintas transmarinas, a pedraria fina, os oficiais mais destros do mundo, e contudo nunca em dia de maior festa saiu tão ricamente vestido como sai uma flor do campo em mês de Abril; cuja cor é nativa e intrínseca, a das roupas de Salomão artificiosa; a flor nunca despe o vestido; Salomão cada dia despia o seu; a fragrância da flor nunca é emprestada, de dentro sai e recende; Salomão mendigava a de seus vestidos das próprias plantas e flores de que tratamos.



Para que é fazer comparação de flores do campo com coisas da terra, pois sem dúvida competem com as próprias estrelas do firmamento; nem é menos para ver o prado pintado de flores, que o céu esmaltado de estrelas; assim criando as flores ao terceiro dia, as estrelas ao quarto, parece mais quis tirar as estrelas pelas flores, que as flores pelas estrelas; e à vista do sol, a que as estrelas desaparecem, avulta e resplandece mais sua formosura; pelo que o jardim e prado pintado podemos chamar firmamento da terra esmaltado.

#### DISCIPULO

O' grande Deus, reverencio e venero vossa infinita Providência, com a qual com fortaleza suave e suavidade forte abrangeis de polo a polo, de fim a fim; de maneira que com o mesmo poder e sabedoria criais e governais a maior e mais formosa criatura, que é o sol que ao céu preside, e a mais pequena flor e violeta que no campo nasce, tão insigne Providência desperta em mim grande esperança de alcançar tudo de vós; tão solícito cuidado me descuida de procurar o mais que não sois vós, aprendendo nesta parte eu, criatura racional e sensitiva, das flores do campo insensíveis e irracionais, pois descuidadas de si, tendo só cuidado de se abrir ao céu, louvando, da maneira que podem, a vós, Criador seu, se acham de madrugada borrifadas de orvalho, regadas com chuva, favorecidas dos raios do sol; enfim, com estes bene-

fícios celestiais, revestidas de variedades de cores, perfumadas com fragrância de cheiro.

Descuidado de cômodos do corpo: *In matutinis meditabor in te*. A vós abrirei de madrugada minha alma e boca na oração, estando certo que quanto mais me descuidar de mim e me lembrar de vós, tanto maior cuidado tereis de mim, e nos bens temporais, maiores bens receberei de vós.

MESTRE

Passemos, discípulo meu, da consideração das plantas à dos animais, nos quais, por serem mais perfeitos, descobriremos maiores experiências e segredos da divina Providência, por cuja força e virtude saem com operações que vão muito rastejando com a razão e discurso humano, e em muitas coisas o vencem. Senão dissei-me: como aves que frequentam as praias e se sustentam da lambujem do mar, em dia sereno e tempo quieto se recolhem ao sertão, põem em seguro, adivinhando a tempestade que está para vir; o que não podem nem sabem adivinhar pilotos e mestres destros em arte de navegar, pois muitas vezes os tomam as tempestades súbitas descuidados, com perda não só das fazendas, mas da própria vida. Mas onde primeiro triunfa a Providência divina, é no artifício e indústria com que animais criam seus filhos, e multiplicando por esta via suas espécies, enchem o mundo. Quem diz às aves do ar que comecem a fabricar seus ninhos no mês e dia que ao justo vem estar acabada toda a obra, e no tempo em que hão de sair com fru-



to de seus partos, que nele se há de agasalhar? Onde aprendem a arte de arquitetura com que traçam a forma, grandeza e capacidade dos ninhos, como se soubessem quantos filhos hão de ter e de que estatura hão de ser? Quem as ensina a fabricar os ninhos por dentro, tão macios e mimosos, como se fossem colchões moles e brandos para neles nascerem e se criarem seus tenros filhos? Quem no mundo novo lhes ensina a pendurar das árvores os ninhos e criar no ar seus filhos por não serem comidos das serpentes que acima costumam subir? Quem para este efeito lhes dá fios delgados e fortes, como sabem dar nó que sem cair sustente o peso do leite e filhos juntamente?

Vós sem dúvida, ó grande Deus, sois o Arquitecto que traçais e acabais estas e semelhantes obras. Nas oficinas de vossa divina Providência se formam os membros tenros e delicados, se empenam as asas e tingem as penas pintadas dos passarinhos. Ela é a dispenseira que distribui o mantimento a cada um deles, enquanto não podem voar, sem dar maior razão, nem mais vezes a um que a outro. Ela por sua mão está sustentando os pintos dos corvos de bichinhos que traz do ar a suas bocas abertas, com que estão piando por mantimento enquanto os pais os desconhecem e deixam por não estarem vestidos de penas da sua cor.

E se vossa Providência estas maravilhas obra nas aves do ar, não obra menores nos pescados do mar, que a seu tempo guia às fozes dos rios e lugares onde a corrente das águas

é mais apertada e impetuosa, para assim com mais facilidade desovarem e lançarem das entranhas as sementes e ovas miúdas que em número parece criais sem conto; para que, ainda que se percam muitas por causa da inconstância e movimento contínuo das águas, onde caem, sempre fiquem bastantes para se conservarem e multiplicarem as espécies que delas hão de nascer.

Mas entretanto me dizei, ó providentíssimo Deus, em que ninho se recolhem e ajuntam estas ovas? Que mãe tem cuidado de as fomentar até sair delas a criança, e depois de nascida de a sustentar? Vossa Providência, Senhor, é a mãe que, não se contentando de andar sobre as águas, como no princípio andava vosso espírito, desce ao profundo, toma à sua conta fomentar as ovas, tirar a seu tempo e criar com tanto cuidado os peixinhos que delas saem, que muitos deles vêm a ser de maior estatura e quantidade que animais da terra e ar, por mais pensados e regalados que sejam de seus pais em sua primeira idade e criação. Isto esperta, Senhor, minha esperança, estando certo de que, se me meter nas mãos de vossa divina Providência, nos desertos estéreis serei apascentado; no meio das ondas andarei vivo; entre as chamas acesas estarei triunfando do fogo ardente; combatido de exércitos armados sairei vencedor.

#### DISCÍPULO

Muito me alumiastes, Mestre meu, em matéria da Providência divina com este discurso



dos animais; mas nenhuma menção fizestes dos da terra, sendo assim que em sua criação vencem os do mar, nem ficam atrás dos do ar. Vós vedes como chegado o tempo de seus partos, que parece dantes adivinham, se sabem recolher a covis quentes e lugares abrigados e mimosos, onde lancem e criem seus tenros filhos. Vós vedes como geralmente as mães em nascendo os filhos lhe acodem com a brandura da língua, com a qual amorosamente lambendo os estão purificando das fezes que trazem das entranhas, bafejando e aquecendo os mesmos filhinhos; e quando saem disformes, compondo e formando seus membros e renovando sua figura. Que direi do amor com que esquecidas de si têm por delícias chegá-los a seus peitos, meter-lhes as tetas cheias de leite na boca, e quando é tempo de os destetar, buscar-lhe mantimento delicado e próprio de crianças com que se possam sustentar, até ganharem forças para o buscar. E quando feras carniceiras como leões e lobos acometem estes filhos em tenra idade, vós vedes como os pais, feitos em caracol fechado, os tomam dentro, e virando as pontas contra o inimigo, com estes agudos bicos os defendem. As lebrinhas, depois de comporem cama de estrume brando, sobre elas estendem lençóis mais finos que de Holanda, de pêlo macio que de seu próprio peito estão depenando, para assim conservarem e criarem seus filhos com mais resguardo e mimo.

Aqui me dai licença, poderoso Deus, para me queixar a vós mesmo de vossa divina Pro-

vidência, porque, sendo tão liberal para animais do ar, terra e mar, que havendo para raposinhas covas na terra, onde nascem e se criam, e vivem defendidas das injúrias do tempo, vós entretanto nasceis em uma dura pedra, em lapa aberta sem reparo aos ventos e frio do inverno; entrando no mar, onde monstros vivem feliz e pacificamente, logo se levanta tempestade, que interrompe o breve sono que tomais na popa de uma pobre barca pescareja! Enfim, levantado no ar, onde avezinhas têm ninhos brandos em que descansam: *Non habes ubi caput tuum reclines*. Não tendes em que descanse vosso corpo moído com açoites, senão uma dura Cruz; não tendes onde reclinar a vossa cabeça, senão uma áspera coroa de espinhos! Mas onde vossa Providência foi tão escassa convosco, oh, como foi liberal, larga para conosco, pois que nascendo todos mortos pelo pecado, não só de vosso peito, ó divino Pelicano, mas de todo o corpo tirou copioso sangue com que nos ressuscitou e deu a vida que temos. Por tudo dou muitas graças a vossa misericórdia e providentíssima misericórdia, e peço me deis, Senhor, verdadeiro conhecimento do que sois para comigo e do que devo ser para convosco.

#### MESTRE

Se a Providência divina é tão industriosa na criação dos animais, não se mostra menos poderosa na sustentação e conservação dos mesmos; que por isso David a celebra com título de Braço de Deus. *Aperis tu manum tuam, et*



*imples omne animal benedictione:* estendeis, Senhor, o poderoso Braço, abris a larga Mão de vossa Providência, e dais de comer e acudis com o necessário a todo o animal. A nenhum falta, a todos acode este providentíssimo Pai de famílias, não abafa com a imensa máquina e variedade de monstros do mar, com a infinita multidão de animais da terra, aves do ar; a todos põe mesa abundante, repartindo a cada espécie manjares acomodados à sua natureza e gosto. A uns sustenta com carne de outros animais, a outros com frutas e ervas da terra; a outros, com bichinhos que para este efeito empena com asas, e voando, se vão oferecer a eles mesmos por manjar; outros, de boca mais delicada, se contentam com a tez das folhas verdes que comem por cima com tal arte, que não tocam nas veias que por baixo ficam, dando mostras do artifício com que vão saindo umas de outras, as menores das maiores, com admirável techedura por mão do sumo artífice, que é Deus.

Adiante passa o primor da Providência divina armando os animais não só com instrumentos e como com uma prudência natural, com que sabem buscar o mantimento necessário para a vida, descobrir as medicinas presentes para a saúde, passar a climas mais favoráveis para a sua habitação, fugir dos inimigos e dar a vida em recreação aos homens.

O cordeiro destetado da mãe, começando a sustentar-se das ervas do prado, sabe escolher por mantimento as salutíferas e resguardar

dar-se das nocivas; o mesmo, sem mais experiência nem temendo cão de guarda, teme e foge do lobo que com ele se parece. O mesmo fazem as avezinhas novas, aparecendo no ar àve de rapina, cujas unhas nunca experimentaram, acolhendo-se às asas da mãe; sendo assim que das outras aves nem se teme, nem foge. As andorinhas e outras aves sujeitas ao frio, entrando o inverno sabem demandar os cabos ou promontórios mais vizinhos e terras quentes, esperar moção de ventos gerais e com eles tomar o voo todas juntas, passar o mar e ganhar terra; da mesma maneira, acabado o inverno e repontando a primavera, tornar às terras que deixaram.

#### DISCIPULO

Dai-me licença, Mestre meu, para vos ajudar a louvar a Deus com algumas experiências que da Providência divina em animais também tenho notado. Vós vedes como ordinariamente se entendem uns com outros, e declaram seus apetites por sinais ou vozes naturais, como os homens se entendem por artificiais e corporais. As aves que criam, de um modo chamam os filhos para lhes darem de comer, de outro os avisam para fugir do inimigo, de outro para os ampararem e aquecê-los debaixo de suas asas. Entre milhares de mães cada uma conhece o balido de seu cordeirinho, por semelhantes que todos sejam entre si. O músico rouxinol, enquanto a mãe está no ninho coupada em tirar e criar os filhos, está cantando para aliviar o trabalho da criação. Dos animais que se susten-



tam de insetos, alguns há que lançando a língua fora, sustentam com a humidade as formigas, das quais como a sentem cheia, as recolhem e comem. O crocodilo, com lágrimas e gemidos fingidos, atrai a si outros animais compassivos e, em lugar de agradecimento, os mata e come. S. Agostinho, no Sermo 23, *De Verbis Apostoli*, conta como os veados postos em fileira passam a nado os rios de banda a banda, descansando as cabeças pesadas uns sobre os outros, os que vão detrás sobre os que vão adiante, revezando-se sempre o primeiro e ficando o último para se repartir igualmente o trabalho de guiar com descanso; o que o Santo quer que imitemos no amor do próximo, com participação das penalidades uns dos outros.

Nas maravilhas do mundo novo se conta como os bugios se pegam uns a outros feitos em cadeia do alto da árvore que está junto ao rio que querem passar, e tanto tempo e com tanta força se está embalçando no ar esta cadeia viva, até que o último chega e pega da árvore mais vizinha que está da outra parte, e despegando-se então o outro que ficava da banda de aquém, se acham todos passados da banda de além. Pois que mais puderam fazer estes animais com mais artifício, se tivessem entendimento e razão? Sem dúvida tudo são efeitos da divina Providência, que excede todo o entendimento e toda a razão. O que particularmente também se vê no conhecimento e eleição que animais têm das medicinas necessárias para suas enfermidades. O cavalo marinho, sentindo-

se carregado de humores e fervor do sangue, sai da água aos campos e na primeira ponta aguda de árvore ou planta que acha se fere e sangra, e recupera a saúde. Os veados curam suas feridas com a erva chamada dictamo. As andorinhas curam a cegueira dos filhos com que algumas vezes nascem, com a erva chamada celidônia, que, em elas começando de aparecer, começa a florescer, em desaparecendo murcha. As cegonhas novas, vendo seus pais decrépitos e já de velhice perder a pena e forças para voar e buscar o necessário para a vida, os tomam debaixo de suas asas e os amparam, aquecem e sustentam abundantemente com o mesmo mantimento com que deles foram criadas; o que S. Basílio lança em rosto a filhos que, sendo mais ingratos que brutos animais, desamparam a seus pais no tempo das enfermidades e necessidades da vida.

MESTRE

E' tão poderosa e liberal a Providência divina, que na criação curiosa dos animais não atendeu somente à sua conservação e vida, mas principalmente à nossa, que em grande parte depende da sua; que enfim os animais nos dão de comer, vestir e calçar com suas carnes, laticínios, couros e velos, como são as aves e gado que por indústria pastoril criamos. Eles nos ajudam na guerra a dar batalhas e alcançar vitórias, como são os fortes elefantes e cavalos ligeiros. Eles ajudam os caçadores a tomar a corça no monte e aves na água; eles, no pino da meia-noite, quando estamos em profundo sono,



defendem nossas casas. Eles nos levam a nós e nossas fazendas às costas, porque por outra via seria dificultoso passar de uma parte para a outra. Eles ainda com sua peçonha saram nossas enfermidades; e enfim, por muitos modos recreiam nossos sentidos. Os bugios com seus momos nos alegram, as aves pintadas com a fineza de suas cores, nos levam os olhos; as cantoras com suas músicas, como são melros, rouxinóis, recreiam nossos ouvidos; as palmeiras nos admiram com a imitação de palavras e vozes humanas tão articuladas e enfiadas, que já se viu alguma em Roma que todo o Credo em latim, sem errar palavra, levava ao cabo.

E eu contudo, discípulo meu, maior matéria acho de admiração da Providência divina nos animais insetos, que são os pequenos, que nos maiores de que até agora falamos. Mais me espanto das iras e forças da formiga, que da fortaleza e ameaças do leão; da fábrica do mosquito, que da máquina do elefante. Mais tenho que considerar no artifício com que a aranha faz sua teia, que na arte com que a águia fabrica seu ninho. Mais me admiram as asas dos bichinhos voadores, que as dos falcões e açores. Como a Providência divina é mais admirável na quantidade pequena das pedras preciosas, que na grande dos rochedos e pedras toscas, assim também em animaizinhos pequenos, mais que nos grandes. Senão disse-me, em que animal de maior quantidade se acha o que é em bichinhos que nascem no mundo novo, mais pequenos que uma avelã, armados de quatro

asas, que lançam tal resplendor dos olhos que vencem as trevas da noite, como se fossem velas acesas, e escusam nas casas luz de candeia; a caminhanes são guia, e tomados e juntos em bom número, até um exército podem guiar, porque abrangem com a sua luz até o espaço de uma milha e mais.

#### DISCÍPULO

Como é admirável, grande Deus, vossa divina Providência, pois em regiões bárbaras, estéreis e faltas do necessário para se alumiar com luz de fogo, sem nenhum custo acendeis tochas naturais que se acham pelos campos, de lume tão independente, que nunca se diminui por falta de matéria em que se ateie, tão firme, que nem com chuvas, nem com ventos rijos se apaga; tão copiosa, que das trevas e noite escura faz claro dia.

Mas, Senhor, daqui me quero também aproveitar para reforçar as esperanças da fé, que tenho da glória de nossos corpos no Paraíso. Se um vil bichinho da terra enriqueceis de tão formoso dote natural, como é a luz, que a ele e aos homens no meio das trevas alumia; que fareis a criaturas racionais, quando em corpo e alma as levardes ao Céu para gozarem entre Anjos eternamente de vossa vista? Sem dúvida cumprireis o que diz vosso Apóstolo: *Stella a stella differt in claritate, sic et resurrectio mortuorum*: que resplandecerão como estrelas do firmamento, uns com maior, outros com menor luz, conforme a seus merecimentos. Mas ainda vós,



Senhor, prometeis mais: *Justi fulgebunt sicut Sol in regno Patris eorum*: que a luz dos bem-aventurados não será só como de estrelas, mas como do próprio Sol.

Oh, que estado será este tão bem-aventurado, quando já não sucederão noites e dias, mas tudo será dia claro, resplendor imenso! A cidade em que viveremos, fabricada toda de carbúnculos resplandecentes, habitada de tantos sóis quantos forem os bem-aventurados que eternamente nela viverão! Livrai-me, aqui, Senhor, das trevas do pecado, viverei com esperanças certas de vos gozar claro e resplandecente no dia da Eternidade sem fim.

MESTRE

Não tereis menos motivo, discípulo meu, de louvar a Deus do que vos direi dos bichinhos bordadores que lavram a seda, em que a primeira maravilha da divina Providência é, que de pequenas sementes ou grãosinhos miúdos, metidos no seio e fomentados com o calor do peito humano, em espaço de três ou quatro dias saem vivos e logo começam a comer com grande sofreguidão; achando-se fartos dormem sono quieto; despertando tornam outra vez a comer com tão grande estrondo, como se tiveram dentes e boca de javalis; interpolando isto três vezes, achando-se cheios e grandes, começam a trabalhar e tirar a seda, que tiram das entranhas, fabricando sobre si mesmos uma casa ou sepultura tecida de fio contínuo e travado, que vão lançando tão fechado e calafetado, que nem

uma gota de água o pode penetrar. Só uma porta ou janela pequena deixam aberta por onde depois de morrerem em tão deliciosa cama e resguardada sepultura, saem de novo ressuscitados e ligeiros com asas de que dantes careciam, pintados de cores e círculos dourados a esta luz que logram com alegria, voando por flores e verdura do campo, onde se apascentam.

Desta cama, onde o bichinho morre, des-tecida e desfiada, se fiam e tecem as camas de que se enriquecem os leitos dos príncipes e senhores da terra; e as armações com que se orn- nam suas salas e galerias e fazem os vestidos brandos e mimosos com que se vestem: *Qui in domibus regum sunt*, os cortesãos que frequen- tam os paços dos reis.

#### DISCIPULO

Mais esperta este inseto a esperança de mi- nha ressurreição com seu nascimento e morte, que o passado com sua luz. Se basta estar res- guardado no seio humano o grãozinho insensí- vel e morto, para sair com o calor natural em breve, sensível e vivo, como não bastará fi- carmos depois da morte resguardados no seio e peito de Cristo para sairmos no dia do juízo com a força do calor sobrenatural do seu Amor, ressuscitados e vivos? Aqui fundava sem dúvida Job as esperanças de ver ressuscitado, no último dia, com seus olhos a seu Senhor, quando di- zia: *Reposita est haec spes mea in sinu meo*. Chamando a seu Deus seio seu, pois nele o mesmo Senhor o escondia. Já a nova forma com



que este bichinho depois de morto torna a sair vivo, oh, como representa a renovação ou regeneração com que nossos corpos sairão da sepultura ressuscitados; não pesados e grosseiros, mas leves com asas e dotes da ligeireza; não feios e tristes, mas alegres e formosos com o dote da claridade; não corruptíveis ou corruptos, mas fortes e incorruptíveis com o dote da impassibilidade! Oh, que alegria será a nossa quando das trevas onde estávamos metidos, sairemos a esta luz, voando por esses ares com voo tão apressado e feliz que não paremos até não chegar aos frescos jardins do céu empíreo!

Mas entretanto me dai, Mestre sapientíssimo, licença para perguntar: porque entre os príncipes e senhores, para cujo serviço dizeis se lavra a seda, não nomeastes os Templos e Altares, a quem igualmente servem os damascos sutis e veludos lavrados dos mesmos fios dos bichinhos que os fiam. Se me disserdes que o fizestes por honra da divina Majestade, em cujos sacrifícios e culto é indigno servirem bichinhos vis e baixos, lembre-vos que o mesmo Deus feito Homem se compara a bichinho da terra, quando de si diz: *Ego autem sum vermis, et non homo, opprobrium hominum, et abjectio plebis*. Bichinho que não só com fios, mas com rios de sangue enriquece e aformoseia a sua Igreja não vestindo somente Mártires de opas carmesins, mas também as Virgens de estolas brancas que branqueiam no próprio sangue que deste divino Bichinho para nossa redenção está correndo, em que todas as tintas se tomam. Mas

levai adiante, Mestre meu, a matéria destes animazinhos para ter ocasião de louvar mais a Deus.

MESTRE

Vendo o divina Providência a fraqueza destes animais pequenos, o risco que correm de suas vidas por causa da molidão e pouquidade de seus corpos, inventou mais modos de os defender e ajudar, que a animais grandes, que com a força e máquina de seus membros se defendem. A todos deu almas divisíveis com que cortada parte de seus corpos ainda vivem. Aos piraústas de água defende em águas quentes, que chamamos caldas, em que vivem ainda que seja tanta a sua quentura que a não podemos por um momento sofrer, e em que o elefante e touro metidos logo morreriam; aos piraústas de fogo conserva entre as labaredas das fornalhas de Chipre e Creta, em que se lavra ferro, no meio das quais andam voando como peixes na água nadando. Dos que com menos milagre se defendem nas águas, tem muito que notar e admirar o bichinho chamado tábula, armado com asas cobertas e de pés tão delicados e por outra parte tão fortes que com suma ligeireza correm por cima da água com o corpo sempre levantado e sustentado em alto, sem se molhar. O que também sucede a outros de figura redonda, armados de cascas envernizadas, que sempre voam sobre as águas sem cansarem, e trocando-se uns com os outros andam descansando. Os caracóis de tato molíssimo, vivem resguardados em suas casinhas, que por toda



parte trazem consigo, em que se escondem quando sentem inimigos. O mesmo fazem as bainhas tecidas de brando pêlo, outros animaizinhos de figura comprida e carne tenríssima, que vemos às vezes subir pelas paredes das casas em que vivemos, arrastando após si as próprias tendas.

Que direi da espécie de aranhas que vivem debaixo da terra em covas cuja boca sabem tapar com alçapão, dobradiço e pegado com machafênea feita de sua própria teia, tudo tão justo que se não divisa da continuação da mais terra.

E ainda que estes animaizinhos mais merecem aborrecimento por sua peçonha e má inclinação, que curiosa consideração, contudo também neles temos matéria larga de louvar a Providência divina, pois os dotou de tal habilidade e ciência geométrica, que para conservação e sustentação de sua vida, sabem lançar linhas compridas, circulares, triangulares e paralelas, que todas vão demandar ao centro da obra com tal arte e certeza, que nem dos Euclides, nem matemáticos insignes se deixam vencer; e a mesma proporção, e arte que sabem guardar na fábrica de seus paços sabem também na habitação deles. Faz a astuta aranha seu assento no meio ou centro de seu edifício, como rei no meio do reino, donde igualmente provê a todas as partes, e como as linhas da circunferência, vêm todas a dar onde ela está, fácil é sentir todo o animalzinho que toca ou pousa em qualquer delas; assim com muita ligeireza

acode e faz presa na caça, para que teceu e armou toda a rede.

#### DISCIPULO

De modo, Mestre meu sapientíssimo, que deste vosso discurso posso inferir que um animalzinho tão vil como é a aranha, se põe devagar a traçar, em certo modo consigo, como fazemos homens, de que há de comer, de que se há de sustentar; e assentando que hão de ser animaizinhos que voam pelos ares, por serem mais acomodados à sua compleição, gosto e instrumentos da boca, assenta também como fazem os destros caçadores, que o remédio para os haver à mão é armar-lhes rede de tal forma e tais malhas, que nenhum escape; assim lançando das entranhas os primeiros fios em cruz, de trave a trave ou de ramo a ramo, vai correndo com a obra em figura circular, amiudando cada vez mais os círculos e prendendo-os com tão delicado nó nas linhas, que fique a rede toda de malha miúda, mais comodada para nela ficar presa a caça do que nas redes feitas por artifício humano.

O' poderoso Deus, quem pudera ensinar um animalzinho irracional arte tão delicada, invenção tão sutil, quem imprimir instinto a seu modo tão discursivo, senão vossa divina Providência? Ela mostra a qualidade do mantimento de que a aranha se há de sustentar; ela dá a traça da rede que há de armar; ela meneia os pés delicados com que a tece; ela ensina as indústrias e ciladas com que há de caçar; ela supre as



pautas e compassos de que um matemático em semelhante obra se havia de ajudar; as rodas em que o fio se haviam de torcer, as agulhas com que a rede se havia de tecer, tudo um animalzinho guiado por vossa Providência faz com modo mais perfeito, de obra mais delicada, de fio mais sutil e fino do que houvera de sair da mão de tantos oficiais, que necessariamente haviam de concorrer e instrumentos de que se haviam de ajudar.

Mas eu, Senhor, como no artifício da aranha acho grande motivo de reconhecer e engrandecer vossa Providência que nela obra; assim no veneno e malícia com que salteia e mata, acho grande motivo de temer o demônio que a imita, pois seu ofício é fazer teias e tecer redes em que prenda nossas almas, que da terra querem subir ao céu. Cheia tem este inimigo a terra, ar e mar de laços de ambição, cobiça, torpeza e delícias da carne, como viu vosso grande Antão. Com ele quero, Senhor, perguntar, quem escapará das astúcias de tal inimigo, das redes deste infernal caçador? Vejo que me ensinai com David: *Oculi mei semper ad Dominum, quoniam ipse evellet de laqueo pedes meos*. Assim o farei, Senhor, trarei sempre os olhos em vós, pelo alto do céu andarão voando meus pensamentos e desejos; pois uma vez escapei com o voo alto da vocação à Religião, não tornarei ao baixo do mundo, antes, diante de vós eternamente cantarei: *Anima nostra sicut passer erepta est de laqueo venantium; laqueus contritus est, et nos liberati sumus*. Bendito se-

jais, pois minha alma saiu livre dos laços do inimigo, a rede se rompeu, e eu escapei.

MESTRE

Pois assim vos sabeis aproveitar, discípulo meu, do discurso das criaturas vis e baixas, irei avante, e direi da natureza e propriedades da formiga, em que também a Providência de tal maneira resplandece, que a ela, como discípulo a mestre, nos manda o Sábio: *Vade ad formicam, o piger, considera vias ejus, et disce sapientiam, quae cum non habeat ducem, nec praeceptorem, nec principem, parat in aestate cibum sibi, et congregat in messe quod comedat.* Homem frouxo e negligente na administração de tua fazenda e cuidado de tua salvação, aprende das formigas que não tendo rei, nem capitães, em tudo se governam de maneira que sabem prover-se no verão do que hão de comer no inverno.

Esta é a primeira maravilha que aponta o Sábio que, não tendo as formigas monarquia de uma cabeça, contudo se governam com leis e política de república tão ordenada, que vivem todas juntas em suma paz, concórdia, sem motins e rebeliões de guerras civis, sem roubos, sem homicídios, tratando cada uma mais do bem comum, do que do particular. Para isto a primeira arte que a divina Providência lhes ensina, é de arquitetura, com a qual tratam logo de fundar cidade em que cômodamente possam viver. E ainda que cada uma delas pudera ser mestra de obras, e mandar as outras, contudo



todas igualmente trabalham e se ocupam em abrir e cavar os alicerces, em tirar e acarretar terra, levantar e calafetar paredes e tudo mais que é necessário para a fábrica do edifício. Assim em breve saem com ruas largas, uma direita, duas atravessadas, em que passeiam, praças e terreiros em que se ajuntam; terracenas e celeiros em que recolhem o pão e mantimento de que toda a república se há de sustentar; seminário, onde, de infinita multidão de grãos, ou uvas, nascem e se criam os filhos; e como não pode cada uma ter sua cela particular em que viva, por demandar a obra grande circuito, o trabalho imenso e cômodo próprio de que são contrárias, fazem corredores e dormitórios públicos em que dormem todas, e descansam, os quais não correm direitos, mas em voltas e travessas-furtadas, umas para uma parte, outras para outra, todas burnidas e tapadas com artifício de mãos, pés e boca, de modo que ficam recolhidas como em abóbas bem calafetadas, em que não pode penetrar água; e como em labirintos escuros e confusos, em que se percam e embaracem inimigos se quiserem entrar; tudo coberto com os telhados da própria terra debaixo da qual fabricam o edifício, no qual não abrem muitas portas, como os homens fazem em suas cidades, mas com avantajada providência, uma só e esta, desviada dos ventos mais ásperos e nocivos, exposta ao sol e ventos mais favoráveis e quentes, qual é o poente.

Acabado o edifício, feitos os aposentos, é

admirável a diligência, com que toda esta gente começa a granjear sua vida. Umas saem aos campos a buscar mantimentos e trigos, de que se hão de sustentar; e para isto sabem atinar com o lugar onde o há, e escolher o tempo em que o trigo está já maduro, e custa menos, que é o estio; no qual, como acima disse o Sábio, se provêem para o inverno, como se soubessem que então podem menos trabalhar, e a carestia do trigo é maior. Outras acodem de refresco a tomar no meio do caminho a carga das que vêm cansadas. Outras alimpam o grão e trigo das cascas e bainhas de que vem ainda coberto, e com os próprios dentes o cerram, no lugar onde costuma sair a erva, por que não nasça nos celeiros subterrâneos, em que o hão de guardar. Outras pelo decurso do ano tiram o grão fora para se enxugar a humidade, que toma debaixo da terra; e para isto escolhem dias, em que podem os homens estar seguros, que há de haver serenidade, e nem gota de orvalho, ou chuva há de cair. Outras, de menos força, enquanto as demais andam fora trabalhando, ficam dentro alimpando ruas, varrendo dormitórios, que conservam tão limpos, que não somente não há monturos como se acham em nossas cidades, mas nem uma areia ou argueiro, em que possam empeçar, nem goteira ou humidade, em que o seu edificio e vida possam perigar.

E por que entre estes industriosos animai-zinhos se conserve o crédito da diligência e curiosidade em trabalhar, as que chegam à ida-



de em que por falta de forças o não podem fazer, por particular ordem da Providência divina, como entre os homens os velhos se cobrem de cãs, assim elas de penas ou asas, com que saindo à porta da sua cidade acompanhadas como por honra das demais que ficam, elas como inúteis para o governo da república e serviço da comunidade, todas, com admiração da novidade, se levantam nos ares expostas a perigos e injúrias dos tempos e rapina das aves, que a elas se enviam, e delas se costumam sustentar; mas oferecidas a uma morte honrada, livres da morte sem honra que em suas escuras trevas haviam de ter.

#### DISCÍPULO

Grande exemplo me dão estes animaizinhos para buscar empresas nobres e dignas de animoso soldado de Cristo, em que acabe com morte gloriosa, e não nos mimos e cômodos da Europa, e à sombra de meu aposento. Mas também aprendo a desprezar a terra, desestimar as coisas baixas, e deixar o mundo, e levantar-me com asas de contemplação das coisas terrenas ao céu, e dizer com David: *Quis dabit mihi pennas sicut columbae, et volabo, et requiescam.* Concedei-me, Senhor, não somente asas vagarosas e fracas de bichinhos da terra, mas ligeiras e apressadas de pomba; antes fortes e vencedoras de águia generosa: *Volabo et requiescam,* traspassarei mundos, subirei nuvens, não descansarei até pôr meu aposento no alto do

céu empíreo, e tirar e lograr a medula do cedro do monte Líbano, que sois vós.

MESTRE

*Vade ad formicam, o -piger.* Não canseis, discípulo meu, de aprender ainda mais das formigas, que elas não cansam de trabalhar, de nos ensinar; porque não sòmente o fazem de dia, mas também pelo luar da noite, o que não faz outro animal. Com a mesma indústria e diligência, atinam com o que hão de escolher, e lugar donde se há de trazer, sem se perderem no caminho, nem desviar um ponto do seguimento que de dia tomaram, e sem errarem as portas da sua cidade; tão aguda vista imprimiu a Providência divina em animais tão pequenos e vis! Tais forças lhes comunicou, que podem com peso maior do que elas são, para o que usam muitas vezes de tal arte, que carregadas andam para trás, para estribarem juntamente sobre pés, ombros e peitos, e ficar a carga mais leve. E ainda que em sua proporção e quantidade de seu corpo, têm maiores forças que todos os outros animais, contudo acomodando-se umas às outras, quando se metem pelas searas a furtar trigo, as mais valentes e maiores tomam à sua conta trepar ao alto da cana, e cortando espigas, as lançam às mais novas e fracas que ficam esperando em baixo, e podem facilmente dividir e apartar o grão da palha, e sem mais ajuda que de suas boquinhas, as podem debulhar, e sabem alimpar, e levar ainda mais leves e fácilmente a suas terracenas.



Admiráveis são as coisas deste animalzinho, como é terem dentro de sua cidade casas distintas cada uma a sua parte; uma com dispensa, onde guardam o mantimento; outras como cemitério para enterrarem suas defuntas, o que costumam fazer com a caridade que cabe em sua natureza; outras em que se agasalham e dormem. Têm o tato tão delicado, que atrepam sem cair por árvores lisas, e paredes bem calafetadas e burnidas. Têm o cheiro tão esperto, que comendo alguém no campo, onde não aparecem formigas, em caindo migalhas da mesa, logo acodem como se foram domésticas. A própria natureza, ou Providência divina, que as governa, lhes dá instinto com que sabem escolher certos dias em que se acham todas juntas, e se recolhem do campo, por onde andam espalhadas, à cidade, não para feirar como fazem os homens, pois das portas adentro têm todas as mercadorias necessárias, mas para se reconhecerem como membros da mesma república, cidadãs da mesma cidade.

#### DISCÍPULO

Louvores infinitos vos dou, sapientíssimo e poderosíssimo Senhor, porque em tão pequenos corpos pusestes tantas forças e habilidades. E pois para conservar vida tão pouco necessária ao mundo, como é a de uma formiga, metestes tanto cabedal de instrumentos, engenho e indústrias, esperança me fica que, criando-me homem, animal racional, à vossa imagem e semelhança, redimindo-me com vosso sangue, orde-

nando-me para fim tão alto, como é vossa glória, me deis todos os meios necessários para o alcançar, e para me tirar de pecados, que em animaizinhos tão pequenos se não acham, exercitar virtudes, que para os imitar, a eles me remeteis, tudo para honra e glória vossa. Amém.



## ÍNDICE

Apresentando (Dom Jaime Cardeal Câmara)....	5
Aprovação de Dom Pedro Maria de Lacerda....	7
Breve Notícia sobre o P. Diogo Monteiro (P. Augusto Magne, S. J.) . . . . .	9
MEDITAÇÃO I	
Perfeição de Deus . . . . .	13
MEDITAÇÃO II	
Da Independência de Deus.....	23
MEDITAÇÃO III	
Da Imortalidade de Deus.....	29
MEDITAÇÃO IV	
Da Imutabilidade de Deus.....	33
MEDITAÇÃO V	
Da Imensidade de Deus.....	39
MEDITAÇÃO VI	
Da Eternidade de Deus.....	47
MEDITAÇÃO VII	
Da Invisibilidade de Deus.....	51
MEDITAÇÃO VIII	
Da Santidade de Deus.....	63
MEDITAÇÃO IX	
Da Caridade de Deus para consigo.....	69
MEDITAÇÃO X	
Da Caridade de Deus para conosco.....	79

	MEDITAÇÃO XI	
Da Liberalidade	de Deus.....	89
	MEDITAÇÃO XII	
Da Misericórdia	de Deus.....	97
	MEDITAÇÃO XIII	
Da Onipotência	de Deus.....	117
	MEDITAÇÃO XIV	
Da Paciência	de Deus.....	151
	MEDITAÇÃO XV	
Da Benignidade e Clemência	de Deus.....	161
	MEDITAÇÃO XVI	
Da Doçura	de Deus.....	167
	MEDITAÇÃO XVII	
Da Providência	de Deus.....	177



**DA NOSSA BIBLIOTECA ASCÉTICA:**

- A Eucaristia**, do P. Raul Plus S. J. Versão de M. A. Machado. 140 págs. (Atso) Broch.
- A Boa Vontade**, de José Schrijvers C. SS. R. 126 págs. (Apu) Broch.
- Breves Meditações para Todos os Dias do Ano**, de Frei Pedro Sinzig O. F. M. 412 págs. (Abe) Enc.
- Catecismo Ascético ou Breve Tratado da Perfeição Cristã**, ordenado por perguntas e respostas, de Tiago Judermans C. SS. R. Versão do P. Francisco B. Alves C. SS. R. 118 págs. (Abi) Broch.
- Glórias de Maria Santíssima**, por S. Afonso Maria de Ligório, Doutor da Igreja e Fundador da Congregação do S. Redentor. Versão do P. Geraldo Pires de Sousa C. SS. R. 400 págs. (Adi) Broch.
- Prática do Amor a Jesus Cristo**, por S. Afonso Maria de Ligório. Versão do P. Oscar das Chagas Azeredo C. SS. R. 224 págs. (Ame) Broch.
- Os Exercícios da Missão**, por S. Afonso Maria de Ligório. Versão do P. Nestor Tomás de Sousa C. SS. R. 288 págs. (Fintu) Broch.
- Minhas Resoluções**, por São Leonardo de Porto-Maurício O. F. M. Versão de Fr. Nazário Knabben O. F. M. 102 págs. (Alna) Broch.
- A Vida Espiritual reduzida a três princípios**, pelo P. Maurício Meschler S. J. 3.<sup>a</sup> edição. 232 págs. (Agra) Broch.
- Tratado da Verdadeira Devoção à SS. Virgem**, por S. Luís Maria G. de Montfort. Nova edição portuguesa, com uma palavra de recomendação por D. Frei Henrique G. Trindade e prefácio do Pe. F. W. Faber. 320 págs. (Adja) Broch. — (Adru) Enc. — (Arfi) Luxo
- Pedidos à Editora Vozes Ltda.  
Caixa postal, 23 — Petrópolis, R. J.  
Filiais: Rio e São Paulo

---

Palavra telegráfica deste volume — Alnu Broch.